

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

EDU FERNANDES LIMA JACQUES FILHO

FÃS NO PARADIGMA DA MUDIATIZAÇÃO:
Casos de dispositivos em torno de Harry Potter

SÃO LEOPOLDO

2014

EDU FERNANDES LIMA JACQUES FILHO

FÃS NO PARADIGMA DA MEDIATIZAÇÃO:

Casos de dispositivos em torno de Harry Potter

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Ferreira

SÃO LEOPOLDO

2014

J19f

Jacques Filho, Edu Fernandes Lima.

Fãs no paradigma da mídiatização : casos de dispositivos em torno de Harry Potter / Edu Fernandes Lima Jacques Filho. – 2014.

126 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2014.

"Orientador: Prof. Dr. Jairo Ferreira".

1. Comunicação de massa. 2. Harry Potter (Personagem fictício). 3. Literatura e Internet. 4. Fanfic. 5. Fãs (Pessoas).
I. Título.

CDU 659.3

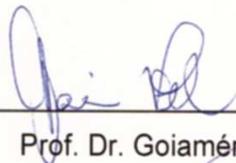
EDU FERNANDES LIMA JACQUES FILHO

"FÃS NO PARADIGMA DA MUDIATIZAÇÃO: CASOS DE DISPOSITIVOS EM TORNO DE HARRY POTTER"

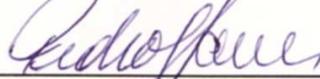
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovado em 28 de fevereiro de 2014

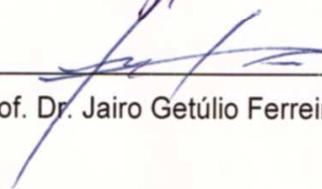
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Goiamérica Felício Carneiro dos Santos – UFG



Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes – UNISINOS



Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira – UNISINOS

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem o auxílio de algumas pessoas. Dedico esta página a elas.

Agradeço em primeira instância aos meus familiares, que sempre me incentivaram nas escolhas tomadas e, claro, transformaram o que era desejo numa possibilidade concreta. Em especial menciono minha mãe, Carmem Vera, e meu pai, Edu. Não por menos, agradeço também a minha irmã, Luana, por servir-me de inspiração há 24 anos.

À Alana, pela cumplicidade durante esses dois anos de trabalho. As cinco horas que traduzem nossa distância geográfica não nos separaram.

À Unisinos, por ter possibilitado que chegasse até aqui com uma justa dose de reflexão e crítica. Nesse âmbito estão os professores do curso, aos quais agradeço por terem proporcionado um debate franco e demonstrarem abertura às solicitações minhas e de meus colegas. Reservo atenção sobre aqueles que promoveram a Linha de Pesquisa IV da PosCom a um espaço de construção intelectual, seja nos corredores ou nas salas de aula: Jairo Ferreira – meu orientador –, Pedro Gilberto Gomes, Antônio Fausto Neto e José Luiz Braga.

Aos colegas e companheiros durante esse período de crescimento acadêmico e pessoal. Com destaque a Thales Pimenta, Daiane Costa, Iuri Rodrigues, Diva Gonçalves e Moisés Sbardelotto.

Aos coordenadores dos Herdeiros de Sonserina pela disposição e simpatia com que me receberam.

É meu dever intelectual agradecer ainda a quem me estimulou desde os primeiros passos como pesquisador. Assim sou devedor dos professores Luís Fernando Minasi e Renato Della Vecchia, com os quais mantive intenso contato durante a graduação.

Ao fim, reconheço a importância da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes pela aposta nos pesquisadores brasileiros demonstrada pelos benefícios a nós concedidos.

RESUMO

As apropriações dos fãs sobre a narrativa Harry Potter assumem direcionamentos variados. O seguinte trabalho tenta dar conta dessas relações que ocorrem na continuidade do consumo, da recepção. Esse enfoque de pesquisa toma como princípio a fundação de novas relações comunicacionais, entendidas no conceito ainda inacabado de mídiatização. Em nossa tarefa optamos pelo método abduutivo, juntamente das operações de analogia e homologia, com vistas a descobertas criativas, não-tautológicas. Trata-se de um estudo de múltiplos casos de pesquisa ancorados numa perspectiva qualitativa. Ademais, assumem-se como perguntas de horizonte os questionamentos sobre as matrizes presentes nos dispositivos selecionados: a sócio-antropológica, a semio-discursiva e a tecno-tecnológica. O sentido do que os admiradores da série fazem atravessa exemplos distintos, impulsionados pela consolidação da internet. Para compreender essa relação contemporânea selecionamos três dispositivos que reinterpretem o enredo original: dois sites de fanfictions – fanfiction.net e Floreios e Borrões, duas páginas do Facebook – A Varinha e Harry Potter – e um fã-clube baseado em Porto Alegre, os Herdeiros de Sonserina. Primeiramente faremos descrições e breves apontamentos sobre o funcionamento dos casos. Analisa-se então, por analogia e homologia, a relação que mantêm entre si, dentro da lógica de práticas dos fãs. Dessa reflexão encontramos alguns indícios que qualificamos como a verticalização dos dispositivos, a prevalência do valor de culto e as limitações interacionais das estruturas formadas. Contudo, essa formulação exige questionamentos de ordem comunicacional para se tornar completa. Assim, ao final desenvolvemos novas abduções, ou seja, elaboramos hipóteses sobre o sentido das criações com relação à série original. Nossas pistas refletem a partir dos fenômenos observados como: a expansão dos circuitos de fãs; a coexistência com paradigmas de comunicação anteriores; a preocupação em formar programas de apropriações; a legitimação dos produtos canônicos; o pacto da indústria com as apropriações dos fãs; a delimitação das criações pelas estruturas e hierarquias dos dispositivos; e as qualidades temporais das derivações.

Palavras-chave: mídiatização; fãs; circulação; Harry Potter; literatura.

ABSTRACT

The appropriations of fans on the Harry Potter narrative assume varied directions. The following work attempts to explain these relations occurred at the continuity of consumption, beyond the first stage of reception. This approach takes as principle the foundation of new communication relations, understood at the unfinished concept of mediatization. In our task we have chosen the abductive method, along the operations of analogy and homology, looking for creative, non-tautological, discoveries. This study is based upon multiple cases of inquiry anchored in a qualitative perspective. Furthermore, we selected as basic questions three matrices present in the selected devices: the socio-anthropological, the discursive-semiotic and the techno-technological. The sense of what the admirers of the series makes cross distinct examples driven by the consolidation of internet. To understand this contemporary relationship we have selected three devices that reinterpret the original plot: two websites of fanfictions - fanfiction.net and “Floreios e Borrões”; two Facebook pages – “A Varinha” and “Harry Potter”; and a fan club based in Porto Alegre, the “Herdeiros de Sonserina”. First of all, we will make descriptions and brief notes about the functioning of the cases. Then we can analyze, by analogy and homology, the relationship they maintain with each other, within the logic of practices of fans. We found evidence such as formation of hierarchies, prevalence of cult of the series and the limitations formed by selected structures. However, this formulation requires questionings of communication order to become complete. Thus, at the end we have developed new abductions, in other words, we have elaborated hypothesis about the meaning of creations related to the original series. Our inferences from the observed phenomenon perceived such processes: the expansion of fan circuits; the coexistence with previous communication paradigms; the intentions on forming appropriation programs; the legitimacy of the canonical products; the pact of the industry with the appropriations of the fans; the delimitation of the creations by the structures and hierarchies of devices, and temporal qualities of poaching activities.

Keywords: mediatization; fans; circulation; Harry Potter; literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Em "Harry Potter" 68 milhões de pessoas curtiram.....	30
Figura 2 – Em "A Varinha" 273 mil curtiram	31
Figura 3 – Instantâneo de vídeo sobre encenação durante encontro regular.....	37
Figura 4 – Instantâneo de vídeo em que participante comenta desenho	38
Figura 5 – Disposição da sala durante encontro regular, 2012.....	39
Figura 6 – Mesa com produtos à venda durante evento	40
Figura 7 – Duelo entre fãs na Academia de Aurores, 2012.....	41
Figura 8 – 1º Baile de Inverno dos Herdeiros de Sonserina, 2012	42
Figura 9 – Instantâneo de vídeo das Olimpíadas Mágicas, modalidade Rachacrânio, 2011.....	43
Figura 10 – Capa de <i>Harry Potter e o Príncipe Bastardo</i>	52
Figura 11 – Capa de <i>Harry Potter e o Último Horcrux</i>	53
Figura 12 – Indicação do local dos comentários públicos em A Varinha	62
Figura 13 – Sim, vc é fabuloso rsrsrs	64
Figura 14 – Ela é demais... /\.....	65
Figura 15 – Cicatrizes. PT.....	67
Figura 16 – Acreditam que isso é um bolo? /\.....	67
Figura 17 – Cuidado com as palavras, use-as com cautela. LL.....	68
Figura 18 – Eu confesso e ainda choro toda vez que vejo, não tem como não chorar e se emocionar. LL.....	69
Figura 19 – What charm is being cast here?	69
Figura 20.....	70
Figura 21 – Unless you have a Time-Turner	71
Figura 22 –Que horas são? /\.....	72
Figura 23 – Como assim...! SP	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronologia da série: publicações e filmes.	16
Quadro 2 – Filmes de Harry Potter e lucro estimado.....	17
Quadro 3 – Métodos de raciocínio clássicos.....	25
Quadro 4 – Fanfictions “T” com mais comentários em fanfiction.net.....	49
Quadro 5 – Fanfictions mais lidas em Floreios e Borrões	51
Quadro 6 – Proposta de analogia entre redes sociais e circuitos	95

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Justificativa.....	14
1.2. A história de Harry Potter	15
1.2.1. Enredo	18
1.2.2. Reação de críticos e comentadores.....	19
2. OBJETIVOS E PROBLEMATIZAÇÃO	21
2.1. Perguntas	21
2.1.1. Dos circuitos comunicacionais expandidos.....	22
2.1.2. Da verticalização (aspecto sócio-antropológico).....	23
2.1.3. Das narrativas	23
2.1.4. Das técnicas e tecnologias nos dispositivos	24
3. MÉTODO E METODOLOGIA	25
3.1. Método	25
3.1.1. Percursos para a abdução.....	26
3.1.2. Condições para a analogia.....	28
3.2. Definição do <i>Corpus</i>	29
3.3. Proposições iniciais	33
4. EXPOSIÇÃO DAS APROPRIAÇÕES DE FÃS	35
4.1. Fã-Clube	35
4.1.1. Emprego das ferramentas digitais	43
4.1.2. Socialização e ludismo	44
4.2. Sites de Fanfictions	46
4.2.1. Interação autor-leitor	55
4.2.2. Desenvolvimento da competência instrumental na escrita.....	58
4.3. Páginas do Facebook.....	60
4.3.1. Imagens em circulação	74

5. FÃS E A MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA	77
5.1. Técnica e Tecnologia	77
5.1.1. TICS, igualdade e competências	80
5.1.2. Dispositivos	82
5.1.3. Usos e Práticas.....	83
5.2. Fãs em Rede	84
5.2.1. Fã Produtor	87
6. MUDIATIZAÇÃO	90
6.1. Genealogia.....	91
6.2. Circuitos múltiplos	92
7. INFERÊNCIAS	96
7.1. Entre os casos	96
7.1.1. A verticalização das relações.....	97
7.1.2. A prevalência do valor de culto.....	99
7.1.3. As limitações interacionais das estruturas	103
7.2. Dos casos com a série (hipóteses comunicacionais)	105
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	121

1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa com o qual ingressamos no Mestrado passou por diversas alterações no decorrer do curso. A proposta inicial apresentava-se mais inclinada a realizar uma análise no sentido da produção em que se sustentava a narrativa de Harry Potter. No entanto, nosso avanço gradual transformou essa iniciativa em uma dissertação essencialmente preocupada com o processo de circulação. E percebemos como os fãs de Harry Potter produzem múltiplos exemplos dentro dessa lógica. Não estamos querendo reduzir a circulação ao interlúdio entre produção e recepção, mas adotar uma perspectiva mais ampla, de vê-la como etapa posterior ao consumo.

Com efeito, coloca-se antecipadamente ao estudo o questionamento: por que motivo não se trata de uma pesquisa sobre recepção? O estabelecimento de um quadro comunicacional que privilegia a capacidade de participação de instituições e atores individuais em circuitos não poderia ser analisado somente por uma aproximação aos consumidores. As criações derivadas das quais tratamos podem apenas ser compreendidas no horizonte em que são postadas, acionadas, disseminadas. E de certo modo essa dinâmica confere um matiz particular às categorias de produção e recepção. Os papéis são cambiáveis, não estanques.

Sobre esses posicionamentos pesaram as discussões desenvolvidas na linha de pesquisa Mídiação e Processos Sociais. E será a partir do conceito inacabado de mídiatização que fundamentaremos nossos problemas. Mas antes de iniciarmos a problematização introduzimos o desenho básico deste documento.

A exposição inicial parte dos problemas de pesquisa, formulados de acordo com nossa área de referência e os materiais empíricos. O capítulo 2 intenta classificar as perguntas e resumir o enfoque de cada interrogação. Revelamos que o princípio de nossa reflexão é guiado por uma discussão acerca dos dispositivos contemplados no *corpus* do trabalho. Assim, fornecemos quatro questões como base para as inferências posteriores. Além da dimensão comunicacional, pretendemos incluir um aspecto triádico intrínseco às relações entre fãs existentes em nossa seleção (FERREIRA, 2006). O processo de ascensão e descenso sobre os elementos teóricos e empíricos desenvolvido desde a etapa de pesquisa exploratória nos permitiu aprimorarmos as

perguntas segundo as camadas sócio-antropológica, semio-discursiva e tecnotecnológica.

Adiante, remodelamos o texto a partir das críticas recebidas no processo de qualificação. Antecipamos para o capítulo 3 o trecho sobre o método e a metodologia articulados. Com isso julgamos facilitar a compreensão de nosso modo de pensamento antes de procedermos à exposição empírica. Incluímos uma pormenorização sobre os papéis da analogia e homologia na abdução, o modelo de inferências adotado. O desenvolvimento de nosso argumento nesse trecho toma parte nas discussões feitas com o orientador e em leituras sobre epistemologia. Entretanto, estamos desenvolvendo na dissertação um método experimental de abdução. Nas demais subdivisões tratamos de delimitar o *corpus* e formular as proposições iniciais com as quais trabalharemos. Essas proposições estão em sintonia com os problemas apresentados.

A posição da quarta parte do texto foi motivo de discussão especial até que a estabelecêssemos. A escolha privilegia os empíricos antes da reflexão teórica. Embora atípica, essa estrutura se dedica a situar o leitor a partir dos materiais analisados, para que compreenda *sobre o que* estamos falando. Entre os casos encontramos duas páginas do Facebook – A Varinha e Harry Potter –, dois sites de fanfictions¹ – fanfiction.net e Floreios e Borrões – e um fã-clubes localizado em Porto Alegre, os Herdeiros de Sonserina. Descrevemos o modo de funcionamento de cada um deles e assim produzimos inferências locais, analisando a ordem interna de seu funcionamento.

No capítulo 5 avançamos sobre as principais categorias utilizadas na pesquisa. Os esforços são destinados a compreender a técnica e a tecnologia ultrapassando uma dimensão determinista. Para tanto os estudos de Miège (2009) e Ferreira (2006) nos auxiliarão. Na sequência o texto aprofundará a noção por trás da categoria fã. Esse grupo social ganha em visibilidade com as novas relações de comunicação midiaticizada. Para observá-los a partir daí buscaremos as obras de Jenkins (1992, 2006) e Flichy (2010). O capítulo 6 é uma continuidade dessa teorização, todavia enfoca na dimensão comunicacional, mais especificamente o paradigma em que estamos entrando, a midiaticização. Apesar de os estudos sobre esse fenômeno terem caráter preliminar,

¹ Fanfiction, ou ficção de fã, é a denominação usada para descrever textos produzidos por admiradores de determinado produto cultural.

apontamos alguns que nos ajudarão nas análises: Verón (1997), Gomes (2011) e Braga (2012).

Inferências mais amplas serão elaboradas no capítulo 7 a partir dos problemas de pesquisa. Elas conduzem nosso método abduutivo à realização de analogias relacionais e processuais entre os casos escolhidos, acionando cada dispositivo descrito: *fanfictions*, *fanpages* do Facebook e *fã-clube*. E a seguir, para que nosso julgamento não se isole sobre os casos e consiga alcançar alguma potência criativa, empregaremos abduções com base nas inferências anteriores e nas lógicas que os casos manifestam em relação à série. O plano é que com esse esquema consigamos explorar tópicos comunicacionais vislumbrando no horizonte a expressão de nossos materiais empíricos.

1.1. Justificativa

A proposição deste trabalho sustenta-se no desenvolvimento pessoal do pesquisador. A observação feita sobre a série ainda durante nosso período escolar alimentou dúvidas que persistem na atualidade. Harry Potter foi capaz de alcançar um sucesso sobre o qual desconhecemos exemplos à altura na literatura juvenil. E paralelo a isso foi uma das primeiras narrativas que a geração formada sob o uso internet pôde acompanhar. A subsequente adaptação do enredo em oito filmes culminou em alçar a franquia a um patamar de destaque no mercado.

Certamente não é surpresa que vários outros pesquisadores em início de carreira se debrucem sobre esse tema. Eles testemunharam o mesmo processo. Uma breve consulta aos anais de eventos de Comunicação nos aponta a fertilidade do assunto. Entretanto, nada do que aí encontramos buscava entender a relação da série com a midiatização. O fato de os fãs se articularem e produzirem sentidos derivados a partir dos cânones foi o fenômeno que então atraiu nossa atenção.

Esse projeto aliou-se a uma sempre viva curiosidade de conhecer a cultura associada ao mercado. Frequentemente esses produtos são chamados de *pop*, o que não necessariamente os envolve dentro da cultura popular. De nossa parte, a atenção dedicada a compreender os processos de consumo e sua continuação envolve um longo investimento na observância do mercado da música, do cinema, da literatura. Portanto

aqui damos estrutura a esses anseios, em especial no que toca a literatura, o cinema e suas relações de consumo continuado.

A busca de explicações sobre esse êxito da cultura massiva encontrou no campo da Comunicação suas perguntas. De um lado temos uma prática de culto às séries que pode ser entendida como o movimento dos fãs, doutro a emergência que a expressão individual adquire em um paradigma que amplia o alcance de expressão dos consumidores. Para esse fim não trabalharemos Harry Potter como um exemplo de *literatura mercado* – no que concerne necessariamente suas implicações dentro de uma cultura de consumo massificado – mas como uma narrativa que se põe a circular conforme os redirecionamentos dos fãs. Aí as tecnologias certamente entram como fatores fundamentais, mas o fundo do fenômeno tem um sentido mais complexo. É o que tentaremos compreender nas linhas a seguir.

1.2. A história de Harry Potter

Harry Potter é de autoria de Joanne Rowling, britânica com formação em língua francesa. A obra marcou sua estreia no mercado das letras. A concepção do enredo e o lançamento do primeiro título da série se desenvolvem por um período de sete anos. Rowling conta ter idealizado a saga do herói bruxo enquanto fazia uma viagem de trem entre Londres e Manchester em 1990 (GUNELIUS, 2008: p. 3). No intervalo entre a ideia germinal e a publicação a autora morou em Portugal e teve uma filha. Após passar por dificuldades financeiras, Rowling submeteu o manuscrito do primeiro Harry Potter a duas agências literárias. Logo, a dificuldade foi encontrar uma editora que aceitasse imprimi-lo; foram 13 contatos até a assinatura com a Bloomsbury, de Londres. A primeira edição em inglês de Harry Potter e a Pedra Filosofal (*Harry Potter and the Philosopher's Stone*) começou a ser vendida em 1997.

Desde o início o interesse da escritora era redigir sete volumes para contar o percurso completo do protagonista, um título para cada ano de seu desenvolvimento. Entretanto, o mercado editorial à época não se demonstrava aberto a sua novela. Além de narrativas fantásticas acumularem baixos índices de venda, a britânica apresentava

uma história para público infantil com 90 mil palavras, quase o dobro da faixa concebida como adequada, 50 mil (GUNELIUS, 2008: p. 15).

Apesar dos riscos, a indústria abraçou a história de Rowling. A editora Bloomsbury em seu novo segmento de literatura infantil investiu na qualidade da obra. A saga de Harry Potter não só obteve respaldo no Reino Unido, como no mesmo ano de lançamento de *A Pedra Filosofal*, 1997, editores da Scholastic desembolsaram a maior quantia até então registrada pelos direitos de publicação de uma série nos Estados Unidos, 105 mil dólares (GUNELIUS, 2008: p. 9). E após séries de reimpressões nos dois países, a autora passou a receber assédio de estúdios de cinema. A negociação perdurou porque Rowling não quisera perder os direitos de intervenção nas futuras filmagens, até que a Warner Bros – do conglomerado Time Warner – entrou em acordo com ela. Dado o acerto, o estúdio deu início ao *merchandising* de produtos relacionados à série, como brinquedos e jogos. Mais tarde seriam sites e parques temáticos.

A cada novo título publicado, até o desfecho da história, em 2007, com Harry Potter e as Relíquias da Morte (*Harry Potter and the Deathly Hallows*), Rowling escreveria livros cada vez mais longos, desafiando as projeções iniciais, contrárias à divulgação de textos muito extensos para o público infantil. Em verdade, Harry Potter apresentou desde cedo um enredo que não se limitava a encantar esse mercado. A publicação soube agradar também aos adultos (GUNELIUS, 2008: p. 14).

A estreia da saga no cinema ocorreu em 2001, entre o quarto e o quinto livro (quadro 1). Sucesso em medida similar à publicação, o título Harry Potter e a Pedra Filosofal arrecadou 974 milhões de dólares no mundo – mais estatísticas sobre o lucro se encontram no quadro 2, a seguir. A narrativa audiovisual foi concluída em 2011 com a *première* da segunda parte de As Relíquias da Morte.

Quadro 1 – Cronologia da série: publicações e filmes.

	Livro RU	Livro BR	Filme
Pedra Filosofal	1997	2000	2001
Câmara Secreta	1998	2000	2002
Prisioneiro de Azkaban	1999	2000	2004
Cálice de Fogo	2000	2001	2005
Ordem da Fênix	2003	2003	2007
Enigma do Príncipe	2005	2005	2009
Relíquias da Morte	2007	2007	2010-2011

Elaborada por este autor

Dados indicam sucesso sem precedentes na literatura e no cinema. A estimativa sobre o total de livros vendidos é difícil de obter considerando-se as mais de 60 traduções. Porém, somente em língua inglesa somam-se cerca de 450 milhões de exemplares adquiridos até 2011. No Brasil os registros apontam para 3,6 milhões de vendas. O número tornaria Harry Potter a série literária de maior sucesso na história.

No cinema os resultados de bilheteria são igualmente astronômicos:

Quadro 2 – Filmes de Harry Potter e lucro estimado

Filme	Renda total (em milhões USD)²
Pedra Filosofal	974
Câmara Secreta	879
Prisioneiro de Azkaban	796
Cálice de Fogo	896
Ordem da Fênix	939
Enigma do Príncipe	934
Relíquias da Morte I	960
Relíquias da Morte II	1.341
Total	7.719

Fonte: Box Office Mojo

A ascensão da ficção levou sua autora a evoluir da necessidade de empréstimos pessoais, na época em que redigia seu primeiro volume, para uma fortuna estimada em um bilhão de dólares³ na segunda década dos anos 2000. Com o investimento de empresários de setores distintos na franquia, o valor da marca decolou: atualmente estima-se em 24,7 bilhões de dólares seu valor levando-se em conta apenas livros, DVDs, filmes e brinquedos⁴.

A potência do nome Harry Potter incentivou a criação de parques temáticos tanto nos EUA quanto no Reino Unido. Em Orlando, a Universal Parks & Resorts (empresa associada a Universal Studios, ambas subsidiárias da NBC Universal, concorrente da Time Warner) montou o Mundo Mágico de Harry Potter e já planeja expandi-lo para o Japão e Los Angeles. Enquanto a Warner transformou os estúdios de filmagem em Londres num local de visitação.

² De acordo com <http://boxofficemojo.com/alltime/world/>. Acessado em 14 jan. 2014.

³ Estimativa da revista Forbes: <http://www.forbes.com/profile/jk-rowling/>. Acessada em 14 jan. 2014.

⁴ Valor da franquia e número de livros comercializados em língua inglesa podem ser conferidos em: International Business Times: <http://www.ibtimes.co.uk/articles/356466/20120626/harry-potter-jk-rowling-warner-bros-time.htm>. Acessado em 14 jan. 2014.

A renovação da franquia tem alguns expoentes de expressão. Há o portal *Pottermore* em que fãs podem experimentar serem personagens da história em uma releitura interativa – e, claro, adquirir produtos do catálogo. Já em setembro de 2013 a Warner Bros anunciou que Rowling será roteirista de uma série de filmes baseados em um dos livros complementares da trama principal, *Animais Fantásticos e Onde Habitam*. Os outros títulos literários, oficiais, que exploram o universo ficcional de Harry Potter são *Quadribol Através dos Séculos* e *Os contos de Beedle, o Bardo*.

1.2.1. Enredo

Harry Potter narra o crescimento de um menino órfão que em meio a uma vida de privações descobre ter talentos mágicos. Sua jornada inaugura-se em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, quando é convocado a integrar o corpo estudantil de uma escola de magia chamada Hogwarts. Como cenário, o universo mágico sobrepõe a esfera da vida cotidiana. Enquanto poucos podem ter acesso ao primeiro, a série se inspira em desenhar as situações e figuras que nele despontam.

Outros personagens se juntarão a Harry durante sua autodescoberta como bruxo. Ronny e Hermione são cúmplices de suas aventuras, da matrícula em Hogwarts através dos sete anos e durante cada um dos sete volumes correspondentes. Esse laço se constrói já em *a Pedra Filosofal* quando o protagonista necessita do auxílio deles para resolver enigmas e livrá-lo das ameaças. Os professores da escola também participam da trama. Enquanto Dumbledore, o diretor, e Minerva simpatizam com o herói, Snape é ambivalente, não sendo possível prevê-lo. Esse professor manifesta tanto o amor que sentia pela mãe de Harry quanto a repulsa que o pai do menino lhe despertava.

Joanne Rowling tematizou classes sociais escrevendo sobre a origem de Hermione. A personagem tem pais não-bruxos (na terminologia da série *muggles* – *trouxas* na tradução) o que a torna alvo de discriminação por outros alunos. O universo dos bruxos também representa uma hierarquia de castas, em que os mais nobres seriam aqueles de famílias tradicionais, chamados de “*sangue puro*”.

A ficção não se furta a estabelecer uma dicotomia entre bem e mal. A antítese de Harry é Voldemort, o vilão superpoderoso. Há uma forte ligação entre eles que será

descrita no decorrer dos livros. Quando Harry ainda era bebê, o antagonista sente-se ameaçado pela profecia de um menino que lhe derrotaria, desejando assim eliminar a criança. Voldemort se defronta com os pais de Harry, que se sacrificam para salvá-lo através de um feitiço de proteção; quando o vilão tenta eliminar o garoto a magia é acionada e contra-ataca, enfraquecendo o homicida e deixando o bebê com uma cicatriz na testa. Essa situação é o momento criado por Rowling para esboçar entre os dois uma ligação mágica, uma permuta de memória, talentos, visões.

Mas a constante influência de Voldemort sobre Harry é posta à prova. No início da história, o garoto é selecionado, assim como os demais alunos, por um chapéu mágico. O objeto classificaria os estudantes de acordo com suas características, mas Potter se opõe arduamente contra a sugestão de ocupar o grupo escolar ao qual o vilão pertencera, Sonserina. Harry escolhe efetivamente não seguir o mesmo caminho de Voldemort. Paralelamente, o que se acentua conforme a saga avança é a tentativa do antagonista de retornar de seu exílio e estabelecer um regime ditatorial no universo mágico.

A história tem inspiração diversificada. É cultuada como um conto de fadas moderno, muito embora consista numa amálgama de tradições greco-latinas, cristãs, da Europa Medieval e fatos históricos. Poderíamos enumerar as referências produzidas sobre fábulas e mitologias como as da fênix, da medusa, do lobisomem, juntamente com ensinamentos da cristandade, como a impureza da serpente. Por outro lado são velados episódios históricos, a exemplo do nome Salazar Sonserina⁵ – antigo e poderoso bruxo –, admitido como referência tanto a António Salazar quanto a SS nazista (SMADJA, 2004: p. 22).

1.2.2. Reação de críticos e comentadores

No meio literário Harry Potter foi celebrado pela popularidade e seus temas humanistas e condenado pelo que seria o excesso de clichês e dependência do *marketing* para atingir o sucesso. Tanto no Brasil quanto no exterior a saga produziu estudos que

⁵ Sonserina é a tradução de *Slytherin*. Essa alcunha serve para designar magos do grupo dos “sonsos”, “ludibriadores”. Não por acaso seu símbolo é uma cobra, tal qual o ser bíblico (IBAÑOS & OLIVEIRA In: Jacoby & Rettenmaier (orgs.), 2005).

tentavam associar seu conteúdo com a inesperada mania de leitura suscitada entre os jovens. A francesa Isabelle Smadja (2004) buscou uma leitura psicanalítica, assim como Diana e Mário Corso (2006). Embora tenham tonalidades diferentes, a começar pela extensão dedicada ao tema, as duas análises ressaltam a figura do herói com a qual crianças e adolescentes podem se identificar. A escolarização e o desafio do crescimento se emparelham com questões clássicas como bem *versus* mal e reconhecimento da importância dos pais. A dualidade entre mágico e desencantado é uma alegoria entre problemas reais (inclusive históricos) e a perda da inocência.

Não obstante, o professor das universidades de Yale e New York, Harold Bloom, se dedicou a combater a série. Tachando a obra de Joanne Rowling de pouco enriquecedora, ele condenou-a assim como boa parte da literatura infantil contemporânea [*apud* Ceccantini, In: Jacoby & Rettenmaier (orgs.), 2005]. Bloom defenderia a importância de uma literatura clássica como Lewis Carroll ou mesmo Shakespeare. Já em tom menos analítico e mais condenatório surgiram alguns discursos execrando a série por fazer apologia ao misticismo. Esse argumento, sobretudo de origem religiosa, observa Jenkins (2009: p. 244), pode ser contrabalançado com o reconhecimento que algumas instituições eclesiásticas deram às características virtuosas do herói.

A partir de 2006 um domínio em inglês, The Leaky Cauldron, passou a publicar artigos com o tema Harry Potter. A revista Scribbulus⁶ tem edições disponíveis até setembro de 2011, totalizando 28 volumes. No Brasil, uma obra organizou ensaios baseados na ficção. *Além da plataforma nove e meia*, publicado em 2005, foi organizado por Sissa Jacoby e Miguel Rettenmaier.

⁶ Acessível em: <<http://www.the-leaky-cauldron.org/features/essays/issues>>. Último acesso: 2 fev. 2014.

2. OBJETIVOS E PROBLEMATIZAÇÃO

Entre os fundamentos da pesquisa, a definição de objetivos pode fornecer ao leitor o trajeto da análise. É verdade que o objetivo geral, que comumente formulamos nas etapas iniciais, de redação do projeto, encontra-se em sintonia com uma dúvida básica, anterior ao processo de pesquisa. Não estaremos dizendo que esse fundamento permaneceu intocado durante dois anos, pelo contrário, a ideia e sua redação sofreram diversas alterações de acordo com os avanços de nossa proposta. Pois, o que tomamos hoje de forma consciente será resumido em certo *objetivo geral*: conhecer a dinâmica de apropriação de fãs de Harry Potter nos casos observados.

De acordo com essa visada panorâmica, é necessário que nas páginas seguintes desenvolvamos algo com direcionamentos mais específicos. Eis que chamaríamos de objetivos específicos essas intenções. Fica claro que apenas serão legítimas na medida em que articulem os casos apresentados doravante, teorias e percursos pertinentes a nossa área de atuação. Os objetivos específicos são afins aos problemas elaborados no próximo subitem.

Os enunciamos:

- compreender a formação de circuitos comunicacionais de criações de fãs;
- apreender as hierarquizações moldadas no interior dos grupos pesquisados;
- interpretar os sentidos das criações a partir da trama original;
- e avaliar a importância das técnicas e tecnologias para a manutenção dos laços entre fãs.

2.1. Perguntas

O ponto de inflexão em nossa análise foi o estabelecimento de quatro questões elementares. Sua constituição partilha tanto da observação prévia que fizemos durante os primeiros meses no curso, como das reflexões em andamento no campo da Comunicação.

Com o intuito de esquematizar o estudo, antecipamos as perguntas tidas como problemas a partir de seus acionamentos conceituais. Assim, com maior relevância ao primeiro tópico: *a expansão dos circuitos comunicacionais; a verticalização das relações entre fãs; a estética das narrativas derivadas; e as técnicas e tecnologias nos dispositivos*. Esses eixos reflexivos nos auxiliarão a delimitar o horizonte de pesquisa.

É providencial a contribuição de Ferreira (2006) como modelo metodológico para o trabalho com dispositivos midiáticos⁷. De acordo com o autor, o conceito de dispositivo ultrapassa a reflexão tecnológica, ainda que a contenha. Abordaremos os detalhes dessa conceituação no segmento 5.1.2. Basta referirmos aqui que três de nossas perguntas analisam as ações dos fãs a partir dessa natureza. As três camadas do dispositivo estão nelas concebidas, a sócio-antropológica (hierarquização), a semio-discursiva (estética) e a tecno-tecnológica. Ademais, a primeira questão representa a preocupação em interpretar o conteúdo comunicacional das ações que os fãs empreendem.

Ressaltamos que o quadro em que situamos nossa proposta diz respeito ao fenômeno entendido como midiatização. O termo engendra a mudança de um paradigma de sociedade regida por contextos onde estão inseridos os meios de comunicação para uma sociedade conduzida por fluxos informacionais difusos e diferidos (expressos no conceito, em construção, de circulação). É importante neste empreendimento compreendermos as possíveis mudanças na expressão do indivíduo comum, possibilitada pela emergência de técnicas e tecnologias de comunicação e seu domínio instrumental. Esse cenário conjugado à afinidade que a geração de Harry Potter detém com as tecnologias permitirá a disseminação de discursos promovidos por fãs.

2.1.1. Dos circuitos comunicacionais expandidos

O crescimento de sites focados em Harry Potter faz pensar que as criações de fãs ficam restritas a esses espaços e, por sua vez, a atores que são particularmente interessados na série. Um indivíduo que em princípio não dedique atenção a esse tema não se depararia com produções derivadas. Entretanto, algumas das redes criadas

⁷ Parte da reflexão sobre dispositivos *mediáticos* pode ser consultada no artigo de Daniel Peraya, *Médiation et Médiatisation*, In: *Hermes* nº 25, 1999. A seguir aprofundaremos nossa perspectiva sobre o conceito.

pertencem estruturalmente a circuitos mais amplos. É o caso do Facebook. Na rede de socialização *online* há fontes de conteúdo sobre a saga do jovem bruxo que tem suas postagens compartilhadas por fãs e se tornam acessíveis a pessoas não diretamente interessadas, fazendo transbordar as produções do fandom⁸. De outro lado, o fã-clube que analisaremos envolve uma rede tradicionalmente qualificada como restrita, mas que emprega as tecnologias para promover seu circuito.

Esse fenômeno comunicacional diverso, em função de sua amplitude, poderia ser refletido em torno do seguinte questionamento de matriz comunicacional:

- que lógicas comunicacionais podem ser observadas no surgimento de circuitos de fãs sobre Harry Potter ?

2.1.2. Da verticalização (aspecto sócio-antropológico)

Dentro do fandom os ambientes de interação são distintos. Por exemplo, um apreciador de Harry Potter pode participar de sites para postagem de fanfictions ou ir a encontros de um fã-clube. Nessas opções (não excludentes) se cria uma organização que fundamenta as atividades. Tal força que atua sobre o fã é tanto resultante dos atores que coordenam os espaços, ou seja, outros fãs, como das estruturas disponíveis. São exemplos das estruturas, e que estudaremos aqui, as desenvolvidas através de ferramentas digitais, em sites, redes de socialização *online* etc. Isso evidencia nossa preocupação em questionar o lugar que os promotores ocupam na criação de um contexto de poder entre os fãs. Essa proposição nos leva primeiramente a seguinte pergunta:

- como se formam certas hierarquias no interior dos grupos de fãs?

2.1.3. Das narrativas

⁸ Quando se fala no conjunto amplo dos fãs de determinado objeto emprega-se o termo fandom, contração inglesa de “domínio de fãs”.

Quando atuam sobre a obra os fãs podem criar, proferir discursos não previstos na trama original. Dessa intervenção ou desvio sobre o cânone surgem de reproduções e opiniões a novas ficções. O novo deve ser entendido aqui como intrinsecamente ligado ao enredo cultuado, a partir do que os fãs, em conjunto, prezam pela manutenção de uma estrutura básica, os personagens e o cenário. Um modelo desse tipo de criação são as chamadas fanfictions, que não começam com Harry Potter, mas atingem um patamar inédito a partir da série.

Podemos apresentar a seguinte indagação sobre as intervenções dos fãs:

- de que modo esses desvios em relação aos formatos de Harry Potter pertencentes à indústria do entretenimento podem ser entendidos simbolicamente?

2.1.4. Das técnicas e tecnologias nos dispositivos

Em função dos dispositivos, até o momento ressaltamos dois processos centrais nesta investigação: as hierarquizações (nível sócio-antropológico); e sua dimensão estética (nível discursivo). Nosso problema se situa nas relações desses processos com a técnica e as tecnologias. Mas entendê-las tais quais não satisfaz as necessidades da pesquisa. Portanto, colocamos técnica e as tecnologias em virtude das operações comunicacionais que os fãs utilizam nos circuitos. Logo, fundamentamos a questão:

- como os dispositivos (em suas dimensões) configuram e são configurados nas interações? Como que a técnica e a tecnologia se inscrevem nesses processos?

3. MÉTODO E METODOLOGIA

3.1. Método

O refinamento da análise, valendo-se de métodos de raciocínio, permite que o trabalho seja rigoroso quanto a sua coesão. Do mesmo modo como não desejamos que as perguntas sejam aleatórias, a formulação de um método enseja descobrir características e relações próprias ao objeto escolhido. E de acordo com a literatura sobre epistemologia, tentamos aqui desenvolver uma proposta que amplie a possibilidade de desvelamento das ações dos fãs de Harry Potter.

As Ciências Sociais reconhecem dois métodos de raciocínio clássicos. A dedução e a indução. Ferreira (2012) examina esses procedimentos e o produto que cada qual configura. Denominando de inferências a síntese dos raciocínios, chegamos a uma tabela ilustrativa:

Quadro 3 – Métodos de raciocínio clássicos.

			Inferência
Dedução	regras	caso	resultados
Indução	resultados	caso	regras

Fonte: Ferreira, 2012

Observamos a presença de três elementos constituintes: regras, resultados e caso. Enquanto as regras, aqui, correspondem ao conjunto de teorias, normas, que o pesquisador mobiliza em seu raciocínio, os resultados dizem respeito ao trato sobre o material empírico, a categorização. O caso estaria entre as duas ações, constituindo-se como a posição da pesquisa com relação ao campo estudado e as características históricas de seu objeto.

Porém, nenhum dos dois procedimentos clássicos é autônomo. A inobservância desse requisito ameaça transformar o trabalho em uma análise viciada. Ferreira menciona os riscos do dedutivismo e do empiricismo. A exaltação das “verdades” teóricas pré-concebidas e a categorização estanque dos fatos, respectivamente.

Entretanto, está em potencial aí, e sobre isto Peirce (2008) dedicou sua atenção, uma terceira alternativa. Se reconhecermos a inclinação a produzir ora resultados que evidenciam pressupostos compartilhados, ora regras constituídas a partir dos empíricos,

é possível realizarmos uma combinação que se dedique a uma inferência sobre o caso: resultados – regras → caso. Esse método de raciocínio é chamado de abdução ou formulação de hipóteses. Nesta dissertação pretendemos incluí-la aos outros procedimentos como ferramenta de descoberta.

Tanto dedução e indução ficariam circunscritas ao universo das teorias e dos observáveis, ou seja, nossas inferências redundariam sobre essas categorias. A inclusão da abdução pretende estender a validade do raciocínio para encaminhamentos criativos. E sobre isso é inevitável que entendamos a figura histórica do pesquisador. Destarte, é dizer, ao elaborar hipóteses se interpondo à indução e à dedução pretende-se um método científico que supere a rigidez clássica.

Ademais, sustenta-se a necessidade de que esses três percursos sejam contínuos. Pouco adiantaria se desenvolvêssemos uma estrutura por etapas sucessivas, incapaz de reconsiderar os movimentos propostos e redirecionar a análise. O que temos entendidos por movimentos ascendentes e descendentes envolve o retorno aos resultados, ao caso e às regras, tendo o caso como foco central (FERREIRA, 2010b).

3.1.1. Percursos para a abdução

Abdução é um conceito abstrato e geral que fora discutido por Peirce (2008), embora sua origem remonte a Aristóteles (Tópicos, Livro VIII, parte 5). Significaria em sua fonte, a função de pensamento através da qual, com uma premissa evidente e outra não, o argumento seria possível (ABBAGNANO, 2012). Na discussão proposta por Ferreira não haveria necessidade na equivalência entre premissa evidente/resultados e premissa oculta/regras. A reflexão sobre Peirce avança noutra direção, de aprimorar o silogismo a partir dos operadores comuns, mas sem afixá-lo como uma derivação da indução – a tendência na corrente aristotélica.

Após a retomada dessa ideia da Grécia Clássica reafirmamos a sugestão de Ferreira. Contudo, a abdução pode ser mais facilmente entendida se expormos alguns encaminhamentos que adotamos a partir do seminário Aportes Metodológicos⁹, onde é sugerido que podemos compreender a inferência abductiva como operações de analogia e homologia.

⁹ Seminário Aporte teórico-metodológicos, ministrado pelo pesquisador Jairo Ferreira, no PPGCC-Unisinos, em 2013.

A analogia está associada à busca de relações entre elementos conhecidos para inferir sobre o desconhecido. Consiste em reconhecer a identidade entre dois ou mais elementos para assim investigar propriedades e relações não evidentes em outro. Aristóteles nos auxilia com o exemplo do aparelho respiratório em animais terrestres e aquáticos: o pulmão está para o ar, assim como as brânquias estão para a água (*apud* BENTO, 2009). Aí, o nexu discursivo *assim como* estabelece a analogia, no caso conhecida. Numa pesquisa, não se conhece um dos elementos, o que possibilita perguntas tais como: se o pulmão está para o ar, o que estará para a água?

Mas fazemos uma ressalva. O uso corrente do termo ‘analogia’ assumiu uma forma não tão rigorosa, como observa Bento (2009). Em vez do operador lógico, a palavra assumiria com o senso comum um caráter de semelhança vaga. A isso nos opomos e concordamos com Bento de que apenas o sentido original demonstra ser legítimo para esta pesquisa. E, ainda, destacamos outro tipo de analogia. A metáfora. Ao substituir o nome de um objeto por outro ela abre seu significado, configurando um caso particular de analogia¹⁰.

Um tipo mais complexo de relação entre as premissas de um raciocínio compreende a homologia. Em sentido moderno o termo é utilizado segundo o campo da Biologia, como herança do darwinismo, para o qual são homólogos os órgãos que estão relacionados dentro de um sistema, mesmo que desempenhem funções distintas (ABBAGNANO, 2012). É importante ressaltar essa contingência, os elementos comparados podem ou não ser simultaneamente análogos e homólogos ou apresentar apenas um desses tipos de correlação.

Novamente, recorremos a um exemplo da natureza. As asas de morcegos e pássaros são homólogas por se desenvolverem a partir da mesma região óssea. Ainda, podemos dizer que são análogas porque igualmente sustentam o voo nessas espécies. Por outro lado, a mão humana, comparada com a pata do cavalo, apresenta homologias na sua formação, entretanto não são análogas, isto é, respondem por funções distintas, que qualificaríamos como ferramenta e suporte, respectivamente.

¹⁰ A metáfora apresenta uma lógica própria. Em observação preliminar podemos indicar tratar-se de um método de raciocínio ligado à abdução com vocação estética, mais do que cognitiva. Um exame do tipo pode ser experimentado na experiência da obra artística, em que o observador se vê diante de um universo de leituras que não devem ser subsumidas a sua capacidade cognitiva, mas especialmente a um desfrute estético. Sobre isso recomendamos *Arte e abdução na obra teórica de Umberto Eco*, Brito Júnior (2010).

A busca de analogias e homologias é, nessa perspectiva, operação inferencial abdutiva. A analogia vale-se de hipóteses a partir de uma identidade projetada. Conforme o esquema que propusemos anteriormente, as analogias põem os resultados ou regras de processos afins em uma correlação. Se assumirmos uma invariante entre os casos, logo os resultados ou as regras equivalentes se igualam. Já na homologia eu suponho um ponto de partida compartilhado entre casos distintos. Cabe então ao pesquisador retornar ao argumento de diferenciação entre eles, de compreender os fatores que influenciaram em mudanças qualitativas.

3.1.2. Condições para a analogia

Descritos a abdução e seus procedimentos elementares, agora pomos luz sobre o movimento de pesquisa. Ao ressaltarmos a analogia como uma operação válida para a inferência abdutiva, resta-nos refletir sobre como colocá-la em prática.

Durante o trabalho com fandoms o pesquisador depara-se com variadas semelhanças entre os diferentes grupos de fãs e mesmo deles com aqueles aficionados da cultura erudita. Outras relações, com outros segmentos, poderiam ser estabelecidas, mas nos arriscaríamos em determinado momento a perder a rigorosidade. Somos atravessados aí por uma pergunta metodológica: quais são as premissas para que uma analogia seja “bem sucedida”? Como saber qual objeto apresenta uma produtividade maior para inferências em nossa pesquisa?

Não desenvolvemos um estudo continuado sobre o tema, portanto só podemos fornecer uma resposta provisória. Mas dentro de nosso escopo entendemos que as analogias serão proveitosas na medida em que colaborarem com as questões propostas. Assim, conforme os tópicos citados anteriormente, comunicação, hierarquização, narrativas e técnica e tecnologia, incitaremos analogias. As inferências produzidas através desse método devem orientar-se para a resolução dos problemas.

Após apresentarmos os casos de nossa análise tentaremos equipará-los fazendo uso de inferências analógicas no capítulo 7. Mas, como apenas a indicação de igualdades, ainda que imperceptíveis, não esgota a complexidade da pesquisa, prosseguiremos para compreender a natureza da distinção entre os casos, um mergulho em sua homologia enquanto apropriação de Harry Potter. Por fim, nosso fundamento

comunicacional será retomado em subitem à parte, com o intuito de desenvolver abduções sobre a relação: apropriações de fãs – série.

Esse método analítico está em desenvolvimento. Os esforços aqui são para superarmos os procedimentos clássicos por considerarmos-los tautológicos. As considerações expressas são, sobretudo, um movimento feito entre o pesquisador e seu orientador. Mas antes de buscarmos indícios para trabalhar precisamos delimitar o *corpus* da pesquisa.

3.2. Definição do *Corpus*

Através da observação sistemática dos fãs de Harry Potter restringimos os materiais de nossa análise. A opção de avaliar múltiplos casos está em consonância com a diversidade das ações que os fãs desenvolvem. Estão em foco três dispositivos, que mobilizam interações de diferentes tipos. São eles:

- As páginas do Facebook *A varinha e Harry Potter*;
- Os sites de textos derivados *fanfiction.net* e *Floreios e Borrões*;
- Um fã-clubes que se reúne periodicamente em Porto Alegre: Herdeiros de Sonserina

O propósito deste estudo é compreender os desvios que fãs promovem baseados na série original – e isso já consiste numa homologia. A seleção sustenta-se no conhecimento que o autor detém sobre o fandom da série, em alguma forma limitado, haja vista a pluralidade de empreendimentos que afloram e declinam sem que muitos de nós pesquisadores consigamos perpassá-los. Basicamente, trata-se de um estudo qualitativo sobre processos de circulação de uma ficção industrial. O primeiro recorte, então, envolveu necessariamente grupos de fãs que perpetuam a narrativa criada por Joanne Rowling. Daí que nem todos os fãs da série o fazem. Destacaremos a seguir (em 5.2.1.) que alguns se mantêm passivos embora também possam ser denominados fãs. Com a escolha desses casos pretendemos incorporar exemplos dentro de práticas de escrita comuns entre fãs (fanfictions), de circuitos de fãs no interior de redes de socialização *online* (Facebook) e de uma organização composta por fãs que movimenta tanto a internet quanto encontros presenciais.

Durante a etapa de qualificação nos foi apontado que a tarefa é ainda mais complexa. No recorte do Facebook e das fanfictions nos depararíamos com casos *dentro*

do segmento escolhido. Na medida em que optamos por duas páginas da rede de socialização na internet e dois sites de hospedagem de textos derivados, constituímos até aí um *corpus* com quatro casos. Devemos assimilar essa crítica. Tentaremos reconhecer os materiais como dispositivos (o conceito será trabalho em 5.1.2.), entre eles podendo apresentar um caso ou mais.

No que tange diretamente aos observáveis, ao escolhermos analisar o Facebook buscamos as páginas (ou *fanpages*) mais destacadas do universo de Harry Potter em português e inglês. O critério de seleção tanto para *A Varinha* como para *Harry Potter* foi o número de opções “curtir” contabilizadas junto aos canais. Tomamos essa iniciativa suportados pelas noções incluídas em Fragoso, Recuero & Amaral (p. 76, 2011) sobre coleta de materiais. Os dados são referentes a janeiro de 2014.

Figura 1 – Em "Harry Potter" 68 milhões de pessoas curtiram

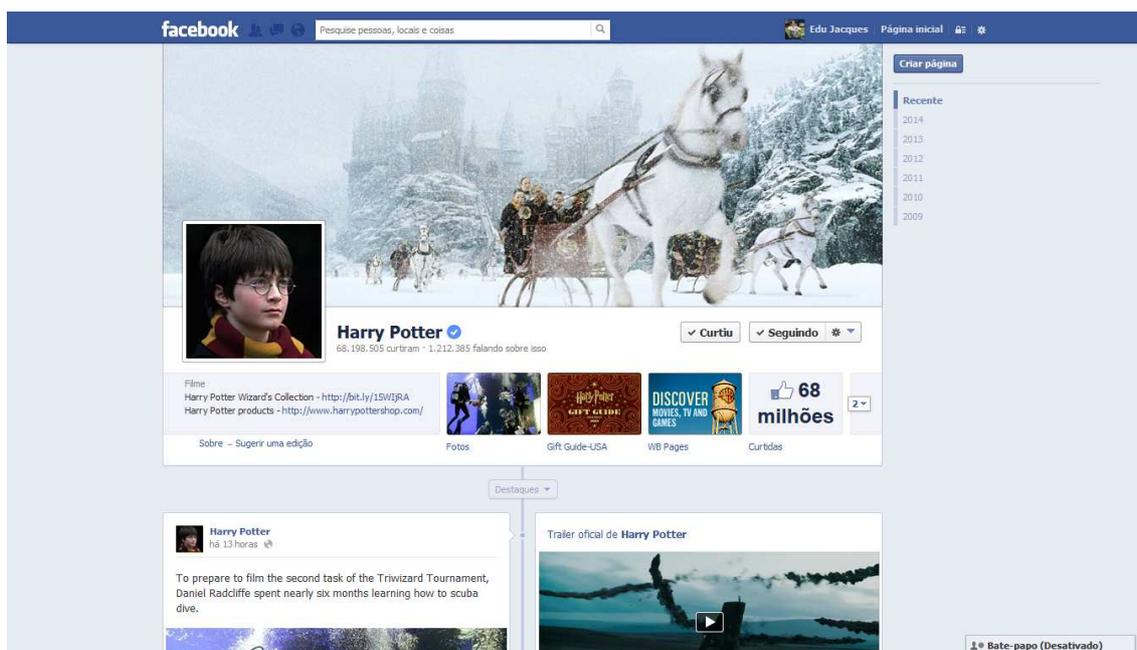


Figura 2 – Em "A Varinha" 273 mil curtiram



Ao clicar no item curtir das respectivas páginas os usuários permitem que as atualizações desses segmentos apareçam na sua tela de abertura, de notícias. A descrição fornecida pelo Facebook sobre sua função é a seguinte:

Curtir uma Página significa que você está se conectando a ela. Quando você se conectar a uma Página, ela aparecerá na sua linha do tempo e você aparecerá na Página como uma pessoa que curte essa página. A Página também poderá publicar conteúdo no seu Feed de notícias. Por outro lado, quando você clica em Curtir em um conteúdo publicado por um amigo, está simplesmente informando ao seu amigo que você gostou, sem deixar comentários¹¹.

Em nossa pesquisa exploratória reconhecemos as duas páginas referidas como aquelas que possuem o maior número de seguidores, uma de conteúdo em português e outra em inglês. Mesmo identificando nelas alguma importância quantitativa, resta lembrar que o intuito da análise é de teor qualitativo, não probabilístico.

¹¹ As seguintes informações foram coletadas na página "ajuda" do Facebook. Acessível em: <<https://www.facebook.com/help/?page=773>>. Acessado em 20 jan. 2014.

Sobre o tipo de interação que esses dispositivos proporcionam é importante observar a natureza do Facebook. Trata-se de uma rede de socialização *online* em que os atores podem se agrupar a partir de seus relacionamentos, grupos e das páginas de interesse. No plano da afinidade por conteúdos, as páginas e os grupos diferem-se. O site detalha:

Páginas permitem que organizações, empresas, celebridades e marcas reais se comuniquem amplamente com pessoas que as curtem. As páginas podem ser criadas e gerenciadas somente pelos representantes oficiais;

Grupos oferecem um espaço fechado para pequenos grupos de pessoas se comunicarem sobre interesses em comum. Os grupos podem ser criados por qualquer pessoa¹².

Previamente é possível interpretar que as páginas facilitam a comunicação de uma organização com outros atores interessados, enquanto que os grupos favorecem o debate. As páginas, por serem abertas, possuem conseqüentemente maior alcance, mas à custa de uma centralização.

Por sua vez, a seleção pelos dois sites de fanfictions, *fanfiction.net*¹³ e *Floreios e Borrões* também preza pela relevância nesse segmento. A diversidade não permite afirmar, porém o primeiro apresenta um dos maiores repositórios da internet, sendo os associados a Harry Potter a maioria do endereço, num total de 672 mil histórias. Já *Floreios e Borrões* pertence a um site de fãs brasileiros, há mais de dez anos em atividade, *Potterish*; seu acervo de textos, todos em português, alcança a soma de 26 mil¹⁴.

Quanto ao fã-clubes Herdeiros de Sonserina podemos afirmar que a questão da proximidade com o ambiente de realização da pesquisa favoreceu a escolha, mas o principal critério ao optar pela seleção foi a continuidade das atividades do grupo,

¹² Informações coletadas a partir do link: <<https://www.facebook.com/help/www/155275634539412>>. Acessado em 20 jan. 2014.

¹³ O site também é descrito no estudo pioneiro no Brasil de Maria Lucia Bandeira Vargas, *O fenômeno fanfiction* (UPF, 2005).

¹⁴ Esses dados correspondem ao dia 26 jan. 2014. No início da pesquisa, no momento da coleta de dados, em *fanfiction.net* as histórias sobre Harry Potter somavam 645 mil, enquanto que em *Floreios e Borrões* não houve variação, mantendo-se durante um semestre nas 26 mil.

mesmo três anos após o último lançamento cinematográfico de Harry Potter. Durante este trabalho foram acompanhados encontros e eventos do grupo entre 2012 e 2013. O pesquisador seguiu os coordenadores e observou as atividades propostas. Descreveremos nos capítulos posteriores os encontros periódicos, os especiais e as festividades das quais participam como expositores. Os materiais utilizados nesta análise procedem de anotações feitas no campo e dos registros deixados na internet, sobretudo no Facebook e Youtube.

As frentes de análise correspondem ao universo em que atua o fandom da ficção. De um lado coloca-se a ambição de que heurística adotada consiga compreender três processos que são associados e consolidados em dispositivos (semio-discursivos em suas narrativas; sócio-antropológicos, em sua dimensão hierarquizante; e técnico e tecnológico, quando se fala em estruturas), mas produzem sentidos ímpares entre eles; de outro, o problema é restringirmos em demasia um grupo tão vasto como é o dos fãs a somente essas manifestações. O tempo limitado e a perspectiva qualitativa da pesquisa, de se aprofundar nas inferências de uma escolha restrita, contam favoravelmente a essas soluções metodológicas.

3.3. Proposições iniciais

A partir das inferências produzidas sobre o material empírico (descreveremos os grupos no capítulo 4) e as perguntas elencadas anteriormente, desenvolvemos quatro proposições iniciais sobre os casos escolhidos. No aprofundamento dessas proposições utilizamo-nos de um modo primário de analogias, as que relacionam elementos do interior do próprio *corpus*, e assim promovemos a seguinte sistematização. Elas serão descritas pelos níveis conceituais do argumento.

Nível comunicacional: os dispositivos promovem e expandem o alcance de circuitos especializados dos fãs;

Nível social: relações assimétricas, verticais, fornecem as diretivas para as criações dos fãs;

Nível discursivo: as criações observadas mantêm-se como valor de culto, isto é, não ultrapassam a reverência a ponto de chegar a uma crítica da série Harry Potter;

Nível tecnológico: a matriz dos dispositivos, a estrutura, em funcionamento nos circuitos limita a gramática das criações de fãs.

4. EXPOSIÇÃO DAS APROPRIAÇÕES DE FÃS

O trajeto que temos efetuado parte dos problemas e objetivos e neste momento se debruça sobre o *corpus* selecionado. Mas a disposição do “momento” como o descrevemos nada mais é do que um recurso expositivo. Novamente indicamos que a construção da pesquisa não poderá ser entendida segundo uma linearidade, mas em virtude de investidas ascendentes e descendentes de pensamento (FERREIRA, 2010b). Durante o processo de qualificação foi-nos criticado o esquema redacional por privilegiar os aspectos reflexivos em detrimento dos observáveis. Nossa dívida pretende ser saldada no documento por inteiro e em especial neste capítulo que planifica os casos da análise.

Passaremos por descrever a estrutura geral de cada um dos casos e detalhar os usos que são feitos desses dispositivos, revelando-os através de exemplos. Ademais, de acordo com a metodologia em curso, buscamos fazer inferências básicas (ou locais) sobre seus modos de funcionamento.

A ordem que propomos está baseada no desenvolvimento histórico dos processos comunicacionais. Assim, pela cronologia de surgimento das interações que servem de referência, percorremos os dispositivos estudados desde o aspecto presencial (fã-clubes), o empenho em construções textuais (fanfictions) e a emergência das relações mantidas à distância via redes sociais na internet (*fanpages*). Através dessa dinâmica buscamos estudar as homologias entre as ações dos fãs.

4.1. Fã-Clube

O fã-clubes Herdeiros de Sonserina representa uma organização em torno de Harry Potter estabelecida em Porto Alegre. O grupo se reúne periodicamente, a cada vez com um novo tema, nos “Encontros Potterianos”; sendo o local mais comum para os agendamentos o Barra Shopping Sul. Formado em 2010, sem que os dois últimos filmes houvessem sido lançados, os Herdeiros ocupam um espaço da livraria Saraiva para realizar as atividades e, além disso, promovem reuniões especiais e participam de eventos festivos sobre narrativas juvenis e literatura fantástica.

A respeito de *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte II* (2011), o desfecho da série no cinema, o fã-clube foi convidado por representantes dos estúdios Warner no Brasil a participar da pré-estreia exclusiva de Porto Alegre.

Cerca de sete pessoas, entre jovens e adultos, são responsáveis pelas ações do grupo¹⁵. Até a metade de 2013 sua organização era suportada por uma página da *web*, em que os encontros eram agendados e informações básicas fornecidas. A partir das reuniões são feitos vídeos e álbuns de fotos. Além disso, os Herdeiros eventualmente têm seus encontros divulgados na revista mensal da livraria Saraiva, na parte da agenda.

Durante observação realizada no dia 27 abril, no primeiro encontro regular de 2013, 16 fãs compareceram, sendo três quartos deles crianças. De acordo com os coordenadores essa mobilização infantil aumentou a partir do início de 2012. Então naquele ano, num movimento de primeira aproximação, constatamos a presença de cerca de 30 jovens, de diferentes faixas etárias, em reunião semelhante. Não há regras quanto à idade para participar – em verdade, o fã-clube não apresenta restrições. Presenciamos com relação a algumas crianças o acompanhamento dos pais na sala. Por sua vez, o roteiro é organizado de acordo com o tema proposto. Em abril de 2013 o assunto foi quadribol, o esporte da narrativa.

Segundo constatado, o planejamento de cada encontro envolve divulgação, criação de tarefas, decoração da sala e registro através de câmeras digitais. No dia do relato foram promovidos jogos de perguntas, adivinhação de palavras na forma de mímicas, redação em grupo de uma reportagem fictícia e criação (nome, cores etc.) de um time semelhante aos apresentados pela série. Em outras ocasiões, o que podemos recobrar das postagens do fã-clube no Youtube, são encaminhados desafios de encenação (figura 3), em que os fãs têm de improvisar uma cena sem que haja necessariamente uma correspondência com o cânone¹⁶ literário.

¹⁵ Em 2013, os coordenadores dos Herdeiros de Sonserina criaram outro fã-clube. Igualmente baseado em uma série literária adaptada ao cinema. O clube A Capital inspira-se na narrativa *Jogos Vorazes*, de autoria de Suzanne Collins. O grupo já promoveu encontros similares ao observado com relação a Harry Potter.

¹⁶ A noção de cânone empregada neste trabalho está em consonância com os estudos sobre fãs. O termo qualifica as obras que se tornam referência nas discussões entre os consumidores aficionados.

Figura 3 – Instantâneo de vídeo sobre encenação durante encontro regular



Ainda, quando os participantes são estimulados a resolver situações associadas à série, eles têm de comentar as soluções propostas. Esse exercício de criação foi executado com desenhos em determinado momento quando a proposta foi decorar o salão de um dos grupos escolares (figura 4). Porém, tanto na encenação quanto nessa argumentação, os presentes não são obrigados a interagir. De fato, durante o encontro de abril de 2013 uma parcela preferiu ficar silente em algumas atividades.

Figura 4 – Instantâneo de vídeo em que participante comenta desenho



A estrutura da sala na livraria Saraiva prevê uma mesa em frente às fileiras de participantes sentados. Diferentes coordenadores propõem e executam as atividades com o público. É possível que elas reconfigurem a disposição dos presentes na sala, logo não há posições fixas. Quando é solicitada a criação de grupos, a orientação dos jovens muda (figura 5). Eventualmente, quando a sala lota, alguns participantes necessitam ficar ao fundo, de pé. Embora seja possível, dada a existência de um projetor no local, os Herdeiros de Sonserina não costumam envolver aparelhos digitais nos exercícios.

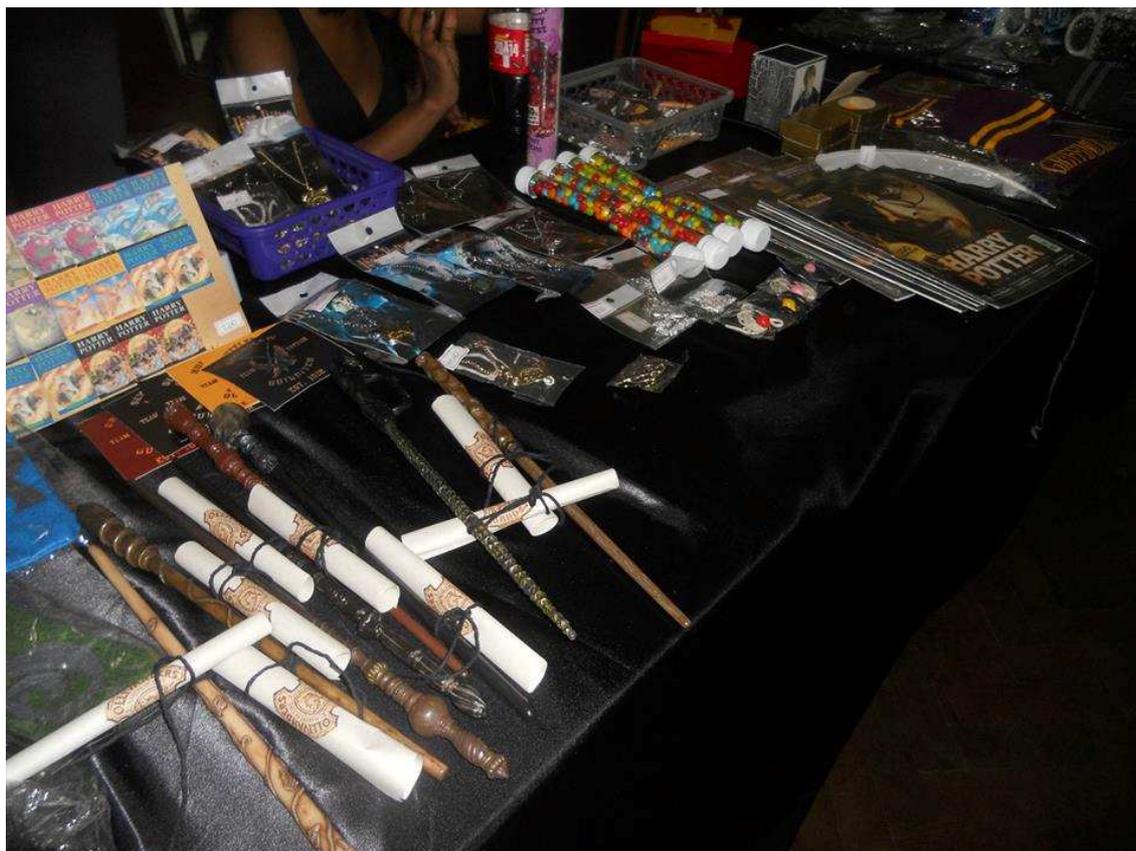
Figura 5 – Disposição da sala durante encontro regular, 2012



Quanto às atividades desempenhadas, há uma reverência aos livros da série. As respostas das perguntas feitas, por exemplo, são referidas pelo livro em que se encontram, até porque alguns tópicos tratados nas tarefas não dizem respeito aos filmes. As proposições são bem aceitas pelos fãs, ainda que alguns se disponham mais do que outros para executá-las. Os organizadores oferecem brindes aos ganhadores, além de balas entre todos os presentes. O grupo ainda mantém comércio de pequenos objetos relacionados à série, como botons e varinhas.

Durante os eventos em que são expositores, o comércio de produtos é ampliado (figura 6). A oferta inclui colares, imãs, almofadas, canecas e mesmo doces importados que levam a marca da franquia. De acordo com o tema da convenção, as organizações são convidadas (fã-clubes, clubes de jogos, grupos de dança), ocupando as salas disponíveis. A duração costuma ser de dois dias, nos períodos da manhã e tarde. No AnimeXtreme, um dos festivais mais populares do estado, os Herdeiros de Sonserina geralmente se estabelecem em salas de aula. No último evento sob esse nome em 2013, entretanto, a dimensão do espaço aumentou, já que foi organizado no Centro de Convenções da FIERGS.

Figura 6 – Mesa com produtos à venda durante evento



Nesses festivais muda o tom das atividades propostas, ainda que ocorram tarefas de adivinhação e mímica. Além da exposição no formato de feira (com artigos à venda e outros para contemplação), o grupo agenda gincanas variadas. Um dos registros dá conta de um campeonato de duelos simulados, a Academia de Aurores (figura 7). Em várias etapas os fãs, caracterizados com robes que se tornaram marca da série junto às varinhas de condão, interpretavam lutas conjurando os feitiços, cada um a seu turno. O espaço foi adaptado e o campo de batalha era o topo de um conjunto de mesas. As atividades ocorreram na 16ª Animextreme, em junho de 2012.

Figura 7 – Duelo entre fãs na Academia de Aurores, 2012



Por fim, descrevemos as reuniões especiais que os Herdeiros de Sonserina promoveram. Uma delas foi o tradicional Baile de Inverno que ocorre na série. Os fãs realizaram uma edição do evento em 2012 (figura 8) no salão do Grêmio Sete de Setembro, em Porto Alegre. Foram vendidos ingressos em três lotes, com preços variando entre R\$ 20 e R\$ 30 conforme a data da compra. O convite feito pelas redes sociais *online* estipulava a necessidade de trajes formais ou, quando *cosplays*¹⁷, devendo representar o figurino de gala dos personagens. No programa do baile estava previsto inclusive a apresentação de uma banda interpretando um grupo que aparece na série, *As Esquisitonas*.

¹⁷ Cosplay é uma tradição, uma prática, bastante difundida entre fãs de vestir-se como os personagens das séries cultuadas.

Figura 8 – 1º Baile de Inverno dos Herdeiros de Sonserina, 2012



Ressaltamos também a organização de outra atividade especial, dessa vez em fevereiro de 2011, no segundo ano dos Herdeiros de Sonserina. As chamadas “Olimpíadas Mágicas” envolveram modalidades esportivas presentes na narrativa. Um dia foi dedicado aos “treinos” e outro à execução das atividades divididas em individuais: Corrida de Vassouras; e coletivas: Rachacrânio, Trancabola, Furabexiga, Derrubada e Jogo do Brejo. A participação ocorreu mediante pagamento de R\$ 4.

Um problema que se punha à organização do evento foi a necessidade de adaptar os esportes descritos na série. A inspiração foi retirada de um dos volumes que compreendem a franquia, *Quadribol através dos Séculos*. Mesmo que as Olimpíadas não tenham incluído o esporte mais popular, justamente o quadribol, os Herdeiros de Sonserina tiveram de recorrer à imaginação e improviso para a gincana. Em um exemplo, exposto no detalhe (figura 9), o jogo Rachacrânio, em que os bruxos da série tinham de recolher pedras caídas de 30 metros de altura em um caldeirão na cabeça, se transformou em uma modalidade de arremesso, aos pares. Já a corrida de vassouras foi convertida em uma corrida com obstáculos no ginásio.

Figura 9 – Instantâneo de vídeo das Olimpíadas Mágicas, modalidade Rachacrânio, 2011



4.1.1. Emprego das ferramentas digitais

Na sua página, os Herdeiros de Sonserina mantinham integração com o Twitter e outras redes de socialização *online*. Facebook, Youtube e Orkut eram listados. A utilização básica das redes é para divulgação da agenda de eventos e criação de um acervo, um registro, das atividades.

Vemos um exemplo de postagem no Twitter no dia 16 de junho de 2013: “No próximo final de semana vamos estar na ComicCon e tem promo de varinha e almofada, mais informações...”. A publicação anterior havia sido quase um mês antes, em ocasião de outras atividades: “No próximo final de semana, temos EP na Saraiva do Barra Shopping no sábado e no domingo vamos estar no @AnimaSulRS...”.

A conta utilizada no Facebook foi criada como sendo de uma pessoa, não uma página, como no formato de *A Varinha e Harry Potter*. Lá, além da divulgação de eventos, são feitos álbuns de fotos das reuniões. A conta possui 755 contatos conforme o dia 19 de janeiro de 2014.

Ainda, para o Youtube são enviados vídeos das atividades. O item mais popular é de março de 2011, com 240 visualizações. O registro é referente à Corrida de Vassouras das Olimpíadas Mágicas. É uma curiosidade, todavia, que a conta, sob o nome de Herdeiros de Sonserina, tenha sido utilizada para envios do outro fã-clubes, A Capital – de Jogos Vorazes –, mesmo que as séries em questão não dialoguem entre si.

4.1.2. Socialização e ludismo

O fato de existir um grupo de pessoas em Porto Alegre que se dedique a promover atividades associadas a Harry Potter revela em dimensões geográficas, locais, a importância da trama. Se estendermos um pouco mais o raciocínio, a dedicação entre os organizadores, que não poderia ser justificada pelo lucro auferido das vendas de pequenos artigos, indica o apego pela ficção entre variadas faixas de idade.

Do lado institucional, o aval que os representantes dos estúdios Warner deram aos Herdeiros de Sonserina, com o convite para a pré-estreia do filme, sinaliza a aproximação da indústria ao seu público. Mas seria antecipado avaliar a profundidade dessa relação, já que a concessão ainda é tímida se colocarmos no plano dessa iniciativa a totalidade da franquia.

A apropriação da série pelo fã-clubes parece ter um sentido de socialização, principalmente entre os participantes mais jovens. Nos encontros regulares são as crianças as mais ativas durante as atividades observadas. Embora seja um público recente para a ficção, que não a tenha acompanhado desde o início, elas permanecem atentas ao enredo. É possível creditar parte da responsabilidade por manter fortalecido o vínculo com a franquia às campanhas de *marketing* de produtos derivados de Harry Potter. Mas passado o apelo generalizado dos períodos imediatamente anteriores às estreias nas livrarias e nos cinemas, o maior atrativo agora, por parte do grupo, talvez seja a capacidade de unir a história a uma proposta lúdica, em torno de gincanas. Sobre isso é importante observar que a interação não é forçada, os fãs poderiam optar por executar exclusivamente as tarefas individuais.

Os encontros extraordinários tiram os Herdeiros de Sonserina da rotina que eventualmente possa surgir em seus anos de existência. Baile de Inverno, Olimpíadas

Mágicas conduzem a essa interpretação. As atividades que poderiam se tornar desgastantes – vimos uma grande variação de participantes entre a pesquisa exploratória e os encontros acompanhados – se tornam diversificadas e efêmeras. É verdade também que elas demandam maior tempo de dedicação entre os organizadores, tendo sempre em mente o risco de baixa adesão.

No geral, as atividades são cúmplices dos cânones, mas apresentam um nível razoável de criatividade. Por exemplo, a transformação de esportes de Harry Potter na olimpíada precisou considerar limites práticos – não poderíamos imaginar os jovens recolhendo com a cabeça pedras caídas de 30 metros de altura. Por outro lado, ora as encenações, ora os desenhos estimulam mesmo os mais jovens a criar. Todavia, o incentivo é inegavelmente dos coordenadores, através de suas proposições. Por eles passam agendamento, organização e mediação dos encontros.

Em momentos específicos parece ocorrer um comprometimento quase ritualístico nas tarefas. Podemos dizer que isso ocorre na Academia de Aurores. Os movimentos, as roupas e as falas remetem a apresentação a um exercício de culto. Um culto relacional porque materializa em interação com outros fãs um sentimento alimentado durante a leitura silenciosa. Essa ação desdenha do julgamento cultural elitista (que analisaremos quando tratarmos de fãs, em 5.2.), que identificava nesses admiradores um apreço profano. No fandom de Harry Potter é demonstrado orgulho em ser *herdeiro* da narrativa.

Assumimos na observação dos Herdeiros de Sonserina que o emprego das redes digitais acaba por ser uma mera ferramenta de divulgação e registro; apesar de que a página do fã-clube tenha saído do ar durante a pesquisa. Essa instabilidade não põe em risco o sentido principal da existência do coletivo. O aspecto mais importante de seus quatro anos de atividade está na possibilidade de interações frente a frente a partir da narrativa. Trata-se de um desfrute da saga executado de forma produtiva, passível de análise. Esse é, portanto, um dos usos que se faz de Harry Potter em Porto Alegre.

4.2. Sites de Fanfictions

A observação seguiu-se com sites que hospedam fanfictions. O mesmo critério adotado com as páginas do Facebook foi utilizado na seleção dos ambientes *online* a serem acompanhados. Um representante em língua portuguesa, mais especificamente um endereço digital hospedado no Brasil, Floreios e Borrões, e outro em inglês, *fanfiction.net*. Os dois sites apresentaram o maior acervo conhecido nos respectivos ramos. Já o referimos, o primeiro possuía na realização desta pesquisa 26 mil histórias criadas por fãs, enquanto o segundo cerca de 672 mil.

Nosso modo de aproximação para análise busca reconhecer as histórias mais populares – a importância daquelas que possuem maior circulação entre os fãs, e apreender os sentidos que delas decorrem. A intenção não é ler as obras na sua totalidade, mas abstrair o que constroem já nos primeiros capítulos. Quanto à *fanfiction.net* poderíamos usar dois critérios para recorte das mais interessantes a arrolarmos: o primeiro diz respeito ao número de “*reviews*” produzidos em cada uma delas e outro, o número de “*follows*” conquistado. Equivale a dizer número de comentários *versus* número de seguidores. Já que neste documento discorreremos sobre a midiatização, da perspectiva relacional em que fãs se colocam, preferimos a primeira. Enquanto a designação *follows* poderia incluir usuários passivos, que não comentam ou difundem os sentidos, os *reviews* fazem parte de uma tomada de partido pelos fãs, comentários elogiosos, críticos, sugestões.

Já Floreios e Borrões não permite que visualizemos as mais comentadas. Precisaríamos contar os comentários feitos a cada capítulo das fanfictions, já que são assim compartimentados, não sobre a integralidade do documento como em *fanfiction.net*. Na verdade, o domínio sequer dispõe de um mecanismo de buscas que permita refinar os resultados, apenas podemos acessar as mais lidas através de um *link* na página inicial¹⁸. Essa listagem, conforme informações do próprio endereço, apresenta somente ficções já concluídas. Por outro lado, o “lido” nessa descrição se refere ao clique feito na história, entretanto não foi possível descobrir se isso envolve apenas os

¹⁸ Uma forma de classificação alternativa está presente também como *link*. Trata-se das ficções “mais votadas”. Entretanto, não fica claro como usuários avaliam as histórias. Há duas possibilidades aos cadastrados, através do botão de voto, em escala de 1 a 5, ou nos comentários, na opção chamada “nota”. Não fica esclarecido se o *ranking* considera as duas opções.

usuários registrados (há cem mil), já que é possível acessar os conteúdos sem se cadastrar.

Fanfiction.net foi fundado em 1998 em Los Angeles. O site opera como um ponto de publicação para histórias derivadas de várias narrativas. O endereço é subsidiado por publicidade, entretanto, os usuários, registrados ou não, tem a opção de bloquear o conteúdo comercial. Entre os fandoms mais significativos em número de textos estão Harry Potter, Naruto (anime¹⁹) e Crepúsculo.

O usuário que desejar publicar suas histórias precisa antes aceitar os termos de uso do site, em inglês. Em virtude das restrições legais, algumas obras derivadas estão proibidas no ato de postagem, como aquelas inspiradas em roteiros de Anne Rice e Nora Roberts. Esses autores requisitaram publicamente a exclusão de intervenções sobre suas ficções. São também rejeitadas as submissões com menos de duas linhas, que contenham materiais com direitos autorais (música, trechos de livros), que utilizem pessoas reais como inspiração e que promovam algum tipo de interação direta com leitores no texto da história²⁰.

Uma parte minuciosa do manual de publicações discrimina como os usuários devem classificar as histórias de acordo com a censura. As faixas etárias recomendadas são diferenciadas por letras:

- K – direcionada para público acima de cinco anos. Conteúdo deve ser livre de linguagem inapropriada, violência e temas adultos;
- K+ – apropriada para crianças acima de nove anos, contém alguma violência, mas não ferimentos graves. Pode conter linguagem moderadamente ofensiva. Não pode apresentar temas adultos;
- T – designada para adolescentes a partir dos 13 anos, pois possui alguma violência, linguagem ofensiva e temas levemente adultos;
- M – não apropriada para crianças ou adolescentes menores que 16 anos; com material adulto não explícito, sugestão de violência e linguagem ofensiva;

¹⁹ Anime é uma tradição japonesa de animações.

²⁰ As informações sobre proibições podem ser verificadas em: <<https://www.fanfiction.net/guidelines/>>. Último acesso em 1 fev. 2014.

- MA – conteúdo é adequado apenas a adultos; pode conter linguagem explícita e temas maduros²¹. [*esta classificação não é permitida no site*].

Após enviar um documento contendo o texto da fanfiction o usuário deve definir se se trata de uma narrativa mista, também chamada de *crossover* (mais de uma série como inspiração). A seguir informações básicas devem ser fornecidas, são elas: título, sumário, idioma, classificação (censura), dois tipos de gênero (drama, terror...) e se a história está completa ou por terminar. Ainda é facultativa a colocação de uma imagem como capa.

Retornando a Floreios e Borrões, o endereço é mantido paralelamente a um site de informações sobre Harry Potter: Potterish. Este é um domínio criado em 2002, período de intervalo entre o quarto e o quinto livro. Embora esteja registrado no mesmo endereço da página²², o acervo de fanfictions direciona para um *layout* distinto. Sua organização atual permite dois modelos de financiamento, além de usuários *VIPs* contribuírem para a manutenção do site e ganharem alguns privilégios na divulgação das suas histórias, há também a modalidade de *banner* flutuante, uma pequena janela surge na tela de acordo com a movimentação do cursor. O anúncio pode ser fechado a cada vez que aparece.

A postagem é mais simplificada (menos passos), mas é possível maior detalhamento nas informações. Após fazer o registro o usuário tem de preencher quatro abas mais a capa opcional. Nos “Dados Principais” deve indicar nome (título), resumo, descrição. Em “Tipos” é possível selecionar dois gêneros. Um item diferenciado vem a seguir, em “Ships” o postador pode identificar dois casais formados na sua ficção derivada. E, finalmente, em “Dados Adicionais” deverá expor a época em que a trama se passa em relação à original (antes, durante, depois), a censura, o idioma e algumas palavras-chave. A censura aqui só permite três classificações: livre, imprópria para menores de 16 anos e imprópria para menores de 18 anos. Apesar disso, não há qualquer material instrutivo que predisponha normas para publicação.

Então, retomando o recorte feito sobre fanfiction.net, podemos identificar as histórias mais populares desde o início. Devido a sua organização, o endereço permite

²¹ Tradução livre deste autor. A classificação é baseada em: <<http://www.fictionratings.com/>>. Acessado em 17 jan. 2014.

²² Essa informação foi checada tanto pelo IP de registro dos objetos quanto pela descrição no pé de página de Floreios e Borrões: “Based on a work at potterish.com”.

publicação em idiomas como português, mas a ampla maioria consiste em enredos anglófonos. Como já realizamos um movimento para nos aproximarmos daquelas em nossa língua em outro site, destacaremos aqui o *ranking* geral. Seleccionamos as histórias de acordo com as definições padrões de busca, que não incluem as de classificação acima de “T”, ou seja, recomendável para maiores de 13 anos.

Quadro 4 – Fanfictions “T” com mais comentários em fanfiction.net

Título	Comentários (<i>reviews</i>)	Data de publicação
<i>Harry Potter and the Methods of Rationality</i>	20566	28/02/10
<i>Partially Kissed Hero</i>	13594	06/05/08
<i>Harry Crow</i>	13195	05/06/12
<i>Harry Potter and the Nightmares of Futures Past</i>	11528	28/10/05
<i>Harry's New Home</i>	10195	31/07/08

Fonte: fanfiction.net

Observamos que o número de comentários feitos entre as fanfictions mais discutidas não necessariamente corresponde às postadas primeiro. A variação é de sete anos entre a mais antiga e a mais recente. A mais comentada é *Harry Potter and the Methods of Rationality*, assinada por *Less Wrong*, que explora um enredo científico em contraposição ao aspecto mágico do original. Originalmente publicada em fevereiro de 2010, a história foi atualizada até dezembro de 2012. Segundo contagem do site, são 505 mil palavras em 87 capítulos.

A trama da fanfiction altera o início da série. Em vez de Harry ser criado por pais adotivos repugnantes, como na caricatura de Rowling, o autor sugere que fora criado por um professor de Bioquímica, cético em relação à magia, e a mesma tia do primeiro livro, Petúnia, porém mais amável e agora livre de preconceitos com os bruxos. Algumas situações seriam impensáveis no volume inicial da série, como o momento em que sua tia, já no papel de mãe adotiva, beija Harry antes de o garoto ir dormir. Elementos das Ciências vão surgindo ao descrever o tipo de pensamento que Harry apresenta diante das situações. Em um trecho ele citaria o método experimental para descobrir se a magia é verdadeira ou não, em outro faria referência aos tratados de Física escritos por Feynman. O “método científico” e o “teste de hipóteses” atravessam sua maneira de refletir.

Em *Partially Kissed Hero*, Harry Potter tem não suas origens, mas a personalidade alterada. A história começa imediatamente antes do terceiro volume, O Prisioneiro de Azkaban, em que o protagonista passaria as férias de verão entre outros bruxos. Nessa situação ele teria se transformado num bibliófilo. Em princípio essa vontade seria suscitada pela curiosidade de saber por que um mago fugitivo estaria atrás dele – no original a mesma situação ocorre, porém descobre-se que o mago tenta protegê-lo. Ao se separar dos amigos ele teria estudado xadrez, latim, história da magia.

Entretanto, no início, uma situação criada pelo autor, *Perfect Lionheart*, traz renovado sentido ao enredo. Sabe-se que Harry mantinha-se ligado ao vilão Voldemort através da cicatriz em sua testa. O novo texto tenta explorar o que aconteceria se uma das criaturas mágicas rompesse essa ligação. Daí surge o título, pois o ataque dos monstros chamados de Dementadores é conhecido como um beijo que sugaria a alma das vítimas. Assim, a fração da alma de Voldemort que Harry comportava seria absorvida e afastada durante o contato com um Dementador. A fanfiction tem 483 mil palavras em 103 capítulos. Foi divulgada em maio de 2008 e atualizada até abril de 2012.

A mais recente da lista, de junho de 2012, *Harry Crow* foi publicada por um usuário denominado *robst*. As atualizações são correntes, a última registrada é do dia 10 de junho de 2013. Até o momento são 378 mil palavras em 55 capítulos. Desta vez Harry Potter teria sido rejeitado pela família biológica, o que o levaria a ser criado no universo dos bruxos. Seu tio – e pai adotivo na trama original – faria uma jornada até entregá-lo aos goblins, criaturas que vivem na cidade mágica e são responsáveis pelo banco dos feiticeiros. Tomando conhecimento sobre isso, Dumbledore buscaria sem sucesso libertar o menino. Dez anos depois o garoto reapareceria para ingressar na escola de magia.

Diferente das anteriores, *Harry Potter and the Nightmares of Futures Past* cria uma imagem a partir do término da série. Ela foi divulgada então em setembro de 2005, período em que o último volume da narrativa ainda não havia sido concluído. Em 390 mil palavras e 39 capítulos, *S'TarKan* escreve um melancólico fim de jornada, no qual Harry tentaria salvar suas perdas retornando ao passado.

Potter está com 30 anos quando derrota o vilão Voldemort. Entretanto, ele perde seus amigos durante uma década de batalha. Um recurso similar ao encontrado em

Partially Kissed Hero e *Harry Potter and the Methods of Rationality* é elaborado aqui, o protagonista também recorre aos livros como fonte de conhecimento. Em meio a anotações antigas, de outros bruxos-cientistas, ele descobre um processo de retornar ao passado, contudo a experiência envolve riscos. Agora a perspectiva é de evitar a morte de amigos, mesmo que isso signifique ter de enfrentar seu arquirrival novamente. De qualquer modo, Harry precisa morrer no presente. Embora criada em 2005, a última atualização desta fanfiction é de outubro de 2012.

Por último, *Harry's New Home* é um texto por sua vez apresentado como sequência de outra fanfiction. O autor *kbinnz* chega a afirmar que a leitura da história anterior seria necessária para compreendê-la. A antecessora, *Harry's First Detention*, não aparece entre as mais comentadas, trata-se na verdade de uma história “curta”, com 8 mil palavras. Por sua vez, *Harry's New Home* possui 318 mil palavras e 64 capítulos. Foi publicada em julho de 2008 e sua última edição é do ano posterior, outubro de 2009.

O enredo segue aquele que narra a detenção de Harry sob a responsabilidade do professor Snape. O tempo de passagem é o do primeiro volume da saga. Em *New Home* Snape é chamado pelo diretor Dumbledore para discutir sobre o futuro do garoto. Após longo debate, caberá a Snape, que supostamente odeia o menino, a guarda de Potter. A escolha do diretor teria sido influenciada pela necessidade que o jovem apresentava de se familiarizar com um ambiente em que não fosse maltratado, fato ordinário na casa dos pais adotivos. Snape surge como candidato por sua história pessoal, semelhante a de seu novo protegido, maltratado durante a infância. Nesta fanfiction há dois protagonistas, Harry Potter e Snape, professor de Hogwarts.

Agora partimos a uma descrição das principais fanfictions publicadas em Floreios e Borrões. Após checarmos a página que aponta as mais lidas (nos detalhes verificados são chamadas de “visualizações”) obtivemos:

Quadro 5 – Fanfictions mais lidas em Floreios e Borrões

Título	Visualizações	Data de publicação
<i>Harry Potter e o Perfeito e Proibido</i>	70314	08/02/04
<i>Harry Potter e o Último Horcrux</i>	68717	05/08/05
<i>Agora percebi que ela existe</i>	40490	09/04/04
<i>Foi sem querer!</i>	37005	12/06/05
<i>Harry Potter e o Príncipe Bastardo!</i>	30776	02/12/04

Fonte: Floreios e Borrões

Nessa listagem reparamos que as histórias mais lidas estão na proporção das mais antigas. Se em *fanfiction.net* as datas da publicação variam, aqui há prevalência para os anos de 2004 e 2005. Entre os detalhes informativos em cada um dos textos não é antecipada sua dimensão. Podemos ver a data de criação, de última edição, censura e visitantes, porém o dado mais próximo de extensão fornecido é o número de capítulos. Em *Floreios e Borrões* aquelas mais populares entre os leitores são todas de classificação livre.

Das cinco, quatro apresentavam a capa opcional e, por sua vez, em uma a imagem estava corrompida. A ilustração é a única intervenção nas criações que não é literária. Há nelas um esforço de apresentar o título e uma representação dos personagens trabalhados. A composição é um misto, mimetizando as capas dos livros originais, colando instantâneos dos filmes ou desenhos. Eis dois exemplos:

Figura 10 – Capa de *Harry Potter e o Príncipe Bastardo*



Figura 11 – Capa de *Harry Potter e o Último Horcrux*



A primeira história da lista investe em dois relacionamentos que não pertencem à série. Harry faria par com Hermione, e Giny Weasley se envolveria com Draco Malfoy. *Harry Potter e o Perfeito Proibido* foi criada em fevereiro de 2004, enquanto que passou por atualizações até agosto de 2008. Na introdução, a autora, identificada como *Julia Granger*, se explica aos leitores. Primeiro se desculpa por eventuais erros de português à época que teria escrito, então com 15 anos, e logo situa os acontecimentos no intervalo entre o quinto e sexto livro, sem que este houvesse sido lançado.

Perfeito Proibido inicia o enredo com o sequestro de um personagem secundário. Paralelo a isso o casal principal é levado para um lugar seguro a pedido do diretor Dumbledore, já que os seguidores de Voldemort estariam atacando. Lá ele tem uma revelação sobre a tia que lhe criou, que havia sempre demonstrado repulsa por bruxos: fora ela também uma bruxa em Hogwarts.

Já em *Harry Potter e o Último Horcrux* há uma tentativa deliberada de continuar um dos livros enquanto o posterior não havia sido publicado. A autora *Sônia Sag* deixa isso explícito na descrição: “a fic [é] apenas uma tentativa de matar a saudade até o livro sete chegar”. Essa fanfiction, iniciada em agosto de 2005 e concluída em junho de 2009 apresenta os mesmos casais que se formaram na narrativa de origem. Ainda, seus 36 capítulos são mais curtos que das demais ficções. Apesar da extensão reduzida, a criação foi premiada e deixa isso claro junto ao título, exaltando: “Vencedora Potterfiction Awards - Cat. Geral”.

O capítulo de abertura já aposta na relação entre Harry e Gina. Embora a circunstância da trama seja a de guerra entre bruxos, o casal mantém contato por cartas

com nomes codificados. O que se segue no roteiro é basicamente o prosseguimento do livro anterior, quando Harry, Hermione e Ron partem em busca das relíquias que podem derrotar Voldemort.

Outra fanfiction, *Agora Percebi que ela Existe*, também desenvolve o relacionamento presente na série entre Harry e Gina. A história se passa durante o sexto ano, muito embora o livro correspondente não houvesse sido lançado na época de sua criação, abril de 2004. Gina vai à casa do garoto para convidá-lo a passar o resto das férias com sua família, a partir do que se desenrolará o resto do ano escolar. Apesar da ameaça dos bruxos das trevas, outro relacionamento desenvolve-se, dessa vez entre Rony e Hermione, igualmente presente na versão original. Essa ficção também possui capítulos curtos, sendo que foi atualizada pela última vez em outubro de 2005.

Foi sem querer! tem longa trajetória de acordo com a explicação da autora. Finalizada em 2002, ela teria sido reformulada em 2004 e novamente alterada em 2009 – para ficar sintonizada com o enredo dos livros. Ela investe num triângulo amoroso inexistente, envolvendo o protagonista – Harry –, Gina e Draco. A história se passa no sétimo ano dos estudantes, porém em 2005 (data da postagem) tinha-se apenas até o quinto livro da ficção, equivalente ao quinto ano escolar. O cenário é de guerra entre bruxos, mas o desvio do original é justamente a forma como a personagem Gina revela estar apaixonada por Draco, rival de Harry. Potter fica surpreso, com dificuldade tenta aparentar indiferença. Através do texto ele e Draco vão duelar para descobrir quem ficará com a garota.

A última fanfiction da lista é *Harry Potter e o Príncipe Bastardo*. Criada em dezembro de 2004, foi concluída cinco anos depois. Também se passa antes do sexto livro, tentando explorar a situação de guerra criada no volume anterior. Aqui o autor insere uma preocupação com a carreira do protagonista. Ele pensa em se tornar auror – espécie de feiticeiro que combate as artes das trevas – mas para isso precisa ter um bom desempenho nas disciplinas escolares. Em meio a isso Harry ainda necessita conviver com o clima de insegurança que ronda sua residência, fora do universo mágico. O início da história tem estrutura semelhante aos livros de Joanne Rowling, com Harry habitando a casa de seus tios adotivos. Porém, dessa vez, um ataque de bruxos faz todos ficarem assustados, até que sua tia confessa saber o significado de tudo aquilo,

surpreendendo a todos. Esse artifício é similar ao de *Perfeito Proibido*, alterando a figura da tia, que ocupa o papel maternal após Voldemort assassinar seus pais.

4.2.1. Interação autor-leitor

Os dois sites avaliados possibilitam interações com os leitores. Em *fanfiction.net* os autores das criações observadas incentivam comentários (*reviews*) e utilizam os espaços do texto às vezes como nota de rodapé para antecipar algumas questões. Sob a distinção *Author's Notes* ou simplesmente “A/N” boa parte dos escritores amadores simulam um diálogo. Como nas últimas duas linhas do primeiro capítulo de *Harry Potter and the Nightmares of Futures Past*:

A/N – Okay, had the idea for this come roaring into my head while I was working on Blackwand Chronicles and it wouldn't leave me alone until I started working on it. And yes, this thirty year old Harry is very emotional. He's just lived through pretty much his worst nightmare²³.

Através desse processo os fãs revelam o método de criação e aspectos da história. Isso se repete em *Harry Crow* e *Partially Kissed Hero*. O primeiro declara sua admiração por Joanne Rowling e assume o texto como reverência, o segundo explica que a concepção surgiu de um questionamento: e se tal coisa houvesse acontecido?

A preocupação com o leitor é evidente. As notas, sejam como prefácio ou rodapé, servem para guiar o navegador desprevenido, quando não para agradecer. Em *Harry Potter and the Methods of Rationality* o recurso é utilizado para exprimir a forma da história e a estrutura planejada:

Reviews make me happy. You can leave reviews on any chapter, no login required, and there's no need to

²³ Em tradução livre: Ok, a ideia me veio à cabeça enquanto eu estava trabalhando em Blackwand Chronicles, e não me abandonou até que trabalhasse nela. E, sim, esse Harry Potter aos trinta anos é bastante emotivo. Ele atravessou seu pior pesadelo.

finish reading it all before you start reviewing chapters - but do please leave at most one review per chapter. (...) The pacing of the story is that of serial fiction, i.e., that of a TV show running for a predetermined number of seasons, whose episodes are individually plotted but with an overall arc building to a final conclusion.²⁴

Já os comentários dos leitores se alternam entre pedidos para atualizar a história, escrever outras ou fazer avaliações simplificadas do tipo “*very good*” ou “*I love this story*”. Eventualmente surge alguma crítica sobre o texto, mas elas não entram em detalhes, ficam no aspecto de “não gostei disto”, mas concluem por aprovar a fanfiction. Há relatos mais extensos, que se debruçam sobre passagens do texto exaltando a criatividade do autor. Mas também há ataques, como o do usuário *InARealPickle* em *Partially Kissed Hero*: “The most ridiculous thing I have read in a long time. It would have been decent if you hadn't rambled on about his shopping trip”.

É possível observar sobre qual capítulo os leitores estão comentando. Isso permite que saibamos se as impressões postadas são do início ou do fim da fanfiction, quando não explicitamente dito. Esse formato de visualização dos comentários é similar ao de Floreios e Borrões, à diferença que no endereço em português as intervenções dos leitores ficam dispostas abaixo dos capítulos referentes, enquanto que em fanfiction.net há um *link* específico para os *reviews*, sendo possível refinarmos a visualização para todos ou os representativos de cada capítulo.

As interações que o site em inglês fornece aos leitores cadastrados sobre as histórias são as seguintes: comentário, adicionar história aos favoritos, seguir história, adicionar autor aos favoritos, seguir autor, enviar mensagem privada ao autor e compartilhar em redes de socialização. Não cadastrados podem somente comentar e compartilhar.

Em Floreios e Borrões, enquanto cadastrado, é possível marcar o texto como: já li, irei ler, estou lendo e desisti. Há dois métodos quantitativos de avaliação: o voto, que

²⁴ Em tradução livre: Comentários me deixam feliz. Você pode comentar em qualquer capítulo, sem realizar *login*, e não há necessidade de terminar de ler tudo antes de comentar os capítulos – mas, por favor, deixe no máximo um comentário por capítulo. (...) O andamento da história é de uma ficção seriada, por exemplo, aquele de um programa de televisão sendo reproduzido por um número determinado de temporadas, do qual os episódios têm enredo individual, mas com um arco construindo a conclusão.

funciona através de uma caixa com números de 1 a 5; ou quando se escreve um comentário, ao indicar uma nota para a história, também de 1 a 5. Mesmo que ao comentar seja exigido o preenchimento dessa nota, uma parte dos usuários ignora a opção. Isso é perceptível, pois mesmo aqueles que elogiam a criação acabam postando a nota mais baixa, 1. Nesse site também está disponível o compartilhamento via Twitter e Facebook.

O mesmo comportamento de interlocução direta, recém descrito, se repete entre os autores de *Floreios e Borrões*: eles pedem opiniões para os leitores. *Pati Mello*, a criadora de *Agora Percebi que ela Existe*, inclui em nota ao final de um capítulo: “(N/A: genteeee...minha primeira fic. Deu uns problemas com as poistagens mas axu q já resolvi...Espero que estejam gostando. Comentem please)”. Em *Foi sem Querer* o pedido é incluído na descrição da história, desviando o espaço de informações para se dirigir ao público: “Decisão. Apenas uma escolha pode afetar toda sua vida e muitas vezes o caminho escolhido causa muita dor; mesmo que seja sem querer. (...) Comentem ^^”.

Em *Harry Potter e o Perfeito Proibido* há uma tentativa de evitar as críticas por criar um relacionamento (*ship*) não previsto no original, entre Harry e Hermione. Julia Granger antecipa os insultos ainda na descrição:

Se você é contra Harry e Hermione a ponto de enviar e-mails xingando, não leia esta fanfiction. O item chamado shipper na ficha da Fanfic serve para que você descarte as fanfictions com cujo casal você não concorda.

Em *Floreios e Borrões* principalmente os comentários mais recentes tem o intuito de divulgar histórias dos próprios usuários. Eles incluem então o pedido, o nome da fanfiction e – muitas vezes apenas isso – o endereço para leitura no mesmo site. Uma usuária reconhece a atitude comentando em *Harry Potter e o Último Horcrux* em fevereiro de 2012: “Porque é que todo o mundo faz propaganda às [sic] suas fics, numa historia tão linda e maravilhosa, em vez de dizer o que acham, afinal é para isso que serve os comentários né?”.

Os ataques vistos em inglês também estão presentes aqui, tachando o trabalho de “lixo” e ofendendo o autor sem citar pontos de sua criação. É o que acontece em *Harry*

Potter e o Príncipe Bastardo e *Harry Potter e o Perfeito Proibido*. Nessa última a autora²⁵ desabafa: “Obrigado o pessoal aí que me ‘defendeu’. E pro pessoal que tá criticando, ok, vocês tem o direito de não gostar, mas por favor FAÇAM CRÍTICAS CONSTRUTIVAS [sic]! (...)”. Embora isso ocorra, a proporção dos elogios é maior nestas criações analisadas (lembrando que são as mais lidas). E há alguns exemplos curiosos de crítica ainda em *O Príncipe Bastardo*. Um deles é da usuária *sra Fernandes*, em fevereiro de 2013:

Começado a leitura..... gostei de sua abordagem e foco na escrita. Sugiro apenas que faça uma revisão no texto, na minha humilde opinião, dá pra retirar algumas palavras que estão duplicada, sem perder o sentido da frase. Como por exemplo "Na manhã seguinte, quando Harry desceu para o café da manhã(...)não vejo a necessidade de repetir a palavra 'manhã'. Veja se não fica mais enxuto o texto assim "Na manhã seguinte, quando Harry desceu para o café(...)" Repito, estou só sugerindo! Parabéns pela fic. bjs Sra. Fernandes.

Ainda, é possível recobrar alguns casos isolados, porém relevantes, em que os usuários manifestam sua opinião sobre o que deveria se passar a seguir. Em 9 de maio de 2005, o *Príncipe Bastardo* incentiva isso. Um leitor pede para o autor mudar o destino de um dos personagens, não gostando que sua ídole estivesse “má”.

(...) Ah, e eu não me conformo que tu tenhas feito isso com o Percy! Tudo bem que tem sido um grande babaca ambicioso mas, acho que ele não seja de tão má fé assim para passar para o lado das trevas. Na verdade, ele é só um grande puxa-saco! (...).

4.2.2. Desenvolvimento da competência instrumental na escrita

²⁵ Não é possível identificá-la como o usuário que postou a história, os nomes não estão mais disponíveis. Atribuímos a ela a autoria da fanfiction pelo fato de assumir a responsabilidade.

Não seria prudente traçar diretamente uma correspondência entre as seleções dos dois sites em virtude das classificações serem ligeiramente distintas; os operadores “reviews” e “mais lidas” representam funções diferentes, embora esses tenham sido os critérios mais produtivos para nossa análise. De qualquer modo podemos tirar qualidades gerais dos textos, considerados então como populares no universo da leitura de fanfictions de Harry Potter. Além das divergências de listagem e busca entre os sites fanfiction.net e Floreios e Borrões, destaca-se a variação qualitativa entre as ficções. No domínio brasileiro podemos perceber a preferência dos autores em explorar romances, sejam eles previstos ou não. Antes mesmo de irmos às criações, a presença de um item de classificação que expresse isso – “Ships” – é um indicativo da importância dos relacionamentos em fanfictions de língua portuguesa. Se não podemos generalizar que a maior parte das ficções derivadas de Harry Potter em nosso idioma investe na trama amorosa, podemos afirmá-lo com relação ao recorte das mais populares de Floreios e Borrões. Cabe ressaltar que as histórias em português descritas foram todas concebidas antes dos últimos livros serem lançados, o que alimentaria seu grau *especulativo*.

Os leitores de língua inglesa em fanfiction.net dão preferência a contextos *alternativos*. Enredos sobre viagem no tempo, método científico e com mudanças na infância do protagonista exploram novas situações. As datas de publicação, mais recentes no site estrangeiro, provavelmente revelam o que leva a esse processo de inovação: visto que a partir de 2007 os fãs teriam acesso ao desfecho da série, as criações decorrentes buscariam estender a validade do universo de Harry Potter, produzindo novos sentidos; essa característica estaria em contraste com a tendência preditiva de Floreios e Borrões.

Fica claro nos textos descritos o comprometimento dos autores com a atividade. Um dos aspectos a serem avaliados, sobretudo no caso de fanfiction.net, onde é facilmente mensurável, diz respeito à extensão das histórias. Fãs que se dedicam a escrever 500 mil palavras derivando uma série não só materializam sua admiração, como desenvolvem suas próprias competências redacionais. Em Floreios e Borrões podemos entender esse envolvimento de outro modo. Algumas histórias, como *Foi sem querer!*, indicam revisões no decorrer de anos. Levando-se em consideração que alguns dos escritores são jovens, pode-se se dizer que seu aprendizado da escrita está severamente ancorado nessa expressão.

Conhecemos de Black (2007) e Martos Núñez (2006) a hipótese sobre a redação de fanfictions como alternativa à educação escolar impressa. Apesar de ser um tipo de criação de fã em que a figura do autor – melhor seria qualificá-lo como um ator desviante – se destaca, os espaços de interação também fornecem algumas pistas sobre o aprendizado. O pedido para leitores comentarem já indica a consciência sobre um público ideal; mais, a ocorrência, ainda que isolada, de crítica às propagandas feitas nos comentários ou ao estilo da escrita demonstram ser essa uma prática com potencial de estimular as competências dos fãs produtores. Contudo, a capacidade desses criadores é mais estimulada na esfera instrumental, já que poucas contribuições são feitas no sentido simbólico dos enredos desviantes.

4.3. Páginas do Facebook

A adoção dessa rede de socialização *online* como parte do *corpus* está em concordância com a dimensão que atingiu. De acordo com informações divulgadas pela empresa, em março de 2013 foram registrados 1,1 bilhão de usuários ativos. Sua significância é visível também para os brasileiros, dados também de 2013 afirmam que um terço da população nacional possui conta na rede²⁶.

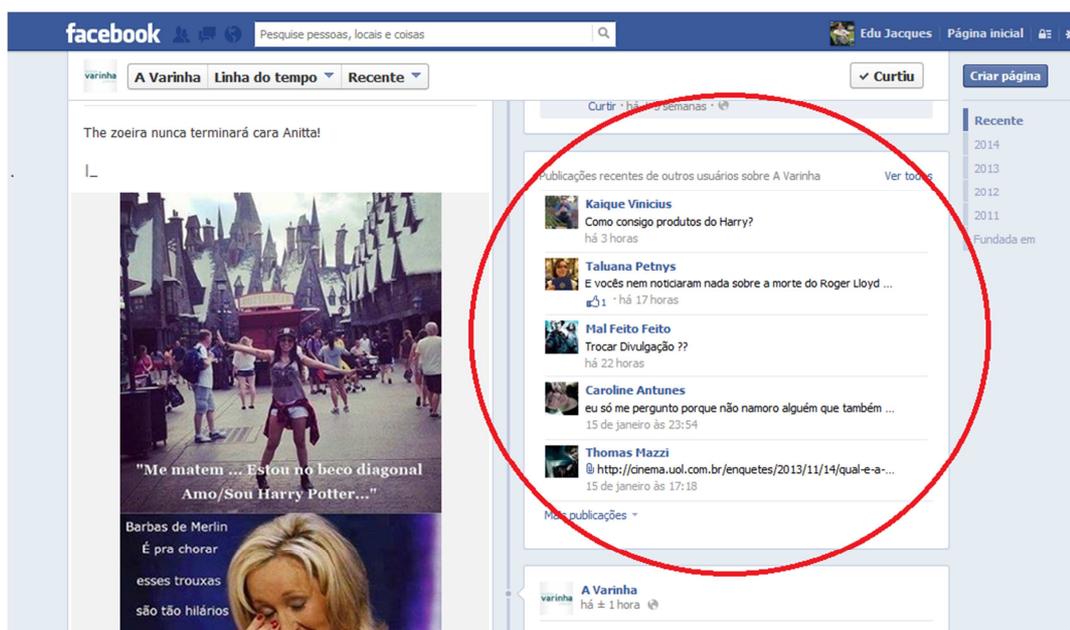
As páginas analisadas apresentam *layout* similar, o que pudemos observar nas figuras 1 e 2. Como as demais, elas apresentam uma “capa” e uma “imagem de perfil”. Além de curtir, é possível visualizarmos alguns detalhes, que ficam acessíveis como quadros, ao lado das informações básicas e abaixo da capa. Certas opções são comuns, como ver a lista de fotos e vídeos publicados, mas os gestores podem personalizá-las. Em Varinha foram criadas as seções “sorteios” e “eventos”. Para participar dos primeiros é necessário instalar um aplicativo do Facebook, já a outra escolha mostra, também em formato de lista, as atividades que foram agendadas. Harry Potter, página associada aos estúdios Warner, oferecia três categorias: “Wizard’s Collection”, “Watch on Facebook” e “Youtube”. Referiam-se respectivamente a um catálogo de presentes, um aplicativo para visualização de filmes no computador e um *link* redirecionando para um canal da rede Youtube. Em janeiro de 2014 houve mudanças, o catálogo virou Gift

²⁶ Conforme matéria de O Estado de São Paulo, 23 de janeiro de 2013. Ver: CONGO, Mariana, nas referências.

Guide-USA, o aplicativo virou Digital Copy; ainda uma lista com sites da Warner foi incluída e a página do Youtube removida.

Outro aspecto descritivo de nosso interesse é a possibilidade de interação. Quando acessamos as páginas há as informações recém citadas no topo e as postagens, que aparecem verticalmente – as mais recentes acima das demais. O Facebook permite refinarmos essa pesquisa de acordo com anos e meses, se houver conteúdo disponível para seleção. Em A Varinha e Harry Potter a interface destaca uma aba para o usuário “recomendar” a página a outros contatos. No registro em português ainda podemos avaliar o conteúdo com estrelas – de uma a cinco – e, mais importante, publicar. Contudo as publicações dos demais usuários são vistas, inicialmente limitada às cinco últimas, em uma aba lateral, pouco destacada em relação aos outros materiais (figura 12). Essa função de “publicações abertas” segue um modelo de personalização já existente na rede social *online*, usado em páginas afins. Entre os comentários livres é comum nos depararmos com os que pedem para que a Varinha divulgue o endereço de outras páginas do Facebook em troca do mesmo reconhecimento. Outros ainda perguntam por produtos e ainda enviam imagens sobre a série. Em Harry Potter isso não é possível, os usuários comuns podem apenas curtir uma lista de páginas predeterminadas pela Warner. E, obviamente, nos dois casos é possível comentar, curtir e compartilhar as postagens preexistentes.

Figura 12 – Indicação do local dos comentários públicos em A Varinha



Antes de passarmos ao plano dos conteúdos ressaltamos o fato de que “visitarmos” as páginas não é o único modo de observarmos as postagens. Uma vez curtidas, de acordo com o modo de funcionamento do Facebook, as publicações dos organizadores aparecerão no “Feed de notícias” dos fãs – sua página de abertura; descrevemos isso segundo a definição do Facebook sobre a opção curtir. E o algoritmo que ordena essas atualizações do “Feed” foi alterado recentemente. A indicação é de que vai oferecer maior exposição ao conteúdo das *fanpages*²⁷. Quanto à funcionalidade a rede social *online* afirma:

O Feed de notícias – a coluna central da sua página inicial – é uma lista em constante atualização de históricos de pessoas e Páginas que você segue no Facebook. As histórias do Feed de notícias incluem atualizações de status, fotos, vídeos, links, atividade de aplicativos e opções Curtir²⁸.

Dito isso podemos assumir a descrição dos casos, observados na sua origem. Em relação à Varinha e a Harry Potter há uma desigualdade na atualização. Como havia sido destacado sobre nossa escolha por duas páginas consistir, na verdade, em dois

²⁷ Ver: OLHAR DIGITAL, 21 jan. 2014. Facebook muda algoritmo para privilegiar posts de fanpages com links.

²⁸ Acessível em: <https://www.facebook.com/help/210346402339221>. Acessado 20 jan. 2014.

casos (ver segmento 3.2.), as circunstâncias de um e outro diferem e nos desafiam a incorporá-los ao estudo. O núcleo em português é atualizado com frequência bastante maior que o endereço em inglês. Enquanto o observado na primeira semana de junho de 2013 em A Varinha foram 98 postagens, Harry Potter enviou materiais apenas quatro vezes no mesmo período. Essa diferença é relevante, mesmo que este estudo não tenha caráter quantitativo.

Foi necessário um movimento metodológico para superar essa disparidade. Assim, referente ao ano de 2013, continuamos com a observação da primeira semana de junho para A Varinha (98 resultados) e reordenamos os dados de Harry Potter para compreender o mês de maio, então com 17 publicações.

Nossa intenção não foi a de documentar as postagens nos dias em que foram lançadas. Há um intervalo entre divulgação e circulação no Facebook, não sendo de caráter simultâneo, à maneira como qualificaríamos outras redes, tais qual o Twitter. Ainda, a divergência entre os períodos observados pode suscitar variações entre as duas páginas, já que a avaliação delas foi feita no dia 14 de junho de 2013, logo um intervalo maior para os envios da página Harry Potter se difundirem.

Todavia, é necessário conhecermos melhor o tipo de conteúdo e os organizadores com que estamos lidando, para então avançarmos sobre as postagens.

A página A Varinha, criada em 2010, pertence a uma loja de produtos colecionáveis. Embora possua atuação diversificada no comércio, abrangendo várias franquias, no interior da rede Facebook ela está severamente vinculada à série Harry Potter. Em alguns momentos encontramos anúncios de produtos, mas é necessário reconhecer que em princípio não são fãs que promovem seu conteúdo, mas um estabelecimento comercial – lembrando que o ‘fã’ (ver 5.2.) caracteriza-se por não buscar lucro sobre sua produção. Ademais, as duas imagens usadas como capa e imagem de perfil nessa conta fazem referência a mercadorias e sites externos. Na descrição ainda é colocado: “loja para artigos de colecionadores” junto a e-mail, endereço e telefone de contato. Detalhes semelhantes são colocados no *link* de informações. Apesar disso, ela foi curtida 273 mil vezes no Facebook.

Já a página Harry Potter, criada em 2009, está relacionada à sequência de filmes lançados pelos estúdios Warner. É como está exposto em suas informações. No local

para indicar aos usuários sobre os organizadores ficam dispostos dois *links* externos, um para um produto anunciado no site de vendas *Amazon* e outro para um site com anúncios exclusivamente de artigos de Harry Potter. A página é a mais popular encontrada sobre o tema no Facebook, sendo o seu idioma de postagem o inglês. Ao todo, 68 milhões de pessoas curtiram²⁹.

Tanto A Varinha como Harry Potter, portanto, não pertencem a fãs que atualizam seu conteúdo, mas a organizações de mercado que foram aceitas pela comunidade de fãs quando materializaram sua aprovação pelo botão curtir.

A Varinha parece ter maior liberdade na divulgação. Listamos algumas postagens, segundo as quais se destacam majoritariamente aquelas que fazem uso do humor, da memória em relação à narrativa e de apropriações dos temas ficcionais³⁰ pelos fãs.

Vejamos como a página explora alguns itens de humor. As legendas representam os textos que acompanham as imagens. Eventualmente siglas em letras maiúsculas são colocadas após os textos, elas significam o nome dos organizadores da página que teriam feito a postagem. Essa informação foi fornecida, por mensagem privada do Facebook, quando o pesquisador questionou a utilização das letras.

Figura 13 – Sim, vc é fabuloso rrsrs

²⁹ O volume de curtidas torna a página a 12ª maior do Facebook. <<http://www.socialbakers.com/facebook-pages/>>. Dados de janeiro de 2014.

³⁰ O termo apropriação é ambíguo. Usado em larga escala em pesquisas sobre recepção, atualmente ele teria valor múltiplo, tal é a diversidade da situação como os “receptores” se relacionam à comunicação. Para efeito de explicação, aqui usaremos apropriação no sentido de como fãs se baseiam em uma ideia alheia e promovem ações ou produzem materiais.

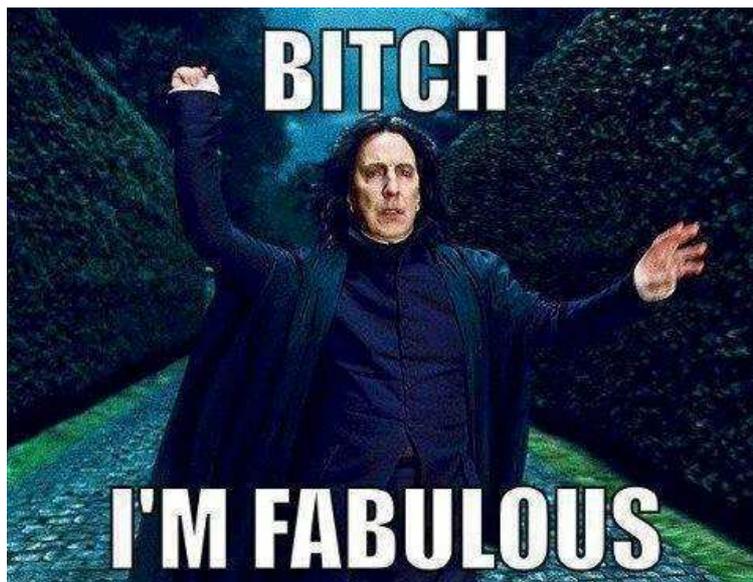


Figura 14 – Ela é demais... /\



No primeiro exemplo (figura 13) a página se apropria de um *meme*³¹ e incorpora um personagem da série ao formato. Snape, caracterizado pela rigidez, é captado de uma passagem do filme e transformado em uma pessoa espalhafatosa. Na sequência (figura 14), uma vilã é associada à música *Ela é demais*, lançada pela dupla Rick e Renner em 1998. Outras postagens tem tom semelhante. Algumas igualmente exploram

³¹ Meme é um termo usado para descrever algum elemento da cultura que se perpetua. É proveniente da obra do biólogo britânico Richard Dawkins, *O Gene Egoísta* (Companhia das Letras). Atualmente costuma-se chamar de meme os conteúdos de ampla difusão na internet; na maioria dos casos com papel humorístico.

memes, como o *slogan* do governo inglês durante a 2ª Guerra, transcrito numa imagem como *keep calm and be a potterhead*³². Em uma delas a personagem Hermione aparece num quadro do filme quando estava em perigo; a montagem feita entre a cena e uma foto dos Beatles simula um diálogo cantado, justamente a letra da música *Help*.

Uma parte específica do conteúdo humorístico presente na página diz respeito a comparações com outras séries. Exemplo dela é a rivalidade com *Crepúsculo*,³³ lembrada em dois momentos: em uma postagem que compara o volume de combatentes nas batalhas finais de Harry Potter e Nárnia em contradição com a trilogia dos vampiros e noutra em que uma montagem simula o deboche com que personagens de Joanne Rowling tratam o protagonista da outra franquia.

Também é traço marcante em *A Varinha* a forma como divulga apropriações da narrativa original. Ora montagens, ora ações dos próprios fãs, nem sempre são referidas as fontes, mas há criatividade na elaboração.

³² Em tradução livre: “mantenha-se calmo e seja um Potterhead”. Essa gíria é usada pelo fandom de Harry Potter para autodescrever seus participantes.

³³ *Crepúsculo* é uma série escrita por Stephanie Meyer. Lançada após Harry Potter, a narrativa, que mistura lendas como vampiros e lobisomens, fez bastante sucesso e igualmente foi adaptada aos cinemas.

Figura 15 – Cicatrizes. PT

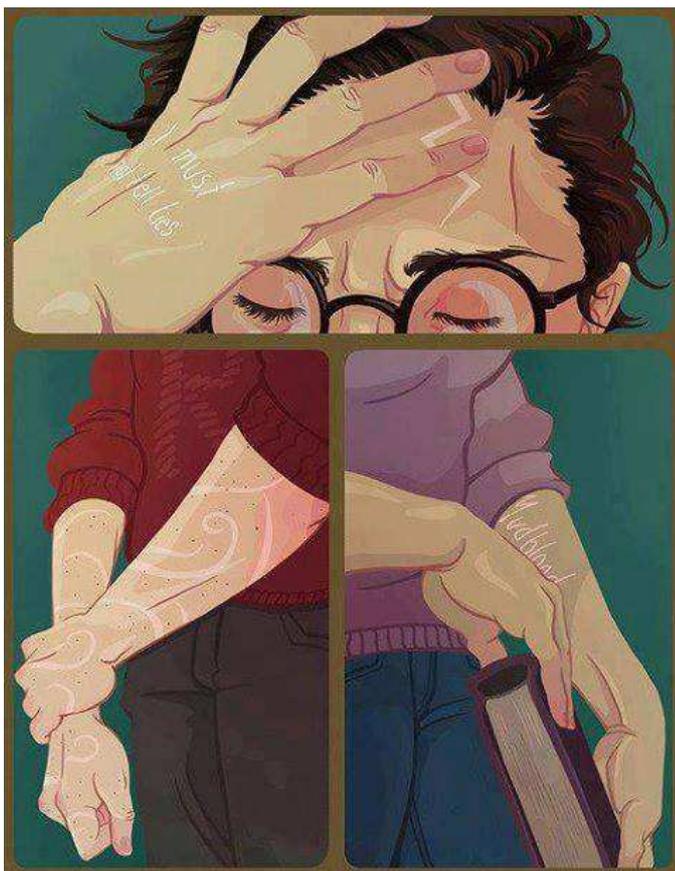


Figura 16 – Acreditam que isso é um bolo? /\



Primeiramente (figura 15) observamos um desenho em que os protagonistas vão se distinguir pelas cicatrizes, objetos e roupas que carregam. É necessário tanto um

domínio de ilustração quanto de edição para elaborar material semelhante. É uma arte de origem não identificada. No outro item (figura 16) temos um bolo mimetizando um livro que aparece na história e reagiria aos personagens quando manuseado. Também não apresenta detalhes sobre a proveniência.

Em momento posterior nos deparamos com uma imagem convocando demais usuários a assistir a um dos filmes que começava a ser reproduzido na televisão. Nesse caso o que é demonstrado como apropriação difere-se ligeiramente das demais postagens, pois chama os fãs a um ato. Esse tipo de interação também ocorre quando os conteúdos se associam com a trama e ao mesmo tempo fazem perguntas a quem os visualizar: “qual é a qualidade de vocês?”, pergunta uma postagem do dia 3 de junho ao ilustrar com símbolos dos grupos escolares fictícios e as qualidades atribuídas a cada um: coragem, ambição, fidelidade, inteligência.

Porém, o que há mais em comum entre A Varinha e a página em idioma estrangeiro é a maneira como lida com trechos dos livros e dos filmes com tom nostálgico.

Figura 17 – Cuidado com as palavras, use-as com cautela. LL



Figura 18 – Eu confesso e ainda choro toda vez que vejo, não tem como não chorar e se emocionar. LL



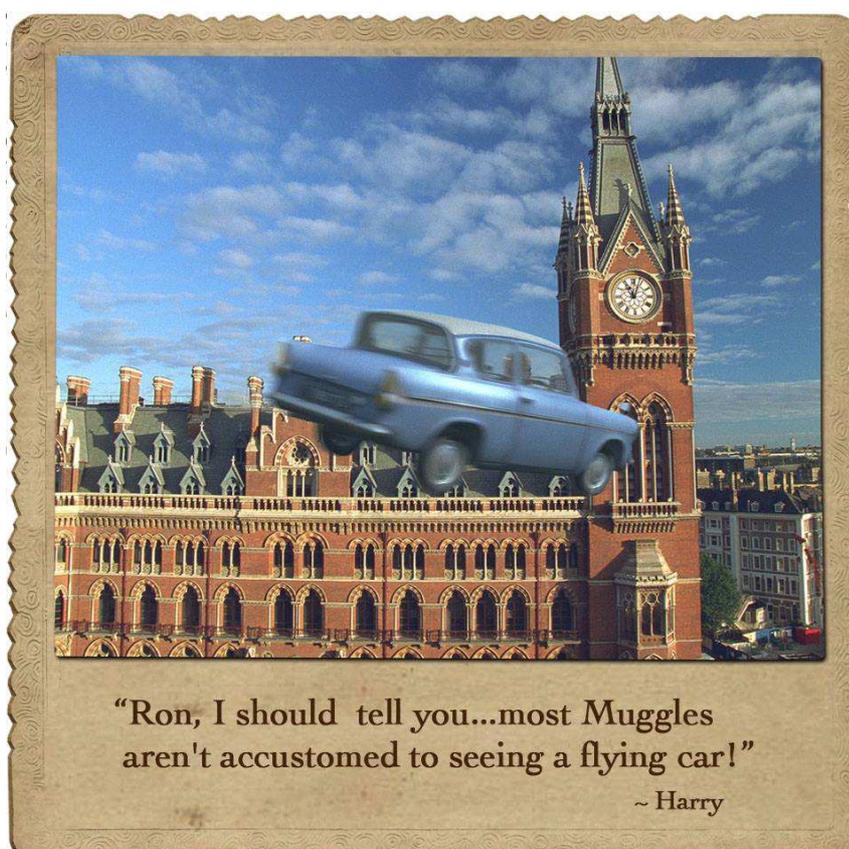
Em dois artigos são textos ou imagens a traduzir trechos da série. Antes (figura 17) há uma manipulação sobre o personagem Dumbledore, diretor da escola de magia, e um de seus aforismos. Mas sobrepondo-se à fantasia, a criação ainda reconhece a autoria da frase, ao citar a escritora Joanne Rowling logo abaixo. Em seguida (figura 18) a passagem do filme em que um elfo morre no colo do protagonista. O interesse nostálgico se repete em montagens sobre os personagens e seu significado para a narrativa, especialmente relacionando algum momento inicial da trama ao destino das figuras envolvidas nas filmagens. Tanto no dia 4 como no dia 2 de junho foram feitas publicações usando esse recurso.

No outro exemplo de caso na rede Facebook, a página Harry Potter, o principal destaque de seu conteúdo também está investido na nostalgia.

Figura 19 – What charm is being cast here?



Figura 20



À diferença de A Varinha, a página Harry Potter emprega a memória da franquia como adivinhação ou curiosidade. Isso fica mais bem representado no primeiro exemplo (figura 19). É feito o desafio de eles descobrirem o que se passa em determinada cena.

Já o atributo da curiosidade é válido em outros momentos, como na explicação de quantas corujas foram usadas em determinada cena ou quantas varinhas o protagonista precisou para gravar. Em outra postagem (figura 20) o processo é o usual, um quadro do filme, com edição simulando um retrato, é descrito com uma fala dos personagens.

Igualmente, os espaços parecem reverenciar os atores (ou a autora) responsáveis pela série. Isso fica explícito em momentos em que se parabeniza o artista por seu aniversário ou se faz menção as suas falas em alguma entrevista sobre a série. Em A Varinha talvez haja outra dinâmica para cultuar os atores. No caso da atriz Emma Watson duas postagens são particulares: em uma, com tom de humor, brinca-se com um meme, “Emma Watson é legal, mas... mas nada, ela é a Emma Watson”. Ainda é feita uma montagem que mistura fotos dela caracterizada como a personagem Hermione no decorrer dos oitos filmes.

E em alguns momentos ambas as páginas acabam por fazer publicidade de seus produtos.

Figura 21 – Unless you have a Time-Turner, you'll have just one day to take advantage of special pricing on the limited-edition Harry Potter Wizard's Collection – plus shirts, jewelry, wands, iPhone cases and more! <http://bit.ly/12B00aN>



Figura 22 – Em <http://bit.ly/WYd2gh> - Que horas são? /\



Embora em A Varinha fossem poucas as publicações relacionadas a produtos, menos ainda explicitamente àqueles anunciados na loja, essa incidência não deveria ser descartada. O relógio com desenho interno (figura 22) imitando um objeto da narrativa demonstra interesse comercial. Há ainda dois anúncios sobre uma promoção, porém, no caso, a exposição tinha uma atriz como garota propaganda nas fotos. Por outro lado, a página Harry Potter, pertencente à Warner, é mais direta nas ofertas, como na divulgação conjunta (figura 21) de DVDs, livros e outros objetos associados à franquia.

Nas nossas observações algumas postagens se destacaram na circulação entre os usuários. Não podemos atribuir esse fenômeno somente as suas qualidades, já que outros fatores, como os agentes que promoveram a divulgação, interferem no alcance. Entretanto, em Harry Potter, uma publicação associando o protagonista ao lance decisivo de uma partida de quadribol (esporte praticado na série) referente a um dos filmes atingiu 13 mil compartilhamentos e 324 mil curtidas; a segunda mais compartilhada foi a postagem referente à figura 19, o desafio de adivinhação aos fãs, com mais de 8 mil compartilhamentos e 204 mil curtidas. As duas constam basicamente em instantâneos dos filmes, o que qualificaríamos como a nostalgia acima referida.

A página em português é mais restrita, tanto pelo idioma como pelo número de seguidores. De qualquer modo, o item que mais circulou pelo Facebook foi uma publicação de humor, uma foto em que um conjunto de corujas aparece num quarto olhando para a câmera (figura 23) e se perguntando: “Como assim não vai mais ter filmes do Harry Potter?! Estamos desempregadas?”. A figura das aves foi compartilhada 1051 vezes e curtida por 2100 pessoas. Outro conteúdo popular foi uma montagem com personagens de 16 ficções diferentes. Nesse sincretismo, também um texto atravessa a imagem: “Eu acredito em um mundo onde todos os sonhos são possíveis e todos podem ser grandes heróis”. Sobre ela, mais 1012 usuários compartilharam e outros 1260 curtiram.

Figura 23 – Como assim...! SP



No nível das interações percebemos que os comentários do público nos materiais em circulação variam de acordo com a proposta. Na página A Varinha a quantidade raramente passa de uma centena. Se o conteúdo é humorístico, alguns usuários preferem escrever simulando risos ou vinculando algum contato na caixa de texto³⁴. O recurso de

³⁴ Esse procedimento equivale a chamar a atenção de outro ator na rede. Quando o nome de um usuário é mencionado nos comentários essa ligação não vai para a página pessoal de quem foi citado, entretanto, o indivíduo receberá uma informação lhe dizendo que foi chamado em determinada postagem.

responder³⁵ a outro comentário costuma ser pouco utilizado desse modo. Já em postagens sobre trechos dos filmes ou livros surge uma incipiente discussão, normalmente entre duas pessoas.

Maioria das postagens na página Harry Potter, os instantâneos dos filmes acumulam milhares de comentários em inglês. Pela estrutura do Facebook, automaticamente visualizamos os “principais comentários”, aqueles com maior número de réplicas e curtidas. Por sua vez esse *ranking* acaba privilegiando os que fazem comentários irônicos sobre a série e o conteúdo em questão. Como essa página frequentemente conclama seus leitores a identificar os momentos da história a partir das imagens, lemos comentários simplificados, de poucas palavras. Em geral as respostas não exploram a interpretação da série.

Após o lapso de alguns meses no decorrer da pesquisa reparamos que os conteúdos de ambas as páginas foram parcialmente excluídos. A Varinha sofreu a mudança mais intensa. Seus registros sobre junho de 2013 passaram das 98 postagens listadas em nossa aproximação descritiva para 12, uma redução de cerca de 90% da quantia original. Nossa observação havia sido feita uma semana após as postagens. Essa variação foi notada em janeiro de 2014, portanto, compreende um intervalo de seis meses. Harry Potter sofreu mudança mais amena em comparação ao outro caso. Das 17 postagens de maio de 2013, após um semestre, restam 13 delas.

4.3.1. Imagens em circulação

O modelo de difusão do Facebook favorece a criação de páginas, mas conforme indicamos no segmento 3.2., elas centralizam as postagens nos coordenadores. Além dessa predisposição à publicidade dos conteúdos institucionais, nota-se a preferência por imagens em ambos os casos. A Varinha e Harry Potter empregam figuras em todas as mensagens do *corpus* montado. Mesmo quando se pretende incluir alguma extensão de texto, a postagem é geralmente feita valendo-se de uma figura com inscrições.

³⁵ O que muda utilizando a réplica a outro comentário é o posicionamento da intervenção feita. Na interface exibida, ela ficará num espaço recuado, como se fosse uma ramificação do comentário original. Esse artifício facilita a visualização das discussões em uma postagem.

É possível estabelecer hipóteses sobre a preferência por imagens nas páginas. Do ponto de vista das interfaces tanto as *fanpages* quanto os grupos são semelhantes, mas a destinação das primeiras às organizações prevê tipos determinados de utilizações. Apesar de ser possível postar textos – também vídeos e *links* – a rede nesses canais favorece a divulgação visual. Os debates então seriam uma prerrogativa dos grupos. No caso da série Harry Potter isso amplifica a importância dos filmes lançados. Se estabelecermos uma comparação, os conteúdos em maior quantidade nas páginas do Facebook estudadas são os derivados da franquia cinematográfica.

Os usuários que curtem as *fanpages* e compartilham os materiais entram na lógica do Facebook. O funcionamento do *Feed de notícias* nessa rede, como já mencionamos, resume-se a exibir postagens de amigos e das páginas curtidas. Assim forma-se uma interface individual para visualização baseada em algoritmos de relevância. Embora nossa pesquisa não se direcione a esse fim, podemos sugerir uma aparente preferência dos postadores em promover conteúdos de rápida fruição, que se destaquem nessa vazão de mensagens. Esse seria outro fator a explicar a baixa propensão a debates e também os comentários sintéticos, expressando ora risos e ironias.

Os fãs aqui não se assumem como produtores, mas antes como apreciadores e difusores. É importante destacarmos essa qualidade, pois dá um sentido não previsto ao que chamamos de “criações”. A dinâmica em foco aqui favorece uma posição de suporte à saga, de perpetuação de seu discurso, mas num sentido muito reduzido de criatividade. Ao curtir as *fanpages* eles passam a interagir, mormente, com base nas publicações de outros, assumidos não como fãs, mas seus mediadores. Com esse sentido, a apropriação de Harry Potter no Facebook não consegue se descolar de um modelo industrial. Mais parece que se consuma a serialização da experiência ficcional. Mesmo que A Varinha poste criações de fãs, ela não deixa claro seus critérios de seleção, fechando-se no seu próprio corpo de “especialistas” sobre o fandom.

Soma-se a isso a matriz mercantil das páginas. Elas se assumem como organizações de mercado e precisam justificar sua existência com a divulgação da marca e seus produtos. Não obstante, elas atingiram as somas de curtidas mais expressivas nos quesitos propostos, uma *fanpage* em português e outra em inglês sobre Harry Potter. Portanto, os fãs assimilam ao fandom estruturas comerciais mesmo em

espaço hipoteticamente abertos, em que páginas geridas por outros fãs teriam possibilidade de ganhar projeção.

5. FÃS E A MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

Nossa visada metodológica define o exercício da abdução como essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa criativa. Entretanto, mesmo a formulação de hipóteses necessita ser confrontada com teorias e os dados observados. A proposta dos capítulos anteriores tem continuidade, portanto, com a retomada de alguns tópicos conceituais fundamentais.

Se os fãs têm desenvolvido novas maneiras de interagir entre si e com os outros, sugerindo novos usos e talvez práticas estabilizadas, esta inovação baseou-se na adaptação aos recursos comunicativos digitais aperfeiçoados. Não é o caso de falarmos apenas das tecnologias e da infraestrutura montadas para que os indivíduos pudessem se expressar e difundir suas criações, mas entender igualmente que o processo interacional como um todo tem verificado alterações em sentido qualitativo.

Para auxiliar na análise posterior sobre os movimentos que fãs efetuam vamos apresentar agora alguns conceitos-chave. Harry Potter e a ação de seus fãs serão entendidos aqui a partir de um enfoque comunicacional. É salutar a fidelidade a esse pensamento por se ater aos questionamentos propostos e entender as virtudes e fraquezas desta pesquisa. Uma variada gama de estudos sobre o mesmo tema estão em produção no Brasil e no exterior. Restringimo-nos a uma perspectiva sobre a *mediatização do fandom*, dividida entre este capítulo e o seguinte.

Para esse propósito discutiremos três terminologias que servem de base para a pesquisa. Sobre a técnica e tecnologia e sua conexão com a Comunicação recorreremos a Miège (2009) e Ferreira (2006). Já sob o tema de fãs, Jenkins (1992, 2006) e Flichy (2010) nos auxiliam. Ainda, no capítulo posterior trataremos especificamente do ponto de vista comunicacional através da ideia, ainda em construção, de *mediatização*

5.1. Técnica e Tecnologia

Nesse primeiro momento pretendemos contribuir com a discussão sobre a técnica e tecnologia em nosso campo. Uma das razões para a fundação dos estudos na área foi justamente a necessidade de compreensão acerca dos alcances dos meios de

comunicação de massa, umbilicalmente conectados ao caráter instrumental dos dispositivos.

Recentemente, exalta-se tanto a importância das tecnologias no âmbito da sociedade que diversos pesquisadores têm se dedicado a analisar sua essência. Cibercultura, termo incorporado da cibernética de Wiener (ver sobre isso a seção 6.1.), representa um pensamento que para nós nada mais é que o ápice da técnica e da tecnologia. Justamente, técnica e tecnologia são conceitos próximos. Técnica é o modo como o ser age com vistas a desvendar o mundo. A técnica já está no corpo, antes de se tornar ferramenta. Tecnologia é a expressão maquínica da técnica, quando o humano transfere ao objeto a capacidade de intervir no mundo. Mas a potência da tecnologia assume cotidianamente novo valor semântico, significando apenas o desenvolvimento das máquinas ao longo do tempo.

A inscrição do que é tecnológico em meios de comunicação digitais desenha um quadro social ainda pouco compreendido. Em sentido ordinário, há uma crença na implantação de ferramentas, sob a aura de uma “Era da Informação”, como se a resposta óbvia fosse torná-las onipresentes. Mas uma postura assim enfraquece a reflexão analítica (MIÈGE, 2009: p. 202).

Apesar da ocorrência de diversos projetos que tentaram abarcar o significado da técnica, nenhum dos pensadores responsáveis teria sido bem sucedido nessa empreitada. Rüdiger (2007: p. 14) destaca quatro perspectivas de interpretação desse conceito: tecnicista (Heidegger, Negroponte), naturalista (Marx, McLuhan), culturalista (Mumford, Maffesoli) e crítica (Marcuse, Hillis). Se as nuances são diferentes já entre os autores do mesmo grupo, em compensação Rüdiger restaura a dicotomia entre fáusticos e prometéicos, tecnófobos e tecnófilos, para avaliar as proposições. No limite, há aqueles que encontram na tecnologia a promessa de conforto, a realização das necessidades humanas, e o grupo que observa nela uma vontade que atravessa o *Homo sapiens*, um modo de agir sobre o mundo que nós, mesmo que resistíssemos, estaríamos sujeitos irremediavelmente.

Os posicionamentos tachados de *deterministas* normalmente dialogam com a dicotomia proposta. De tão usada para descrever trabalhos sobre cibercultura, a palavra chega a adquirir um estatuto especial na contemporaneidade. É um contra-argumento com vida própria. Não obstante, deterministas seriam aqueles que desenharam caminhos invariáveis aos quais devemos de percorrer. Sobre a tecnologia, os determinismos

equivalem ao equívoco de não considerar as mutações que a sociedade lhe impõe, além de incorrer em profecias, fruto de crenças mais do que de indícios (MIÈGE, 2009: p. 44).

O imaginário de Harry Potter incentiva os fãs a buscarem na internet maneiras de saciar a falta que a fantasia lhes faz. Nessa modalidade contemporânea de estender a experiência sobre o produto cultural a tecnologia assume um papel de catalisação. Estando a internet ao alcance dos admiradores, sua forma de consumir é alterada. É uma possibilidade inclusive que não paguem pelo conteúdo adicional que acessem, resultantes de esforços de outros fãs. Também em decorrência disso eles serão capazes de criar laços com outros apreciadores da saga ao redor do mundo, não apenas na sua localidade.

No entanto, a natureza das ações dos fãs não confere apenas à tecnologia um lugar de destaque. Escapa a essa tendência universalizante de pensar a experiência do fandom como essencialmente digital o caso do fã-club. Através dessa organização as relações fundadas são só superficialmente mantidas pela via tecnológica. Assumimos que as atividades promovidas pelos Herdeiros de Sonserina encarnam na técnica, o modo de fazer em si mesmo, enraizado no corpo, não na máquina, suas realizações.

De fato, também o que entendemos por mediatização é em grande parte tributário dos avanços técnicos e tecnológicos. Conforme a Ciência inova, ela progride a parafernália que será trocada no mercado. No que diz respeito ao nosso campo entra em vigor a designação *Tecnologias da Informação e da Comunicação* (TICs) para descrever como a sociedade produz meios com os quais pode interagir.

Miège (2009, p. 19) oferece um panorama para avaliarmos as TICs. Sua proposta de leitura estimula entendê-las segundo algumas qualidades: 1) bens e serviços; 2) produtos de mercado e de não-mercado; 3) ferramentas e conteúdos. Dois dos eixos anunciados referem-se a uma ordem de trocas, os primeiros. Mas vamos examiná-los a todos.

Por bens e serviços distinguimos tradicionalmente as trocas econômicas. Em verdade, e reconhece o autor, a aparência de invisibilidade da tecnologia, especialmente a digital, irá mascarar a concretude dos bens. A compra de *softwares*, a assinatura de conteúdos digitais como um todo esmaecem aqueles contornos clássicos e os quantificam, a lógica da informatização é a conversão dos bens e serviços em bits.

Quanto ao pertencimento ou não ao mercado Miège é categórico. Das TICs atualmente empregadas afirma que a quase totalidade se configura intimamente com a lógica capitalista. Aquelas que se assumem alternativas no máximo se tornam o

negativo das pertencentes à indústria. *Fanzines*³⁶, *grafitti* estariam assim na esfera do mercado, mesmo porque o rejeitam.

E, por último, a distinção entre ferramentas e conteúdos. Um exemplo fértil dessa dinâmica é a Apple. A empresa desenvolve suas TICs em vista de como os consumidores adquirem um pacote duplo, de equipamentos e programas. Ao comprar um *Iphone* nós provavelmente ficaremos conectados à plataforma de vendas de aplicativos da empresa, o *software* chamado de *Itunes*. Do mesmo modo nos *videogames*, jogadores de *Playstation 3* e *Xbox 360*, consoles que estão sendo substituídos por uma nova geração, necessitam se cadastrar na *Playstation Network* ou na *Live*, respectivamente, para uma experiência completa com os jogos. Jogar *online* exige que assinem esses serviços.

A operação com venda de instrumentos e assinatura, a tendência à indiferenciação entre bem e serviço correspondem à digitalização das relações sociais. Essa é a premissa de alguns críticos que veem nisso uma obsessão pela quantificação e a de pesquisadores que consideram a Comunicação como uma área que precisa aprender a lidar com grandezas no que diz respeito às realizações dos agentes e seus sistemas. No caso do fandom de Harry Potter, a última observação faz bastante sentido, mas como quantificar uma comunidade não-mapeável, ou ações transparentes? A dispersão é uma característica dos fãs.

E apesar da ascensão das TICs, retomamos, é surpreendente como na vida cotidiana o seu efeito se disfarça. A tecnologia tem o artifício da invisibilidade. Por exemplo, quando compramos um livro digital ou acessamos as fanfictions iremos ler e fazer anotações na própria tela; ou até mesmo na utilização da moeda abstraída, intrometida no cartão de crédito com que compramos artigos de Harry Potter na internet, nós continuamente perdemos o sentido da matéria que consumimos ou trocamos.

5.1.1. TICS, igualdade e competências

É claro que o investimento nas TICs e no pensamento por trás delas, seja econômico ou de matematização do mundo, ao estabelecer circuitos comunicativos entre pontos antípodas do planeta cria o problema das assimetrias.

³⁶ *Fanzines* (do inglês: *fan* + *magazine*) são impressões amadoras com histórias e desenhos. São distribuídas ou concedidas mediante contribuição.

Usuários da rede de computadores parecem reconhecer a importância da internet no trato interpessoal. Confiantes nessa ideia, um grupo sueco fundou em 2006 o chamado Partido Pirata (JACQUES, 2012b). A proposta mais tarde se estenderia ao Brasil, mas sob a mesma agenda. Pretendem os piratas a realização de uma democracia com auxílio da internet. Embora a ideia do partido seja válida, alguns problemas se encontram em seu núcleo de proposição³⁷. Do mesmo modo como a maioria dos projetos que se centraliza sobre a acessibilidade, o equívoco está em prever uma igualdade entre os atores.

O debate comumente recebe o título de fratura digital (em inglês: *digital divide*), mas enfoca principalmente a desigualdade de acesso aos artefatos. A diferença econômica entre os países do sul e do norte parece não apresentar uma solução em curto prazo para essa problemática. A dinâmica do mercado econômico restringe o domínio sobre as TICs às nações mais industrializadas. É uma questão de posse, empenho individual e uso que preocupa nesse sentido (MIÈGE, 2009: p. 69). Ainda assim, haveríamos de superar a barreira das competências (que se materializam em técnicas) na utilização das TICs. E por competência pretendemos designar aqui os atributos cognitivos necessários para executar tarefas com essas ferramentas. A falta de conhecimento operacional elitiza entre os usuários aqueles que melhor sabem empregar as TICs no trabalho. Do ponto de vista dos fãs que produzem materiais derivados da narrativa encontramos o mesmo tipo de problema. A exigência de competências para certos resultados pode ser vista na edição de imagens por alguns fãs ou no envio de textos digitalmente formatados, com relação às fanfictions. Ou ainda nos debates, o conhecimento das funcionalidades de resposta é pré-requisito para o diálogo.

Há ainda outro aspecto relevante para discutir sobre a possível igualdade de indivíduos num circuito. Além da necessidade de dominar as TICs para seu melhor aproveitamento, os usuários naturalmente apresentam assimetrias na participação dentro dessa comunidade simbólica. Um dos objetos em investigação são essas assimetrias, vistas especialmente nas atividades do fã-clube³⁸.

³⁷ De qualquer modo, essa proposta interfere em um campo maior, aquele das grandes corporações que atuam na internet, como Google, Microsoft, Facebook. Essas empresas atravessam parte das movimentações políticas exaltadas (por ex. a questão sobre o compartilhamento de arquivos) e sua presença força uma tensão em agendas democráticas como a citada.

³⁸ Enquanto há atores mais engajados, outros ofertam contribuições mais reduzidas. A ação depende do tempo dispendido para se relacionar nos diversos circuitos abertos com as TICs. Essa observação enfraquece a ideia de que a democracia implantada sob o artifício da tecnologia representaria maior igualdade.

Paralelo ao assunto das assimetrias encontra-se o problema do controle. O gerenciamento na distribuição das TICs e a manutenção dos canais de expressão podem sustentar um autoritarismo tecnificado. O exemplo recente de controle governamental dos EUA sobre provedores de informação, como Facebook, Google e Microsoft, reafirma a ameaça de monitoramento e controle sobre os usuários. Tanto o tópico das assimetrias quanto o do controle serão analisados em segmentos específicos (7.1.1. e 7.1.3.), motivados pela manifestação desses fenômenos em diferentes graus nos casos selecionados.

5.1.2. Dispositivos

Comumente nas discussões sobre tecnologia qualificam-se os instrumentos como *dispositivos*. Em parte isso está de acordo com nossa visão, em parte carece de sustentação. Aqui tentamos esclarecer o emprego do termo e sua amplitude além do material. Ferreira (2006) produziu um esforço para conduzir o diálogo. Segundo o autor, há uma dimensão triádica quando evocamos esse conceito. O mais evidente, o concreto das tecnologias, é eixo de reflexão de um subconjunto do campo da Comunicação, a Cibercultura. Mas outros dois pontos, subentendidos por alguns pesquisadores e ignorados por outros são as camadas *sócio-antropológica* e *semio-discursiva*. É dizer, dispositivo, como categoria, pode gerar confusão na literatura. Serve como um véu semântico que encobre os objetos como se fossem apenas atravessados pela tecnologia.

Ainda que ressaltemos essa tricotomia, a ligação entre as camadas não necessariamente ocorre com equidade. Mesmo nas Ciências Sociais podemos observar essas linhas de força em diferentes leituras sobre os dispositivos. Temos, claro, a Cibercultura que privilegiaria, desde Wiener, de certo modo a camada tecnológica. Por outro lado, no artigo de Ferreira são citadas perspectivas que enfocariam as outras dimensões citadas. Por exemplo: em estudos culturais (incluir aí Bourdieu e a herança marxiana) o conjunto sócio-antropológico é favorecido, numa espécie de dominância; já na perspectiva de Verón, explicações de ordem discursiva são empregadas.

As relações entre as dimensões tecnológica, sócio-antropológica e semio-discursiva é, portanto, variável. Isso não impede, porém, que nas combinações possíveis encontrem-se explicações auto-referenciais. Esse fato decorre de uma superposição das demais camadas, uma ordem de poder que as condiciona. A propósito, estudos que se

dedicaram a essa relação contribuíram para a formação do próprio campo comunicacional.

Por outro lado encontramos em Braga (2011) uma reflexão igualmente produtiva para os casos que temos em consideração nesta pesquisa. O autor compreende os dispositivos a partir de sua característica interacional. O conceito seria uma contraposição à estrutura do estruturalismo, que determinava, como força planificadora, as relações. Entretanto, Braga questiona qualquer classificação apriorística, pois destaca que o objeto da análise deve exigir abordagens singulares do pesquisador.

Mas a principal contribuição de Braga para nós será a crítica da limitação do conceito de dispositivo às relações no âmbito dos “meios de comunicação”. Ao investir no sentido interacional dos processos, o autor nos fornece a reflexão para considerarmos um dos casos selecionados que fogem àquela lógica. O fã-clube não se desenvolveria, a rigor, a partir de algum meio de comunicação, mesmo assim sua dinâmica (conforme descrições de 4.1.) está, sob nosso ponto de vista, dentro de um domínio comunicacional.

Ainda que optemos pela leitura triádica dos dispositivos, entendemos essa característica interacional como o operador a ser usado nas análises doravante formuladas.

5.1.3. Usos e Práticas

Miège (2009: p. 174) defende rigor na terminologia da pesquisa. As noções empregadas frequentemente se perdem e misturam análises e conceitos contraditórios. O foco anunciado aqui condiz com o estudo dos usos e práticas dos fãs em posse das técnicas e das tecnologias digitais de comunicação. Por isso, é necessário que diferenciemos essas ações.

A distinção entre as categorias está associada à estabilidade como os agentes mantêm comportamentos. Usos são execuções experimentais, que tem sentido numa porção de tempo, mas que são dependentes de outras ações mais diretivas, asseguradas pela tradição dentro de um modelo de sociedade. As práticas estão mais de acordo com este sentido último, elas são modos de agir estabilizados num contexto social. As práticas não surgem repentinamente, elas respondem às necessidades de determinado grupo. Sua representatividade, portanto, é delimitada a uma parcela da população, não tem o intuito de ser totalizante.

Usos são espontâneos, logo se justificam ou não. A parte da invenção social como lidamos com as tecnologias tem apoio nessa relação entre usos e práticas. Os usos sociais apresentam um potencial criativo, de desvio. Há processos que se iniciam com essa “intenção livre” e acabam sendo assimilados como práticas. A utilização da internet para baixar e escutar música, para ilustrarmos, começa como um fenômeno ilegal, desviante. *A posteriori*, a apreciação da música em formato digital seguiu tão difundida que foi incorporada ao mercado, promovendo um novo segmento e talvez dando um sobre-fôlego à combatida indústria fonográfica. O uso foi se estabilizando, tomando outro contorno com a legalização dos direitos de reprodução, mas isso não significou o fim de circuitos alternativos, furtivos, de ouvir música.

Na atividade dos fãs alguns usos das narrativas se tornaram bastante difundidos. Além do exemplo da escrita de histórias derivadas encontramos outros comportamentos que entendemos nessa dimensão de práticas, como vestir-se imitando os personagens ou a predisposição a organizar convenções. Falaremos mais sobre a ligação entre mediatização e novas práticas no segmento sobre o fã produtor.

5.2. Fãs em Rede

A projeção que fãs assumiram na atualidade está diretamente relacionada com o início da mediatização e o domínio das tecnologias disponíveis. Mas seu papel foi e continua sendo questionado quando falamos de cultura. Apesar disso eles têm um forte e recente aliado, o mercado, que reconhece suas preferências com o interesse de prever o consumo. Neste item faremos uma exposição geral sobre o grupo, porém a seguir comentaremos um indivíduo específico, o fã produtor.

A conquista de espaço pelos fãs só pudera ser reclamada com os meios de comunicação de massa, mas nem por isso eles foram assimilados à cultura imediatamente. Os valores estéticos ligados à burguesia contestavam o voluntarismo desses consumidores que se entregavam a obras de mercado como se fossem sacras (JENKINS, 1992: p. 17). Mas a apreciação sustentada é essencialmente similar a das galerias de arte, onde o ideal de beleza burguês se realiza em passividade. Talvez aí esteja o destemperado visto por outros, fãs não se reduzem à observação, eles potencialmente reinterpretam seu objeto de inspiração.

Tampouco é nova essa categoria social. Fãs já cultuavam à sua maneira a obra de Lewis Carroll quando produziam adaptações do enredo original, isto no século XIX (VIRES, 2005). Mas é claro que as indústrias de entretenimento levam essas práticas a um patamar superior. Com a expansão na difusão dos programas no século seguinte, outras séries virão a desempenhar o papel de objeto. Possivelmente a principal delas, considerada a que dá início ao modelo atual de fandom, é Star Trek, sobre a qual fãs debateriam no final dos anos 1960 (JENKINS, 1992: p. 12). A partir de então se criaram fanzines, encontros; até mesmo os produtores foram conquistados por esse consumo continuado, pois viam nele a possibilidade de clientes fieis à franquia.

Justamente, a principal distinção entre o fandom de Star Trek e o de Harry Potter está no acesso às técnicas e tecnologias de feitura e disseminação dos materiais produzidos. Enquanto no século passado precisavam-se acumular diversas atribuições, além de pagar pela impressão, a maior parte dos fãs na atualidade prefere o conforto das ferramentas digitais para espalhar suas produções.

De novo Jenkins, agora em um trabalho após a consolidação da internet, auxilia a pensar esse processo. Na relação chamada de convergência midiática ele reconhece o caráter tecnológico das inovações, mas rejeita a sobrevalorização dessa camada.

Media convergence is more than simply the digital revolution; it involves the introduction of a much broader array of new media technologies that enable consumers to archive, annotate, transform, and recirculate media content. Media convergence is more than simply a technological shift; it alters the relationship between existing technologies, industries, markets, genres, and audiences³⁹(2006: p. 155).

É possível abstrairmos dessa sentença um processo de grandes amplitudes, o que relacionaremos a seguir, com respeito à midiatização. Mas afigura-se então para nós a importância da categoria de “audiência”. Nela está em potência o consumidor aficionado, o fã, com suas escolhas e ações na “recirculação do conteúdo midiático”.

³⁹ Em tradução livre: Convergência midiática é mais do que simplesmente a revolução digital; ela envolve a introdução de um grupo muito mais vasto de novas tecnologias de mídia que possibilitam aos consumidores arquivar, anotar, transformar e recircular os conteúdos midiáticos. Convergência de mídia é mais do que simplesmente uma guinada tecnológica; ela altera a relação existente entre tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e audiências.

Ele insere o fã na ligação entre duas forças fundamentais no cenário cultural contemporâneo, a convergência dos conglomerados de comunicação e a convergência dos consumidores com acesso e domínio das TICs – esta última ligada ao que discutimos em torno de acessibilidade e competências.

Mas ainda temos de indagar-nos: e de onde vem essa vontade de esgotar as obras? A questão tem pertinência, mas é difícil de responder prontamente. A escolha por um objeto e não outro se deve a um juízo estético. É claro no caso de nosso estudo (vimos isso anteriormente, no item 1.2.) que muitas das questões envolvidas na história têm correspondência ao menos metafórica na vida de jovens. De qualquer modo, podemos observar qualquer fandom, qualquer grupo de admiradores a se formar, que todos mantêm em comum a referência a um produto no sentido restrito do termo, uma ficção ou uma personalidade inerentes ao mercado.

Essa aproximação é tênue. Se no caso de Star Trek os produtores viam na criação de grupos de fãs a possibilidade de impulsionar os ganhos, em outros momentos os admiradores que se tornam produtores são ameaçados por infringirem direitos autorais. É improvável que alguma mobilização judicial tenha sucesso nesse escopo, pois, via de regra, fãs não são alimentados por uma vontade de auferir lucro com o que criam. Eventualmente o que ocorreu com a narrativa de Harry Potter foi isso. Depois que seguidores da ficção começaram a escrever seus próprios textos, a Warner reagiu negativamente, para depois retroceder da crítica às produções derivadas (GUNELIS, 2009: p. 32).

Particularmente, no que toca a natureza das interações, Braga (2010) faz alguns apontamentos sobre experiência estética e midiaticização. O referido fenômeno comunicacional traz consigo um crescimento na difusão, o que aumentaria a possibilidade de indivíduos com gostos similares se encontrarem. Essa sintonização entre singulares numa rede global traduz bem a dinâmica de formação do fandom. Além de apreciar a narrativa que lhes é especial, os fãs tem com as ferramentas digitais maior probabilidade de encontrar interlocutores. O autor não toca no tema, mas o que postula como uma mudança na experiência estética, da obra para a relação sobre ela, se configura como providencial para fãs debaterem e, nosso interesse, intervirem no mundo a partir do produto cultuado.

E outro pesquisador desenvolve elaboração semelhante, também tocando tangencialmente na questão dos fãs. Flichy (2010) foca na categoria *amador* sua análise.

Talvez numa visão um pouco festiva sobre os usos das TICs como ferramentas de integração e formação dos usuários, Flichy argumenta que nós somos absorvidos por um modelo social em que especialistas terão de conviver com amadores, autodidatas ou instruídos no convívio em rede. Esses, que etimologicamente são os que “agem movidos pelo amor”, encontram também na difusão a chance de se colocarem senão a par, pelo menos à sombra vacilante dos especialistas.

A cultura dos fãs manifesta esse “amor” e apresenta também competências adquiridas. Os casos dos *games* modificados e das fanfictions que viraram livros se situam nesse plano, de como apreciadores se elevam ao sucesso de público e mercado. Para isso é necessário que formem circuitos com a utilização das TICs. E nisso igualmente são autodidatas. A criação e manutenção de sites dão exemplo da organização que fãs podem assumir.

Os circuitos do fandom de Harry Potter estão espalhados na *web*. Alguns sites, a exemplo do que hospeda as fanfictions de Floreios e Borrões, mantêm-se por mais de dez anos em atividade. Mas eles não gerenciam apenas espaços especializados. Em redes de socialização *online* podemos observar como o discurso típico de fã se imiscui entre os participantes. É claro que em casos como Twitter e Facebook há necessidade de os usuários *seguirem* indivíduos que cultuam séries ou personalidades. Entretanto, a ascensão da categoria fã com o advento da internet é visível; não que não houvesse antes essa figura, mas a possibilidade de se expressar traz nova vida ao conceito. A gradual aceitação de seus valores estéticos, mesmo que sejam questionáveis, é empreendida com o auxílio dos industriários, não só do entretenimento, que reconhecem a importância de seu comportamento ao planejar táticas de venda. Por isso que Flichy, que entende os fãs como subgrupo dos amadores, irá exaltar o papel da iniciativa individual na “Era Numérica”. Os fãs são uma classe especial de consumidores... eventualmente produtores.

5.2.1. Fã Produtor

Doravante a midiatização se estabelece como quadro de referência para as relações sociais. Mas ela não pode ser reduzida à infraestrutura que as TICs representam para as interações. Também as técnicas são atravessadas por experimentação dos *atores individuais*, como Verón (1997) situa os indivíduos em seu esquema da midiatização.

Dependendo do seu sucesso em longo prazo, as ações se justificam como novas práticas ou permanecem dentro de um contexto de tentativa de invenção coletiva.

O fã reclama para si o conhecimento sobre o que adora, podemos afirmar. Ele busca satisfazer sua vontade contínua de experimentar o livro, filme, banda favorita. Mas ele faz isso de modo distinto. Alguns são mais visíveis, ao passo que outros são discretos. O que nos interessa aqui são aqueles que avançam da contemplação para a produção derivada. O fã que integra sua fala ao circuito social.

Os indícios de intervenção na sociedade sugerem que as investidas dos fãs não fazem parte de uma proposta coletiva para a cultura. Esse não parece ser o intuito, ainda que em conjunto eles adquiram poder na crescente midiaticização. Ao se focar num paradigma relacional sobre a obra, ou melhor, produtos mediáticos, os fãs empreendem no mais das vezes discursos personalizados, de interpretação ou desvio da série. O fandom é abastecido de vários agentes individualizantes. Ainda que haja certa ordem para manter abertos os circuitos, o que veremos a seguir, os fãs carecem de uma ação política⁴⁰, de crítica social.

Proulx (2013) associa essa individualização ao *empowerment*, capacidade de agir. Com a midiaticização os atores conquistam autonomia e desenvolvem competências, o que justifica o exercício livre dos fãs em busca daquela experiência estética relacional. Entretanto, o pesquisador prefere dedicar uma análise dessa experiência com base em ações políticas.

Na relação o fã mobiliza suas fantasias. Quando ele se desprende da contemplação, executa sua capacidade de intervenção encarnada nas TICs e produz algo como uma recepção criativa (Ferreira [2010a] fala em recepção produtiva, mas de forma abstrata e formal, onde, agora, buscamos o empírico). Por serem autobiográficas, isto é, representam o mundo como o veem, as criações desviam o original. Alguns escritores percebem um tipo de deturpação artística através disso, como Anne Ricce, que proíbe adaptações. Porém, quando incorporados aos circuitos, expostos à leitura de outros, os trabalhos revelam especialmente uma reverência em relação a suas formas germinais.

⁴⁰ Ainda que aqui tentemos falar da generalidade das ações promovidas por fãs – e como generalizações desse tipo incorrem em erros – há pelo menos um exemplo contrário notável. Embora pareça isolado do quadro mais amplo, admiradores de Harry Potter fundaram uma associação que busca agir sobre problemas sociais. *The Harry Potter Alliance* não por acaso é uma organização baseada na internet, na qual fãs misturam o enredo da narrativa com a realidade. Campanhas em ajuda ao Haiti após terremoto de 2010, de combate à exploração de trabalho infantil em plantações de cacau da África oriental, de distribuição de livros, foram ou estão sendo desenvolvidas pelo grupo. Além de ser abordada por Jenkins (2009: p. 272), as informações podem ser consultadas em: <www.thehpalliance.org>. Último acesso em 9 jan. 2014.

Essa homenagem, através de recriações tem seus limites. Como abordamos anteriormente, os fãs organizam seus circuitos. A intervenção de um admirador de Harry Potter mantém-se até certo ponto fiel às características do original. As produções mais elaboradas, como fanfictions, respeitam a essas normas implícitas, a defesa do cânone. Paulatinamente, conforme os criadores se familiarizam com o âmbito do fandom, suas produções chegam a compartilhar os posicionamentos que se formam no grupo, formando um processo secundário de normatização, o *fanon*⁴¹ (FLICHY, 2010: p. 37).

Nas criações complexas, o ato de criação entre os fãs é perpassado por essas normas tácitas. Quanto ao aspecto relacional, ele é manifestação da rede que se cria entre os agentes. Mesmo que se mantenha um sentido essencialmente de exposição individual, os participantes do fandom desenvolvem uma cadeia pedagógica informal, sustentada pela afinidade e o tema comum (JENKINS, 2009: p. 250).

O diálogo entre fãs molda um ambiente afinado com a ideia de inteligência coletiva. Jenkins intitula essa dinâmica de *cultura participativa*. Ela está, de fato, ancorada nas TICs e a participação inventiva dos usuários. Uma alternativa ao ensino escolar, essa “cultura” vem se constituindo através de ações variadas, seja no acompanhamento que fãs dedicam aos textos de seus colegas escritores de fanfictions, ou como projetos ambiciosos, à maneira da Wikipédia. Entretanto, seria antecipado considerá-la como uma prática consolidada.

Alguns comportamentos elaborados nessa esfera de recepção criativa perduram. Se a cultura participativa da qual escreve Jenkins ainda é incipiente, a derivação de textos, realização de encontros, são alguns exemplos que se constituem há algumas décadas. Não queremos fazer a avaliação antecipada de que a midiatização cria automaticamente novas práticas. É possível que outras surjam, mas na medida de nossa observação o que ocorre é uma redistribuição das antigas. O restante ainda circundaria o sentido de usos, de tentativas. Ainda assim, os fãs foram descritos como servientes à indústria logo que começaram a se agrupar, no entanto, agora assumem grande importância na organização da cultura. De tal modo que é válido perguntar se é legítimo conceder-lhes estatuto de prática de “consumo”.

⁴¹ Fanon é um termo já em uso na literatura do gênero, representando, por analogia ao *canon*, os valores criados pela comunidade de fãs que não são explícitos na trama original. Um exemplo disso é o hábito relativamente comum das fanfictions representarem romances homoafetivos.

6. MUDIATIZACÃO

A reflexão sobre os fãs e a técnica só faz sentido nesta pesquisa se a relacionarmos ao contexto comunicacional por trás das interações. Entendemos que está na formulação inacabada da midiatização seu ponto de convergência. Para entendê-la melhor partiremos de Verón (1997), Gomes (2011) e Braga (2012).

Verón (1997) será um dos primeiros autores da área, na América Latina, a propor uma terminologia para designar o surgimento de um novo contexto comunicacional, denominado de *midiatização*. O conceito é citado pelo autor entre aspas, não se trata de uma categoria definida, senão em processo àquela altura. Nos referimos a um período em que computadores e telefones se tornavam artigos domésticos, ainda que sobre isso atuassem aquelas graves assimetrias geográficas, políticas, sociais.

O campo da comunicação tenta compreender nessa dinâmica em que consiste a própria *circulação*. A definição clássica a entende como o caminho atravessado por uma mensagem a partir de um emissor até um receptor. Essa transição teria um percurso predeterminado, uma vez que o receptor era observado como ponto de chegada da mensagem. Entretanto, a figura dos interagentes também vem sofrendo uma mutação.

A exposição prévia da midiatização a qualificava como um processo com sentido indefinido. Isso pode decorrer do fato de que os atores envolvidos na cadeia comunicacional perdem a atribuição tradicional de emissores e receptores para acumularem simultaneamente tais prerrogativas (FERREIRA, 2012). As relações perdem assim o formato de causa e efeito. Instituições, indivíduos e meios de comunicação se entrelaçam numa economia discursiva. Tentam, intuitivamente, consolidar seu lugar de fala. O que ocorre na contemporaneidade é uma quebra das associações de fidelidade que desenvolvíamos sobre os meios, agora os indivíduos perambulam por várias mídias (FAUSTO NETO apud BRAGA, 2012; FERREIRA, 2012). Além disso, eles fazem suas falas mais evidentes com o fortalecimento de canais de expressão, o que torna difícil identificarmos exatamente o ponto de partida e chegada de uma mensagem, em contínua reverberação.

Naturalmente, as perspectivas sobre esferas de produção e recepção de um modelo de sociedade dos meios de comunicação de massa se torna defasada. A circulação deixa de ser entendida apenas como momento intermediário (FERREIRA,

2009). Ela passa a ser tomada também como continuidade da recepção, como reinscrição dos discursos. A lógica de outrora está sendo substituída por um *fluxo adiante*, observa Braga (2012). E notoriamente uma das possibilidades dessa continuidade resta expressa nas derivações que fães dão à narrativa de Harry Potter.

Decerto a mediação não surge sem que a possamos entender a partir de um trajeto histórico. Antes de mergulharmos em apontamentos sobre o fenômeno na atualidade vamos a sua genealogia.

6.1. Genealogia

É evidente que Harry Potter como núcleo discursivo irradiador, tal como o concebemos hoje, é uma particularidade de nossa era. Todavia, a potência de seu imaginário tem antecedentes que podemos avaliar segundo o modelo de Gomes (2011). O *Homo sapiens* começa a figurar como ser cognoscente quando desenvolve seu imaginário simbólico. Esse período, que compreende a formação da fala, é o primeiro que nos posiciona comunicacionalmente em relação ao mundo. O chamamos de *Logosfera*.

Tal como a Logosfera, outros marcos técnicos impulsionaram as civilizações ao longo dos últimos dez mil anos. A escrita e a invenção da imprensa sustentam a *Grafosfera*, assim como os meios de comunicação de massa (rádio, televisão, telégrafo) dão origem a uma *Midiosfera*. Cada um desses paradigmas de comunicação causa uma ruptura na forma de ver o mundo e na manutenção de nossas relações. Não vamos aqui promover uma taxonomia das práticas além do que sugere Gomes, apenas introduzimos o tópico.

Na continuidade desse trajeto, nos encontramos na expressão do terceiro milênio, alinhada às tecnologias digitais. Gomes propõe o epíteto de *Ciberesfera* para descrevê-la. A dificuldade em compreender esse contexto dá origem a uma pluralidade de análises que tocam o mesmo objeto, mesmo quando isso é inconsciente. A relação entre sociedade e comunicação é sentida de maneira nova, mas amiúde falta unidade para exprimi-la.

A Ciberesfera partilha do imaginário da computação. *Cyber* é uma abreviação de cibernética. Foi Norbert Wiener a empregar primeiramente o termo como o admitimos, um neologismo inspirado na língua grega – a “arte do piloto” – transformado em

conceito para operação com máquinas de cálculo (ABBAGNANO, 2012). Wiener principia em 1947 esse imaginário que irá impregnar a cultura, financiado pelas inovações tecnológicas. Com Wiener, conforme Proulx (2006), a proposta funda a comunicação como utopia. A *web*⁴² dos anos 1990 e a *web 2.0*, na década seguinte, estão em correlação com essa ambiência, defende Gomes.

Harry Potter não se reduz a uma ficção a ser entendida a mercê desses episódios. De fato, a narrativa é uma experiência tradicional (originalmente a literatura no seu suporte físico), mas os sentidos proferidos por seus fãs estão intrinsecamente assimilados às lógicas das redes digitais.

Com efeito, uma esquematização entre períodos distintos aparentemente explica a história da técnica através de saltos, o que pode induzir o pesquisador ao erro. Antes de tratar isoladamente cada uma das esferas descritas, a perspectiva de tomá-las como sobreposições e dominâncias demonstra ser mais plausível. Braga (2006) considera a midiatização – lógica dominante da Ciberesfera – como subsistente a processos de escrita e de oralidade. Analogamente, a matriz escrita que desenvolvemos na Grafosfera não exaure a Logosfera, mas a incorpora. Braga identifica a midiatização como um movimento em que processos interacionais perpetuam a prática escrita, mas apresentam qualidade distinta, são intensidades de fluxos diferidos e difusos⁴³ como nunca anteriormente observados. Assim, dos dispositivos elencados em nosso *corpus*, podemos dizer que cada um deles confere primazia a um modelo comunicacional diferente, o fã-clube à Logosfera, as fanfictions à Grafosfera e as *fanpages* à Ciberesfera.

6.2. Circuitos múltiplos

Sustentamos o pressuposto de que a midiatização é autopoietica e irreversível. O aspecto da irreversibilidade tensiona as esferas descritas por Gomes. Se a Ciberesfera avança, mas não substitui à Mídiosfera, é válido dizer que o referencial tecno-social que observamos não poderá regredir.

⁴² Formalmente há diferença entre internet e web. A primeira corresponde à rede mundial de computadores, enquanto a web é um protocolo de acesso a essa rede, popularizado nos anos 1990.

⁴³ É eminente a importância destas categorias, diferido e difuso, para a análise de Braga. Para o autor elas são analogias à produção e à circulação, respectivamente, ao mesmo tempo que índices relativos de análise. De um lado temos o grau de pluralidade encarnada no produtor e sua mensagem em relação às demais, de outro a abundância relativa de faixas de transmissão.

Na internet, o Facebook, por exemplo, apresenta uma amplitude não tão alta de usos previstos, possivelmente para manter a rede mais atraente para o usuário casual. A tecnologia por si ofereceria mais alternativas, mas a operacionalização imposta pelos seus agentes organizadores circunscreve as opções disponíveis. Tais redes de socialização na internet reconhecem a expressão do usuário, mas na medida em que seu discurso está em ordem de previsibilidade dentro do sistema.

Porém, esse navegar *online* encontra expoentes mais inventivos. A vastidão de sistemas no interior da midiaticização é evidência perceptível de que a pluralidade não foi sacrificada. A própria história de fundação do Facebook dá conta do contrário, de como jovens partiram de um projeto universitário para emplacar tamanho sucesso. Como há possibilidade de apropriações distintas, ainda subutilizadas, outros atores tem possibilidade de não apenas se expressar, mas de alimentar novos circuitos. Em posse das técnicas, fãs também criam suas redes. O fandom de Harry Potter desenvolve sites para postagem de notícias e materiais sobre a série, *hackers* criam fóruns para discutir intervenções em celulares, *fashionistas* inauguram blogs para expor suas combinações. Se o conteúdo é em parte associado aos aparatos, os usuários também aprenderam a manusear os códigos de programação para atingir seus fins quando não conseguem driblar estruturas preexistentes. Assim fundam novos usos.

A esses direcionamentos que cadenciam discursos próprios se assemelha o conceito de *circuito*. “Cada setor ou processo da sociedade participa de circuitos múltiplos” (BRAGA, 2012). Nos circuitos cria-se em diferentes medidas uma expectativa de fala e escuta. Podemos inferir alguns circuitos tradicionais, como as organizações de notícias, outros nem tanto, como os sites de fãs. Portanto, essa categoria não se limita às instituições midiáticas. É necessário dizer que a formulação diz respeito também a processos anteriores à matriz da Mídiosfera. A ágora grega é um exemplo de empenho da palavra em um circuito político.

Os circuitos, além da possibilidade de escuta e fala, devem ser preenchidos por sentidos. E a manutenção desses circuitos é estimulada pelo processo de circulação das narrativas (culturais, políticas, religiosas). Assim, a afinidade entre circuitos e circulação se encontra na medida em que esta inicialmente agencia aqueles – e uma inter-relação se forma. Isto é, circulação é potencial, mas sua realização é invenção histórica, através dos circuitos. Assim feito, os recém-formados circuitos passam também a condicionar a circulação. Ao assumir o circuito como uma relação criada entre agentes apoiados por dispositivos se interpõe ao analista uma possibilidade de

estudo. A multiplicidade dos circuitos a qual “cada setor ou processo da sociedade participa” é também sintomática da mediação.

Destarte, o entendimento de circuitos permite adaptarmos o esquema clássico das mediações. Partindo de uma leitura de mediações no contexto comunicacional, como sugeriu Martín-Barbero, algumas mudanças podem ser inferidas. A recepção silenciosa que caracterizaria tal categoria analítica passa a se consumir em conjunto com a resposta do receptor: os circuitos da mediação permitem a formação de canais de *emissão e recepção* em grande escala. Uma decorrência disso é a coexistência das mediações tradicionais (família, bairro) com um pensamento comunicacional, que atravessa os usos. Braga (2012) ressaltou em entrevista de Martín-Barbero essa reconfiguração das mediações. No entanto, a presença dessa discussão persiste. Ferreira (2014) habilita as dimensões dos dispositivos para entender a ascensão do receptor. As mediações que pertenceriam à esfera discursiva, a uma superestrutura, sofrem abalos com a inscrição dos sujeitos no processo de comunicação. As linguagens e interações sob as quais nos baseávamos numa sociedade dos meios sofrem rupturas e deslocamentos.

Por outro lado, se atentarmos para o desenvolvimento da mensagem, o conteúdo da comunicação, verificaremos como ela muda de qualidade de acordo com a referência técnica. A Grafosfera possibilita a sistematização linear da escrita, a Mídiosfera amplia a expressão simbólica para imagens e sons. A Ciberesfera incentiva a multimídia. Entretanto, não está no plano do conteúdo sua maior virtude, mas no ato relacional. Na potência dos circuitos se encontram simultaneidade e sobreposição. Atores nessas redes veem a chance de expressão individual e de leitura quase instantâneas pelos seus semelhantes.

Uma forma de tratamento peculiar da emergência desses novos circuitos digitais corresponde ao estudo das redes sociais *online* como sugere Recuero (2009). O sentido dado a rede é uma metáfora para a relação entre pontos no mesmo plano⁴⁴ – alguns analistas chegam a definir isso como uma topologia. E a respeito da classificação “redes sociais” podemos traçar laços com o conceito de circuito. As relações de troca entre agentes são vistas na perspectiva dos pontos interligados como a extensão de um olhar matemático. Tanto que os pesquisadores se utilizam de ilustrações, *grafos*, para representar as conexões ponto a ponto. Como esta dissertação envolve dois casos

⁴⁴ Logo, nas redes *sociais online* os usuários seriam os “pontos” que se relacionam entre eles por meio de uma trama de computadores, equivalentes ao “plano”.

pertencentes a uma rede social *online*, propomos uma analogia para um encaminhamento compreensivo: se as redes sociais estão para os circuitos, os grafos estão para os fluxos informacionais assim como as arestas (ligações entre os pontos) estão para as interações. Assim facilitamos o entendimento sobre esses esquemas que são, ao fim, complementares.

Quadro 6 – Proposta de analogia entre redes sociais e circuitos

Redes sociais	Circuitos
grafos	fluxos informacionais
arestas	interações

E se esses estudos de fato demonstram a importância dos circuitos numa contemporaneidade digitalizada, devemos perguntar: como, portanto, interpretar se um processo está inserido na dinâmica da mediação? Há setores da vida cotidiana que não entraram na lógica diferida e difusa; vimos, em compensação, que fãs estão intrinsecamente associados a ela. Ainda assim, visto a indefinição de “sintomas” próprios a essa nova matriz semio-tecno-social, somente podemos nos aproximar de uma definição tratada como hipótese de trabalho. Se um fenômeno apresenta em seus circuitos trocas aceleradas, diversificadas, que desestabilizam a hierarquia dos meios, então percebemos indícios desse objeto. Como consequência, o pesquisador do presente tem como problema avaliar o novo contexto comunicacional. Abordagens típicas dos estudos sobre os meios têm sua acurácia posta em cheque.

Pudemos examinar algumas marcas da mediação. Entre a introdução do tema e as últimas reflexões surgem algumas mutações no processo. Verón sugeriu seu esquema há 17 anos, em um período de assentamento da internet. Desde então observamos a *web 2.0* e programas de participação coletiva, Wikipedia, Youtube; a televisão digital e as propostas de interação, a telefonia móvel, a conexão de alta velocidade. Todos esses elementos contribuem para a complexificação do cenário. Daí também uma das razões para a imprevisibilidade sobre o futuro da comunicação. Até aqui a sociedade e as técnicas nos trouxeram.

7. INFERÊNCIAS

A segmentação do trabalho terá prosseguimento através de duas passagens analíticas. A primeira considera as relações e processos que os casos estudados mantêm entre si (analogias e homologias) a partir do problema de pesquisa e proposições iniciais; o seguinte faz o esforço de compreender a apropriação dos fãs como um fenômeno comunicacional. Observamos que em nossa tarefa de desvendar analogias relacionais e processuais não reconhecemos a necessidade de que todos os dispositivos considerados neste estudo apresentassem características relevantes no mesmo plano. Nestes casos, comentaremos apenas sobre como se constitui a diferenciação.

7.1. Entre os casos

Os três tipos de apropriação de Harry Potter que tentamos observar como casos de análise possuem em comum a natureza de dispositivos (FERREIRA, 2006). Destarte, com respeito aos dispositivos já discutimos porque é produtivo para nós pensar uma abordagem que se valha do aspecto interacional, mais do que de “meios de comunicação”, dos casos; porquanto um deles não se afigura a partir da formulação “midiática”. O fã-clube possuiria essa singularidade.

Ademais, é de acordo com o entendimento de que as camadas mencionadas em 5.1.2., sócio-antropológica, semio-discursiva e tecno-tecnológica estão presentes em diferentes graus nas interações originadas pela série que prosseguiremos. Conforme formos desenvolvendo essa delimitação do dispositivo segundo os materiais examinados, mobilizaremos os problemas e as proposições iniciais elaboradas nos capítulos 2 e 3. Contudo, ao assumir a tríade dos dispositivos tivemos de convertê-la para nosso benefício em busca de descobertas. Assim, avançamos para conceber a *verticalização das relações, a soberania do valor de culto nas apropriações e as limitações interacionais das estruturas*.

Tomaremos essa referência como critério para estabelecer analogias e avançar com direção ao que estamos chamando de homologia – compreender a diferença que se assimila aos objetos desde sua origem comum.

7.1.1. A verticalização das relações

Conforme a descrição anterior dos dispositivos revela-se a propensão que alguns têm a hierarquizar as relações. O sentido de verticalização que pretendemos reconhecer está associado aos usos na escala sócio-antropológica dos casos de nosso *corpus*. Equivale a dizer: a interação possibilitada pela narrativa de Harry Potter sofre direcionamentos de acordo com a disparidade na contribuição dos envolvidos. A propósito dos espaços que ocupam na rede mundial de computadores, esse distanciamento entre uns e outros está ligado à própria estrutura tecnológica criada. Ora, os códigos de programação dos sites não são neutros, eles revelam as diretrizes de seus idealizadores. Especialmente nos casos do Facebook, mas também em outras redes sociais na internet nas quais os fãs se apropriam para interagir, a ideia de equidade entre os participantes não é almejada; essa circunstância específica poderia ser derivada da relação entre a camada sócio-antropológica e tecno-tecnológica.

Além da estrutura do Facebook acentuar esse desequilíbrio, os responsáveis pelas páginas não promovem uma abertura a conteúdos do público. É verdade que os agentes de A Varinha incluem postagens da internet que não possuem créditos, que provavelmente são feitas no interior do fandom, mas não encontramos no circuito “entradas” para os fãs seguidores. O máximo que observamos é aquela disposição a permitir postagens públicas. Mas isso é um recurso previsto no funcionamento das páginas no Facebook, além de a aba ocupar uma área e posição pouco destacadas. Nesse ambiente, de acordo com os materiais coletados não verificamos interação entre A Varinha e o que os usuários escreveram.

O fechamento na página Harry Potter é ainda mais latente, um espaço onde sequer se permite a opção de postagens públicas na interface. Por se tratar de um recurso que referencia os filmes, as mensagens quase integralmente dizem respeito a trechos das filmagens. Lá os fãs são uma espécie de clientes, podem dar suas opiniões, mas não produzem materiais para a página, apenas curtem, compartilham e comentam sinteticamente. Essas circunstâncias desenharam nesse ambiente a menor possibilidade interacional com relação aos demais casos estudados, textos e fã-clube.

O sentido da verticalização das *fanpages* do Facebook se estabelece no programa de postagens que pudemos identificar. O estímulo à participação é tímido, no sentido de “o que você acha?”, ou “o que ocorre nessa cena?”. A Varinha ainda tenta agendar eventos para todos assistirem ao filme em determinado momento, mas estabelece de forma inequívoca o controle sobre seus seguidores.

Nas pesquisas de Recuero (2009) e Fragoso, Recuero & Amaral (2011) despontam algumas características importantes para nós sobre as redes sociais na internet. Retornemos àquela analogia entre redes sociais e circuitos exposta em 6.2. Ao considerarmos que as páginas de Harry Potter formam circuitos no interior do Facebook, é possível reconhecer a propriedade que esses estudos chamam de centralização. As emissões das *fanpages* descritas estão em uma posição interacional superior, visto que os atores conectados a elas não são capazes de postar na mesma medida. Notemos ainda a opção “curtir”, que cria outro caminho para o usuário receber as postagens, outra possibilidade de recebimento, através de seu Feed de notícias. Mas, ressalve-se a utilização que concebemos para aquele espaço, as páginas do Facebook demonstram ser casos de fruição rápida de imagens. E, conjecturamos, talvez por isso os fãs não tenham a pretensão de se estabelecer em igualdade com as páginas na profusão de conteúdos.

Por outro lado, os Herdeiros de Sonserina apresentam essa verticalização em qualidade distinta. Enquanto as atividades necessariamente passam pela coordenação de poucos membros organizadores, elas não exigem individualmente a participação de todos os presentes. Pela dinâmica em si do fã-clubes em seus encontros, podemos perceber a necessidade de uma verticalização, dada a heterogeneidade dos participantes. A inexistência do controle, exercitado por uma parcela dos fãs, dificultaria a própria perpetuação das atividades. Portanto, essa valorização de um corpo gestor parece mais um requisito do dispositivo interacional do que propriamente uma verticalização de poderes.

Em patamar semelhante, a verticalização incide indiretamente de uns membros sobre outros. É o que ocorre em virtude da participação diferenciada no interior do dispositivo. Como mencionamos a distinção entre fãs produtores e fãs passivos, podemos entender que a ação nos encontros dos Herdeiros de Sonserina é marcada por admiradores mais ativos que outros. De todo modo, todos os que vão aos eventos se tornam em alguma medida produtores, pois assumem uma posição não contemplativa

em relação a Harry Potter. Isso não pressupõe uma hierarquia de idade, mas enquanto uns expressam-se com mais frequência e propriedade que os demais. Isso, assim como a necessidade de organização do grupo, é fruto do modelo de interação assumido, em que a diversidade dos agentes produz naturalmente diferenças nas ações. Não se trataria de um regime de poder, mas a marca de singularidades. A formação dessas linhas de forças verticalizadas entre os Herdeiros de Sonserina está, pois, associada a duas camadas que enunciamos: sócio-antropológica (necessidade de organização e modelo interacional) e semio-discursiva (diferenças entre os participantes materializadas em suas intervenções sógnicas).

Em suas dimensões homológicas, na sua apropriação da saga, as páginas do Facebook e o fã-clubes envolvem direcionamentos distintos quanto a formação de verticalidades. Portanto, há coincidência homológica em sua formação e uma analogia sobre os processos. Enquanto A Varinha e Harry Potter, conforme inferimos, valorizam mais a postagem de imagens, os Herdeiros de Sonserina encontram na socialização entre seus membros a fórmula de sua produção derivada. Mas se ressaltarmos a natureza de um caso, envolvendo uma rede social preexistente, e de outro, baseado em encontros, a susceptibilidade a essas hierarquizações são previsíveis. Há uma sobreposição da camada tecnológica na caracterização da verticalidade no Facebook, mas soma-se a isso, o baixo índice de diálogo existente entre loja e estúdio e os fãs. No outro lado, é pouco provável que o fã-clubes conseguisse se auto-gestionar. Então se agrupa em torno de líderes; e mesmo entre os participantes surgem assimetrias nas atividades.

Excetuam-se nas dinâmicas verticais observada nos dispositivos, segundo o modo como desenvolvemos o argumento, os casos de fanfictions, que realizam seu processo criativo de maneira individualizada – logo, a figura do autor é (ou deveria ser) posta à prova pelos seus leitores. A interação em Floreios e Borrões e fanfiction.net assume-se primariamente como postagem e leitura de textos, sendo essa “diferença” entre autores e leitores pertencente à própria modalidade de apropriação escolhida. Sob certo aspecto podemos inferir que as distinções aí também são mérito da estrutura do processo, configurando uma diferença de ordem semio-discursiva. As interações entre escritores e leitores são mobilizadas em torno do texto.

7.1.2. A prevalência do valor de culto

As criações, quando se baseiam na narrativa de Harry Potter, raramente ultrapassam a barreira de reverência. É verdade que tradicionalmente o fã (ver 5.2.) está ligado ao consumo de algum bem cultural. Por vício desse hábito, uma vez investido passionavelmente em alguma narrativa industrial, ele não exercita as faculdades críticas, prefere esgotar as possibilidades de experiência sobre a série. Ocasionalmente, quando a oferta mercadológica não o sacia, ele recorre a uma produção derivada. A dimensão simbólica presente nas suas criações é o que tentamos tratar na profundidade da camada semio-discursiva. Portanto, essa prevalência do valor de culto, como a estamos chamando, se aproxima do que concebemos como a estética⁴⁵ da criação dos fãs de Harry Potter estudados.

No modelo mais autoral de criação dos fãs que tenha sido contemplado, as fanfictions, teríamos a maior abertura a um discurso multifacetado sobre a narrativa, mas mesmo aí o culto se sobressai. Nessa fidelidade tácita ao universo de significado da trama principal, o respeito ao cânone, os fãs exploram cenários diversos, porém o laço inquebrável com a série, em seu outro extremo, limita o horizonte criativo.

Se para os escritores os textos derivados são mistura de expressão pessoal e paixão pela história, para seu público correspondem a uma possibilidade de entretenimento continuado. É na visão destes uma tentativa de manter a experiência de Harry Potter em série. Entretanto, esse percurso é acidentado, há exemplos de resistência nos dois lados. Observemos mais atentamente parte dos aspectos já descritos.

Nas notas de rodapé surge a possibilidade de nos distanciarmos um pouco do valor de culto, pois os autores revelam como produziram os enredos. Eles tornam explícito que aquela criação não é anônima, há um escritor presente. Já nos comentários, observamos em Floreios e Borrões um exemplo prolífico. Quando os leitores comentam nas histórias inacabadas sobre os rumos que gostariam de ler a seguir, quebra-se a aura sobre a fanfiction. Vemos aí ser possível uma reviravolta na contemplação das ficções derivadas, embora a saga inspiradora reste intocável. O maior indício de esvaziamento encontra-se na generalidade dos comentários que não buscam desenvolver relações com

⁴⁵ Ao falarmos de estética percorremos sentidos filosóficos um tanto fugazes. Tiramos aqui o conceito de uma reflexão essencialmente do campo da arte para o domínio da criação de fãs, que mais se aproximaria de um artesanato. De qualquer modo, pretendemos abordar com “estética” a dimensão que guia o gosto dos fãs em seus modos de apropriação.

essas produções amadoras. Ao avaliá-las como “very good” (fanfiction.net) ou pior, transformar esse ambiente de trocas apenas em vitrine de propagandas (Floreios e Borrões), perde-se no ambiente a dimensão crítica. Entende-se que numa relação construtiva dizer “bom” ou “ruim” sobre algo não confere singularidade ao argumento. Destacamos sobre o dispositivo fanfictions que a competência redacional encontra lá possibilidade de se aprimorar, entretanto, o baixo nível de discussão semântica é um entrave. Das relações entre escritores e leitores, na qual esperaríamos posicionamentos reflexivos, hipóteses formuladas pelos próprios fãs, não se logra um questionamento da matriz narrativa.

Com relação às *fanpages* do Facebook podemos afirmar desde sua organização centralizada que elas não preveem fomentar a crítica. Afora a orientação da rede de socialização *online* para as páginas, mantidas como recurso de divulgação, não debate, vimos que o controle sobre A Varinha e Harry Potter está em instituições pertencentes ao mercado. Não haverá interesse em estimular outra coisa que não o valor de culto sobre a ficção de Joanne Rowling. Inferimos logicamente dessa posição que os únicos a usufruir das postagens são os seguidores, que não se mantêm comprometidos com o funcionamento organizacional das mensagens, com o ofício de lidar com “fãs-consumidores” que os postadores têm.

Nas postagens pudemos descrever como a reverência passa tanto pela autora e os atores dos filmes quanto por momentos específicos da narrativa. O valor de culto salienta-se ainda quando em A Varinha aparecem algumas postagens sobre o que fãs produzem em relação à série – a exemplo da figura 16, o bolo. A *fanpage* se satisfaz em reproduzir a criatividade do fandom. De outro modo, os anúncios de produtos nas duas páginas nos lembram da intenção comercial que guia esse culto.

Caberia de forma bastante reduzida ao teor humorístico de A Varinha a capacidade de reflexão. Todavia, a incidência de *memes* – figura 13 – e combinações com a cultura popular – figura 14 – demonstram que a qualidade desse humor não é contestatória. Mas o mesmo não podemos dizer sobre quando falam de outras séries. Na página em português circulam provocações aos fãs de narrativas paralelas, especialmente de *Crepúsculo*. Aí o culto de Harry Potter se transforma numa rejeição de outra série.

As postagens da página Harry Potter se orientam a partir do mesmo tópico. Os vários fragmentos montam uma trama rememorativa dos filmes. Aí pesa o interesse da Warner em valorizar sua franquia. Mesmo quando incentiva interação, o faz pensando em respostas prontas: “What charm is being cast here?⁴⁶” – figura 19 –, de onde não surge discussão. De fato, o recurso da réplica existente no Facebook é pouco utilizado levando-se em conta a totalidade dos comentários. E normalmente poucas respostas de poucas pessoas são notadas, indicando o fechamento da conversa sobre os mesmos usuários.

O desejo de se divertir com outros fãs, tendo como base Harry Potter deixa evidente a descontração do fã-clube. Nos Herdeiros de Sonserina encontramos a maior referência à série como uma espécie de culto. Entre outros momentos, quando jovens se unem para simular os duelos mágicos mostram para nós seu grau de comprometimento. A performance dos personagens serve de modelo, desde o figurino e as varinhas até os feitiços executados. De qualquer modo, essa “cena” configura-se possibilitando uma brecha para o improviso individual. Precisamente, nos festivais nos quais essa interação foi possível, nos deparamos com um exemplo mais forte do valor de culto. O papel da exposição de colecionáveis é exatamente o de demonstrar a paixão que os fãs têm pela narrativa.

Os encontros regulares formam o programa geral do grupo. A cada ocasião eles celebram um tópico, uma criatura, o esporte principal, algum dos livros. A sugestão das atividades funciona sob essa condição, mas mesmo aí a admiração recupera algo de criativo. É possível realocar os signos inerentes à série e formular problemas; assim constitui-se tanto uma reverência quanto uma inovação. Exemplos nesse sentido são as encenações propostas pelos organizadores que não estão previstas no enredo original.

Os encontros especiais se encontram nessa mesma lógica criativa-devocional, à diferença de que não apresentam as limitações espaciais e temporais dos encontros regulares. Mas nesses momentos específicos as tarefas misturam, num formato interativo, enredos e as adaptações. Contudo, a posição privilegiada dos coordenadores merece o crédito aí, pois nas Olimpíadas Mágicas e no Baile de Inverno foram eles os responsáveis pela configuração.

⁴⁶ “Que feitiço está sendo lançado aqui?”

7.1.3. As limitações interacionais das estruturas

Para além de suas capacidades criativas, os fãs encontram-se limitados pelas características dos dispositivos ativados. Entre nossos casos os graus dessa imposição variam, e cada qual a seu modo eles condicionam as interações e criações dos fãs. O intuito desse trecho é salientar as dinâmicas que dizem respeito à esfera tecnológica, muito embora compreendam também dimensões sócio-antropológicas e discursivas acionadas.

A definição do Facebook sobre os usos indicados para as páginas e os grupos sugere a diferença de tratamento que as criações receberiam nessas plataformas. Entretanto, já que consideramos o aspecto da circulação como de fundamental relevância em nossa abordagem comunicacional, a preferência pelas páginas foi a solução encontrada. E nessa modalidade, tanto A Varinha como Harry Potter encontram-se no mesmo patamar. Além de poucas abas personalizáveis e os comentários abertos que a *fanpage* em português proporciona, as páginas oferecem as mesmas funcionalidades nas publicações e comentários.

Hipoteticamente poderiam ser postados vídeos, imagens e textos, entretanto verificamos em nosso corpus que apenas imagens são difundidas. De outro modo, fãs não podem postar com os mesmos privilégios dos administradores, eles estão habilitados, no plano dos conteúdos, a apenas curtir, comentar e compartilhar. Essas funções tecno-tecnológicas deixam bastante limitadas as interações. Não obstante essa inscrição, o Facebook apresenta a maior possibilidade de circular seus conteúdos, dado o tamanho de sua comunidade – somente na página Harry Potter são 68 milhões de possíveis espectadores. A posição ocupada pela Warner é certamente importante no seu sucesso medido a partir das curtidas. A página é homônima à história, o que facilita nas buscas, e foi criada há cinco anos, um tempo considerável para consolidar-se na rede – prova disso é ser a 12ª maior do Facebook. Claro está que a forma do dispositivo prioriza a quantidade das trocas.

Nos casos de fanfiction.net e Floreios e Borrões as histórias precisam preencher uma série de requisitos para entrar no acervo. Além do formato de texto, apenas as capas podem ser submetidas. Mas a orientação das histórias derivadas a apresentarem

essas qualidades está estabelecida na experiência dos fandoms anteriores. As fanfictions tem um padrão consumado como prática. É verdade, entretanto, que a transposição dos textos das fanzines para as telas digitais altera suas formas de leitura.

A concepção dos papéis que se desenrola nessa prática já dispõe uma assimetria. Mesmo que todos possam intercambiar suas posições, a interação baseada na leitura do texto de outrem já assume a premência do autor sobre o leitor. O fã-produtor está encarnado no primeiro, na medida em que os demais, conforme descrito, apenas realizam comentários breves sobre impressões das fanfictions.

Entre as normas materializadas na estrutura tecno-tecnológica de fanfiction.net está a proibição de textos com censura MA (acima de 17 anos). Mas essa restrição poderia ser facilmente burlada considerando-se a subjetividade desse termo e a baixa probabilidade de fiscalização – dado o tamanho do site. E além do conhecimento inerente a essa expressão, de escrita e leitura, o domínio sobre a língua inglesa atravessa a experiência dos usuários. Não dizemos isso apenas a respeito dos textos que irão ler, mas quanto a compreensão das funções do site nos atos de postagem e busca. Já em Floreios e Borrões, embora não seja uma limitação, mas um opcional, a descrição dos casais formados pode incidir indiretamente sobre os fãs escritores ao conceber um enredo. A observação que a autora de *Harry Potter e o Perfeito Proibido* apresentou sobre as reclamações por ter formado certo tipo de casal indica a importância dessa categorização. Ademais, no site em português ao colaborar financeiramente, os autores ainda adquirem um benefício no ato da postagem, podem incluir na classificação mais gêneros que os demais, supostamente aumentando seu alcance na ferramenta de busca.

Nos dois sites encontramos uma apropriação interessante dos recursos de publicação. Já que não dispõem de uma parte específica para este fim, os escritores se utilizam do corpo da história para se dirigir aos leitores. Assim tanto notas de rodapé como partes informativas das fanfictions são transformadas em meios para expressar-se, superando a falta de uma opção similar. Restaria ainda descrever outro desvio efetuado a propósito da divulgação das histórias; em Floreios e Borrões alguns usuários fazem comentários com *links* para leitura de suas postagens, caracterizando uma espécie de propaganda. Esse uso sócio-técnico do dispositivo fragiliza a formação de debates ao passo que reclama a atenção a outros textos.

Tratando-se dos objetos articulados nos dispositivos, é possível refletir a conservação dos registros de interação. Se no Facebook percebemos que os materiais desapareceram com o passar dos meses, em compensação nos endereços de hospedagem de fanfictions encontramos propostas de apropriação duradouras. Algumas histórias apresentam até nove anos de sua postagem até nossa avaliação. Por outro lado, no fã-clubes, a proposta só faz sentido no instante, na relação formada pontualmente com outros fãs durante a socialização.

Mas reconhecemos que as estruturas pertencem a uma base diferenciada nas atividades dos Herdeiros de Sonserina. Como a internet é usada como ferramenta de divulgação, nosso enfoque aqui está nos encontros. Pois eles dão destaque à técnica nas relações. E no modelo dos Encontros Potterianos podemos observar como as atividades estão condicionadas. Na sala que serve de base, na livraria Saraiva, se utilizam poucos utensílios, é mais comum os participantes trabalharem através da voz e encenando. Mas a totalidade das formas de apropriar-se de Harry Potter nessas circunstâncias estão circunscritas aos ditames dos organizadores, que proferem as tarefas. A mesma proposição vertical ocorre nos festivais. Fazemos uma ressalva quanto ao Baile de Inverno, porque possibilitou maior liberdade aos presentes. Pela sua natureza principal de socialização o baile foi menos diretivo.

Um último aspecto sobre a estrutura dos Herdeiros de Sonserina corresponde ao conhecimento dos livros. E isso corresponde a algo não-dito entre os participantes. Eles devem – e como fãs é natural prever que isso ocorra – ter lido os sete volumes para não sentirem-se deslocados nas atividades. Essa referência a uma matriz não é tão importante nas páginas do Facebook, pois o suporte que fornece as bases e apresenta maior complexidade na saga de Harry Potter é a publicação. Então, se houver lido os livros posso compreender uma menção ao filme, mas o inverso pode não se realizar. Essa limitação, portanto, refere-se a um nível semio-discursivo.

7.2. Dos casos com a série (hipóteses comunicacionais)

As proposições anteriores nos ajudam a retomar o tópico essencial deste trabalho. A pergunta sobre as lógicas comunicacionais recebe nosso empenho na forma de

abduções. Ou seja, formularemos as hipóteses sobre o modo de ser dos casos estudados a partir das inferências anteriores.

O primeiro aspecto a ser ressaltado diz respeito à *expansão dos circuitos de fãs* na mídiatização. O crescimento das redes informacionais possibilita maior visibilidade aos discursos do fandom. Os fãs se organizam e têm oportunidade de realizar sua experiência sobre a obra na relação com outros admiradores. Ao invertermos sua posição e improvisarem-se como produtores, na tentativa de perpetuar os sentidos de Harry Potter, eles criam uma variedade de circuitos, muitos dos quais em ambientes preexistentes, como o Facebook. Os fãs partem do consumo de um produto industrial para a disseminação de suas falas na dinâmica de “fluxos adiante”.

Se tomarmos as ações que os fãs praticavam numa perspectiva de Mídiosfera, a sociedades dos meios, encontraríamos canais reduzidos de expressão. Entre os poucos exemplos surgidos da comunidade em torno de Star Trek conhecemos as *fanzines* e as convenções. Por outro lado, a experiência dos fãs de Harry Potter se encontra num paradigma que denominamos de mídiatização – e com ele essas práticas são transformadas. A digitalização converte expressões conhecidas em formas distintas. Por exemplo, a proliferação de sites de fanfictions revela a popularização sobre a feitura de histórias derivadas.

Mas a grande mudança talvez seja aquela resultante dos espaços de socialização na internet. Antes relegados a seus guetos culturais, os fãs permaneciam discretos. Agora, diante da possibilidade de expandir seu alcance, o fandom de Harry Potter cria (ou pelo menos suporta) circuitos no interior de redes de socialização *online*. As *fanpages* A Varinha e Harry Potter, seja qual for seu conteúdo, abrem caminhos para que os fãs se apropriem da série nos mecanismos disponíveis: curtir, compartilhar. Esses circuitos sustentando a fala dos fãs em espaços não especializados, mas abertos, indica a visibilidade que esse grupo social vem conquistando. E coincidindo com essa percepção sobre o fandom numa “esfera pública *online*” encontra-se também o fã-clube, representando o movimento reverso, de articulação a partir dos circuitos digitais para poder estabelecer suas atividades presenciais.

Mas em que consistem essas oportunidades criadas por fãs ao se encontrarem para celebrar Harry Potter? Avaliando o marco tecno-social sobre o qual se estabelece a

mediatização podemos entender que as atividades de fãs nessas reuniões comprovam a *coexistência com marcos comunicativos anteriores*, no caso a oralidade.

Os Herdeiros de Sonserina utilizam a estrutura do Facebook e possuíam um site para formalizar suas atividades de encontro. Essa conduta revela como as lógicas de circulação em circuitos digitais mantêm-se em alguns casos comunicacionalmente submetidas a interações de ordem simples, como as gincanas. Mas o exemplo não se esgota apenas no fã-clube, já que as fanfictions estudadas correspondem em grande medida a transferência de outro paradigma tradicional, a escrita, para o âmbito da internet. Fica evidente essa transposição pelo fato das histórias não incorporarem vários recursos de mídia, mas privilegiarem a expressão literária; a capa serve apenas como apoio.

A inspiração nos casos de apropriação de Harry Potter provém dos livros e dos filmes. Atentar a essa referência implica reconhecer, apesar das dimensões que a franquia atingiu, que os suportes do fandom continuam a operar sobre lógicas anteriores. A literatura estabelecida com a Grafosfera e o Cinema, com a Mídiosfera. Claro, isso em certa medida se baseia no juízo estético dos jovens que preferem a narrativa de Harry Potter a outras que possivelmente são de natureza transmidiática; e à própria escassez desses produtos culturais que englobem vários formatos.

Abstraímos ainda duas relações dos dispositivos tratados. Em aparência, as apropriações dos fãs de Harry Potter não respeitam a uma estratégia comum, isto é, não almejam a um objetivo definido sobre o que devem fazer para cultivar a série. Entretanto, a inexistência dessas linhas gerais a guiarem as apropriações é compensada pela *formação de um programa*, de periodicidade. A ordem no horizonte dos dispositivos, pelo menos em dois deles, parece ser a de manter novos conteúdos fluindo, de modo que a narrativa – e os fãs baseados nela – tenham sobrevida através das derivações.

Essa pretensão serial é sentida em maior medida no Facebook e no fã-clube. Ambos os dispositivos planejam a periodicidade de suas contribuições. Na página A Varinha são várias postagens por dia, em Harry Potter são algumas por semana; já os Herdeiros de Sonserina tentam manter os encontros regulares em alguns por semestre. Essa perpetuação serializada só encontra resistência nas fanfictions. Mas sobre isso parece que seu funcionamento em torno da experiência de escrita e leitura só pode operar nessa irregularidade. A observação das histórias derivadas que são as mais lidas e

comentadas não presume uma periodicidade entre publicações de destaque. Pois mesmo a indústria, sustentada por profissionais, não conseguiria suplantar a demanda por produtos de maior complexidade num prazo definido.

Ainda sobre a serialização das apropriações interpretamos a quem pertence a iniciativa. Ao explorar seu modo de funcionamento podemos compreender os programas formados. Ao falarmos das páginas do Facebook temos de ter em mente que são duas empresas a operá-las. Já nas fanfictions, tanto em português quanto em inglês, os sites necessitam organizar sua interface para lucrar em alguma medida. Mas por que insistíamos que as ações dos fãs não buscam ganhar dinheiro? O problema em relação às fanfictions não se encontra sobre a comercialização das produções dos fãs⁴⁷, mas quanto à inserção dessas práticas num regime de mercado que exige pagamentos para hospedagem dos sites e, quem sabe, dos responsáveis pela sua manutenção.

Nos Herdeiros de Sonserina o problema é minimizado. Os coordenadores apresentam custos mínimos para manter os encontros. Na livraria Saraiva o espaço é concedido. Eventualmente – e que, pois, não se insere na lógica da serialização –, quando precisam de alguma locação, a venda de ingressos costuma contornar suas necessidades. Funcionou extraordinariamente assim no baile e nas olimpíadas. No mais, a serialização nas atividades do grupo pode ser continuada de acordo com o apego que coordenadores e fãs mantêm com Harry Potter.

Portanto, nessa produção em série identificamos duas esferas de importância. A primeira diz respeito às *fanpages*, que não necessariamente criam seus objetos, pelo contrário, A Varinha muitas vezes apropria-se sem revelar as origens e Harry Potter costuma reproduzir trechos dos filmes. Atravessam esses casos uma ambição comercial, demonstrada timidamente nas suas postagens, mas principalmente na tentativa de manter um público cativo que adquira seus produtos. A segunda corresponde a organização que os fãs, ao desenvolverem fanfiction.net, Floreios e Borrões e os Herdeiros de Sonserina, elaboram para manter seu circuito aberto – com publicidade, contribuições ou concessões de terceiros. Voltaremos ao problema da temporalidade a seguir.

⁴⁷ Uma dificuldade evidente estaria se as organizações de fãs necessitassem comercializar suas criações derivadas, uma vez que não detêm os direitos autorais. Assim seriam alvos judiciais dos estúdios e das editoras.

Com efeito, a existência das apropriações produz algum sentido sobre a narrativa de origem. É possível afirmar que esse efeito não sobrescreve as criações do mercado, especialmente se reconhecermos o caráter devocional que os fãs empregam em suas ações. Mesmo quando escrevem, formando casais inexistentes, sabe-se que isso corresponde a convenções surgidas entre os fãs, o *fanon*, em vez de uma tentativa de rejeitar a história que lhes serve de base. O resultado mais evidente que os usos e apropriações feitos sobre o enredo de Harry Potter têm é de *legitimar os produtos canônicos*. Isso se dá de dois modos, conforme a matriz expressiva mais relevante nas derivações, a literatura ou o cinema.

O valor de culto à vertente cinematográfica é latente no Facebook. Isso partirá, claro, da circunstância de que um caso analisado é justamente filiado à indústria que gravou a série. De qualquer modo, a adoção de imagens para circular os sentidos da ficção através da rede social *online* favorece ilustrações e os filmes. A Varinha valoriza também a questão visual, mas manuseia não apenas cenas de filmes, ela inclui entre as postagens as produções do fandom. O fato de não creditar pode ser intencional ou em virtude da ausência de dados rastreáveis sobre as criações. Podemos dizer que seria improvável que a página conseguisse se limitar nas postagens aos trechos dos filmes dada a frequência com que atualiza e as consequências legais sobre incluir reproduções das filmagens. Talvez nesse conflito sobre direitos autorais esteja a razão para tantas exclusões de postagens pertencentes a nosso corpus no período de alguns meses.

E a literatura é o universo de inspiração dos dispositivos fanfictions e fã-clube. Nos primeiros não há como negar a importância dos livros, já que a experiência literária das fanfictions só faz pleno sentido se seus criadores são leitores aficionados por Harry Potter. E o fã-clube escolheu cultivar o suporte impresso pela facilidade de consulta no planejamento e na execução dos encontros e o alto grau de detalhamento aberto sobre o enredo. De qualquer modo, as atividades estão, nas palavras dos próprios organizadores durante as tarefas, marcadas pela unidade textual. Ainda assim, as referências não são absolutas. No Facebook nos deparamos com anúncios mistos de livros e DVDs, enquanto que no fã-clube alguns dos artigos colecionáveis e/ou à venda são réplicas dos utilizados nos filmes.

Esse reconhecimento pereniza os produtos do mercado. É capaz mesmo de revesti-los com certa aura. Não será então apenas a estratégia publicitária que terá feito

da série imenso sucesso, mas também os próprios fãs-produtores que ajudam de maneira sutil com a celebração dos suportes.

Pois, ao identificar a possibilidade de ampliar o mercado da franquia Harry Potter, em volume e longevidade, a Warner se associa ao fandom. Nos três dispositivos visualizamos um *pacto da indústria com as ações dos fãs*. Essa relação é inegável na *fanpage* do Facebook que carrega o nome Harry Potter. Apesar de o estúdio ocupar um espaço de socialização *online*, ele prefere direcionar-se sobre a memória dos filmes, não sobre as criações de seus seguidores. E, no entanto, consegue grande circulação na rede.

Com relação às fanfictions a tolerância não foi programada. De início ressaltamos que a Warner tentou proibir a escritura de histórias derivadas, mas com o tempo a prática foi assimilada (GUNELIS, 2009: p. 32). Atualmente a comunidade de escritores de fanfictions sobre Harry Potter é possivelmente a maior da internet. Por outro lado, nos Herdeiros de Sonserina houve uma aproximação tênue. Ao convidar o fã-clubes para participar da *première* de um dos filmes, a indústria deu seu aval a esse tipo de organização.

Em termos de midiatização, as instituições aprimoraram a capacidade de escuta sobre o público. No caso das séries, os fãs aparentam ser a melhor medida de avaliação e mesmo divulgação dos produtos. A escolha da Warner em se aproximar do fandom de Harry Potter inova no sentido de reconhecer a força desse grupo particular de consumidores. A hegemonia dos industriários mantêm-se na medida em que os fãs ficam fora das relações capitalistas, e justamente o que qualificamos como finalidade de suas criações é o valor de culto, não o valor de troca. As alternativas de experiência sobre a ficção são relacionais, mesmo quando produzem textos de tipo autobiográfico.

Torna-se um desafio para as grandes marcas se adaptarem à profusão desses circuitos de fãs. O *marketing* e certo ofício de “monitoramento das redes sociais” são investimentos que reclamam à comunicação uma importância crescente nas trocas contemporâneas. Em longo prazo, contudo, essa intervenção nos espaços criados por fãs pode enfraquecer fenômenos comunicativos surgidos no interior do fandom. Enquanto são os admiradores que mantêm os dispositivos interacionais o culto toma características próprias, como o desejo de criar casais inexistentes ou mesmo misturar uma ou mais séries nas mesmas criações.

Nas suas repostas à vontade de continuar a apreensão de Harry Potter, os fãs consequentemente moldam os tipos de apropriações surgidas. Naquelas baseadas no Facebook – que em verdade não são controladas por fãs, mas eles apenas as fomentam – o contato é severamente limitado pela estrutura preexistente, destinada a diálogos entre conhecidos, mais do que espaço de criação para fanáticos. Mas as fanfictions e o fã-clube apresentam soluções autonomizadas para essa experiência relacional. Os dispositivos não são profissionalizados aí. De todo modo, *a generalidade das formas de apropriação estudadas valorizam qualidades particulares sobre as criações e assim as condicionam.*

Nos casos do Facebook a fugacidade da experiência orienta as postagens, que são articuladas unicamente por empresas interessadas na atenção dos fãs. Trata-se de uma relação vertical. Além disso, as opções de interagir com os conteúdos são limitadas, a rede social *online* destina a operacionalização das páginas à circulação, não ao debate. Já na tarefa de redigir os textos os fãs se deparam com a classificação da escrita, os comentários, as revisões. Eles assumem a figura do escritor e dialogam diretamente com seu público, que por acaso é fã da série, então em alguma medida é capaz de identificar incoerências nas fanfictions. Por utilizarem-se exclusivamente da matriz textual, os recursos dos sites não precisam ser muito rebuscados – nem a figura de uma autoridade é vista como mediadora nas interações. A expressão através da palavra configura a apropriação mais pessoal sobre Harry Potter no que toca nossa avaliação.

Em outro tipo de experiência os coordenadores são necessários. As atividades de teor lúdico do fã-clube são melhores executadas com um grupo as orientando. Mas aí também o contato direto torna a expressão mais viva. Os encontros valorizam a presença do outro, o aspecto sensorial das reuniões em formato de gincana.

Por último, gostaríamos de ressaltar as *diferentes qualidades temporais das apropriações*. Vimos que no Facebook o tempo é implacável com algumas postagens, especialmente as de A Varinha. Embora seja marcado por uma experiência instantânea, esse espaço possibilita o registro. As fanfictions seguem a mesma dinâmica, mas suas criações respondem bem ao passar dos anos pelo que pudemos constatar. Resta no fã-clube uma dúvida. Sua existência alcança quatro anos, com encontros e participações em eventos, mas sua continuidade, e em que termos, é uma questão relevante. Não só a

serialização das produções é posta em questão com o passar do tempo, mas a própria sobrevivência dos dispositivos.

Nas *fanpages* sabemos que as empresas que as mantêm garantem continuidade às postagens. Então sua continuação não é significativamente ameaçada. Uma hipótese sobre esses ambientes diz respeito à possibilidade da frequência de postagens baixarem, daí seu programa restar enfraquecido. Já os sites Floreios e Borrões e fanfiction.net tem autonomia bastante distintas. Como o endereço em português é vinculado a um domínio de fãs de Harry Potter, Potterish, seu acervo de fanfictions está protegido pela manutenção daquele registro, além de colaborações de usuários “VIPs” e algumas propagandas. Mas é possível perceber que a utilização do site, pelo menos no que se refere a novas submissões de histórias, decaiu bastante. Reparamos que desde a coleta de dados os número totais praticamente se mantiveram nos mesmos 26 mil. O modelo de fanfiction.net permite uma sobrevivência, pelo menos ao endereço. Lá os envios podem ser feitos com relação a diversas séries, não apenas Harry Potter.

As atividades dos Herdeiros de Sonserina só existem no momento. As postagens de fotos e vídeos não têm sentido em si, apenas na medida em que gravam os encontros. A continuação do grupo, portanto, depende do compromisso dos organizadores nos anos que virão, da ligação que a série tem com os fãs, se é capaz de mobilizá-los por longos espaços de tempo, e da renovação de seus adeptos. Merece observação o fato de que outros filmes foram prometidos, o que deve impulsionar novamente o interesse pela saga e também a movimentação nos dispositivos estudados.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas “considerações finais” realizamos a prestação de contas sobre a totalidade do texto que aqui apresentamos. Por sinal, essa retomada será facilitada em vista da perspectiva que tomamos, de movimentos ascendentes e descendentes, de ida das teorias aos materiais e dos materiais às teorias, na tarefa de construção do caso (FERREIRA, 2010b). Tentamos nunca nos afastar das inferências produzidas em cada capítulo do texto, ainda que para a exposição a escolha por compartimentar o trabalho fosse necessária. Portanto, estas últimas linhas ressaltam os principais aspectos inferidos e os indícios de onde os buscamos.

De início, esta dissertação apresentava-se ao pesquisador como um projeto essencialmente distinto. Através de uma leitura da sociedade baseada no que chamaríamos agora de “sociedade dos meios” esboçamos as primeiras linhas. A transição da graduação para o Ensino Superior demonstra ser uma tarefa árdua ao pesquisador sem experiência acadêmica. Por esse motivo nossas concepções eram bastante marcadas por uma literatura variada, especialmente a de natureza marxiana, o que de modo algum garantia “veracidade” aos argumentos. Mas com as interações no decorrer do curso, com colegas, professores e através do compromisso de auto-aprimoramento conseguimos alcançar o que consideramos serem alguns avanços.

As primeiras discussões que alimentamos dizem respeito aos capítulos 2 e 3. As questões sobre objeto, método e problemas nos exigiram atenção especial nos primeiros semestres. As soluções que temos fornecido nesse sentido, sobretudo com relação ao método, são fruto de nossa forma de trabalho, com orientações individuais e coletivas. Assim, quando perguntamos por um modo de pesquisar orientado à descoberta defendemos a abdução. E esse procedimento busca associar aqueles métodos de raciocínio tradicionais, a indução e a dedução, com a formulação de hipóteses, pretendendo realizar inferências criativas (FERREIRA, 2012). Mas decidir simplesmente pela abdução nos levava ao problema de como operá-la no trabalho. Propusemos assim dois movimentos metodológicos. O primeiro referia-se à realização de analogias e homologias, a partir dos problemas propostos, entre os dispositivos analisados; já o segundo tomava os extratos dessas inferências como motivo para abduções dentro do campo da Comunicação.

Propriamente quanto à formulação dos problemas e proposições de pesquisa nos afiliamos a uma leitura sobre o conceito de dispositivos. Como desenvolvemos no segmento teórico (5.1.2.), essa conceituação nos serviu de amparo nos caminhos a percorrer. Não aceitamos simplesmente uma definição de dispositivos “midiáticos”, pois um de nossos casos, o fã-clube, resistia a uma abordagem desse tipo. Sobre os empíricos há uma articulação entre o que é concebido a partir dos meios de comunicação e o que se faz através de interações. Ao prosseguirmos interpretando as relações a partir de sua natureza como dispositivos interacionais (BRAGA, 2011) encontramos maior coerência. Ainda assim, mantivemos a reflexão sobre as três camadas existentes nas relações mantidas pelos dispositivos (FERREIRA, 2006): a sócio-antropológica, a semio-discursiva e a tecno-tecnológica.

Naturalmente, os três dispositivos estudados são análogos porque se apropriam da narrativa de Harry Potter. Entretanto, diferem-se a partir das lógicas empregadas. E mais, cada caso trazido à leitura confere uma particularidade aos eixos surgidos da análise, verticalização, prevalência do valor de culto e limitações das estruturas. Esses processos são identificados como analogias mais complexas no conjunto empírico selecionado.

Os cinco casos analisados possibilitaram-nos compreender como alguns modelos de apropriação nos espaços partilhados por fãs podem estabelecer-se sobre uma *hierarquização*. E entendemos essa hierarquização por linhas de força a atuar de uns interagentes, melhores posicionados, sobre outros.

Nos casos de A Varinha e Harry Potter, o acúmulo de poder dos promotores das páginas sobre os usuários demonstra ser o mais forte entre todos os dispositivos. A assimetria estabelecida assim tem um sentido parcialmente tecnológico e social no Facebook. O risco do “autoritarismo tecnificado” foi uma observação que fizemos em 5.1.1. De fato, essa superposição das camadas no dispositivo leva os fãs a se submeterem a uma ordem. As páginas tanto contêm uma centralização das postagens que não admitem diretamente a participação dos fãs, como as funcionalidades restringem a emissão de opiniões. Opções um tanto restritas, mas se considerarmos a dinâmica dessa rede de socialização também entendemos que é o ambiente no qual se proporciona a maior circulação desses discursos dos fãs.

A verticalização aí tem um significado evidente. Trata-se da forma de operar de duas organizações mercadológicas, um estúdio e uma loja. Seu intuito é, ao se apropriar da narrativa ficcional, fazer emergir o consumo de seus produtos pelos seguidores.

A assimetria é distinta no caso dos Herdeiros de Sonserina. O fã-clubes necessita desse tipo de organização. Ora, a concepção dos encontros e das exposições passa por um planejamento de difícil sustentação sem um corpo de coordenadores. Assim eles emitem as diretivas para as atividades dos fãs participantes. Quando se encontram, as tarefas são pronunciadas por um grupo que assumiu o comando, sem o qual as gincanas provavelmente não ocorreriam. Mas essa posição “privilegiada” é fruto da iniciativa individual dos gestores, que iniciaram os encontros há quatro anos, e assim conquistaram um público que – embora pareça variável –, reconhece o trajeto histórico do coletivo. Sem fugirmos desse escopo, ainda ressaltamos a diferenciação sustentada pela participação nas atividades. Enquanto uns participantes se envolvem com mais intensidade e domínio, outros são mais introspectivos.

Em menor intensidade, o que se demonstra nos casos das fanfictions é uma ordem protocolar. No limite, a hierarquia que identificamos no processo compreende a diferença nas competências de escrita e leitura, pois mesmo os papéis são intercambiáveis. Após se registrar, um leitor pode ser escritor e inversamente. Essa dimensão, portanto, é mais de origem semio-discursiva que sócio-antropológica, como nos casos anteriores.

Por outro lado tratamos do processo de consumação de *valor de culto* sobre a narrativa de Harry Potter. Consiste numa manifestação semio-discursiva análoga (portanto uma analogia figurativa) a todos os casos trabalhados.

Nos Herdeiros de Sonserina a celebração da série demonstra ser mais radical. Quando em momentos específicos os fãs possibilitam transformarem-se em personagens da narrativa ao executar os feitiços, enquanto outros os observam, temos um exemplo rico do culto aí produzido. Contudo, isso não deve ser entendido como reprodução gratuita do que foi exposto nos livros e nos filmes, pois os fãs conseguem transitar em uma breve faixa de improviso enquanto exercitam sua admiração. Pudemos conceber como se formam estilos variados nas atuações, até porque a Academia de Aurores em questão se tratava de uma competição performática.

Já nas fanfictions de Floreios e Borrões e fanfiction.net esperávamos encontrar as maiores variações críticas sobre a série. Entretanto, a associação aos cânones revelou ser uma barreira intransponível, sob pena de rejeição do circuito de fãs. Por isso inferimos que das apropriações, essa, a relação mais desenvolvida realizada sobre a obra, toma também como partida o valor de culto, justamente na formação de uma experiência relacional com outros fãs.

E, como podemos estender do argumento anterior, a ligação das páginas do Facebook a organizações de mercado não deixa escapar o interesse em projetar sobre a obra uma adoração. Assim, as *fanpages* mantêm as postagens sem questionar a legitimidade de Harry Potter, pelo contrário, tentam reafirmar a série através de imagens dos filmes, principalmente. A narrativa é tida aí mais como uma franquia, um produto a ser explorado do que um objeto que eu me identifico e gosto, a perspectiva dos fãs.

Igualmente considerada sobre os casos, as *limitações interacionais das estruturas* ocorrem necessariamente em todas as manifestações abordadas.

O fã-clubes tem limitações de espaço e duração para as atividades. Além de obedecerem a uma regularidade variável. Mas o que identificamos como as maiores restrições para os fãs nesse dispositivo referem-se à mediação que os organizadores promovem e a vinculação das atividades aos livros publicados. De um lado a criação fica submetida a inventividade dos indivíduos que fazem as propostas, de outro é preciso que os participantes tenham lido os volumes para entender seus detalhes. No que diz respeito às encenações e jogos, o exercício da corporeidade é que circunscreve as ações do grupo. No fã-clubes, mais do que restrições na esfera tecnológica, reconhecemos uma prevalência da esfera sócio-antropológica, isto é, o modo como as atividades se consumam entre os agentes.

Nas fanfictions manifesta-se a atualização de uma lógica anterior, de produção de textos derivados de narrativas do mercado. Porém, parece mais que essa adaptação constitui-se numa transposição, já que as publicações *online* não possuem muitos artifícios do hipertexto. No máximo encontramos uma capa para ilustrar as ficções. Em parte isso é derivado da própria estrutura tecnológica dos sites, que, além disso, exigem o preenchimento de vários campos para submissão das fanfictions. Conhecer as ferramentas de edição e comentários nos endereços é um requisito para poder participar desses grupos. Ademais, essas restrições podem ser visualizadas a partir dos

redirecionamentos, dos desvios, que os usuários promovem. O fato de desenvolverem propagandas de outras fanfictions e utilizarem notas do autor no corpo do texto para se comunicar indicam que as utilizações da estrutura pouco a pouco são deslocadas conforme os desejos dos fãs. É claro que não é diretamente possível alterar os códigos de programação do site, mas os usuários se apropriam dos usos previstos e os transformam.

Contudo, a maior limitação verificada está nas páginas do Facebook. Enquanto “curtem” e automaticamente seguem as postagens de A Varinha e Harry Potter, restam aos fãs três opções básicas, curtem cada nova publicação, compartilham-nas ou comentam-nas. Essa baixa interatividade e o predomínio das imagens resumem a invariabilidade que verificamos no período observado. Tampouco notamos desvios por parte dos fãs. As limitações aqui são derivadas essencialmente da camada tecnológica, que não prevêem muitas alternativas de usos.

Devemos ainda considerar os aspectos comunicacionais, de expansão dos circuitos de fãs. O argumento produzido sob esse prisma está intrinsecamente ligado ao conceito de midiaticização (capítulo 6). A aceleração dos fluxos informacionais abriu possibilidades para os fãs expandirem seu raio de abrangência. O que ocorreu nos casos das páginas do Facebook demonstra que o ambiente dilata o alcance desse grupo de consumidores de produtos da cultura. Numa rede de socialização na *internet* encontramos a maior possibilidade de circulação para as apropriações dos fãs, ainda que nos casos estudados a centralidade das postagens pertença a organizações de mercado.

Noutro sentido, a expansão dos Herdeiros de Sonserina é instrumental e propagandística. É dizer, o uso feito pelos organizadores das possibilidades das ferramentas digitais é para gerenciar e divulgar as atividades executadas. Quando possível eles registram os encontros e complementam seu acervo, mas a expansão desse circuito face a face é só auxiliada pelas TICs. Ele encontra seu fundamento nos eventos presenciais. Essa característica desde já supera o paradigma de sociedade dos meios descrito por Jenkins (1992: p. 17), no qual predominava o isolamento dos fãs dos *shows* televisivos. Será mais fácil interpretar essa projeção sob o julgamento de um de seus estudos posteriores (JENKINS, 2006: p. 155), que coloca os consumidores mobilizados através das tecnologias como uma força a impulsionar a recirculação dos conteúdos midiáticos.

Ainda, outras seis inferências foram possíveis ao tomarmos a relação dos dispositivos com a série. A coexistência com paradigmas de comunicação anteriores está na medida em que os fenômenos, mesmo ancorados nas TICs, revelam matrizes de períodos históricos que precedem a Ciberesfera. Assim, o fã-clube aciona relações da Logosfera (oralidade) e as fanfictions tomam como base os processos elementares da Grafosfera (texto). Isto para citar os aspectos mais evidentes nessas expressões. Já a tentativa de formar programas em torno dos casos analisados remonta ora a uma preocupação com os consumidores potenciais, nas *fanpages* do Facebook, ora a manutenção dos laços de amizade e o apego à série verificados entre os Herdeiros de Sonserina. Quanto às fanfictions não se desenvolve um programa concreto, já que a qualidade das criações dificilmente poderia ser periodizada.

A legitimação dos produtos canônicos está associada ao valor de culto. Quando as intervenções sobre a série não conseguem elaborar críticas e hipóteses sobre o funcionamento da narrativa, a consequência imediata de suas ações é incentivar o consumo dos principais artigos disponíveis em torno de Harry Potter. A circulação oriunda das páginas do Facebook favorece a emergência dos filmes como bem de consumo, enquanto que nas fanfictions e no fã-clube os livros são legitimados. Nessa medida a própria indústria investe no fandom para aumentar o lucro. Não apenas a manutenção de uma página numa rede social *online* que constitui nosso caso, Harry Potter, revela isso, como o assédio notado em torno das fanfictions num período inicial e o convite destinado aos Herdeiros de Sonserina para a *première* do último filme configuram uma estratégia da indústria em formar uma espécie de pacto com os fãs.

Por sua vez, quando afirmamos que as formas de apropriação de nosso *corpus* valorizam qualidades particulares sobre as criações estamos retornando ao argumento das inferências locais. As páginas do Facebook são destinadas à ampla circulação, as fanfictions privilegiam a escrita e seus eventuais comentários e o fã-clube destaca-se pela proposta de socialização e ludismo. E está associada a essas qualidades configuradas nos dispositivos a noção de temporalidade das criações. Se no fã-clube o tempo de duração é apenas aquele em que ocorre a interação, nas fanfictions as histórias permanecem por anos podendo ser acessadas e comentadas. Já nas páginas A Varinha e Harry Potter o fundamento do Facebook fez com que muitas das postagens fossem retiradas, ameaçando o tipo de registro da rede social que, em tese, ficaria resguardado.

A partir dessa análise geral, sobre a qual pesa a escolha do *corpus* na imensidão do fandom de Harry Potter, pudemos apontar alguns resultados. Entretanto, a complexidade das ações dos fãs é ainda maior. Tomando em conta as limitações do período de Mestrado acreditamos ter alcançado algumas sugestões para pesquisas posteriores. Ainda mais se as relacionarmos a outros trabalhos com esse mesmo foco dentro do campo da Comunicação.

Algumas reflexões não ocuparam nosso esforço neste trabalho, mas beneficiariam a compreensão do objeto. Apesar de nos situarmos no ramo da Comunicação, sobretudo aquelas perspectivas que versam sobre a teoria narrativa nos enriqueceriam. Mais especificamente a abordagem do gênero literário analisado por Propp (2006) e Todorov (2003), a narrativa fantástica.

Ademais, a crueza de nosso tratamento sobre a cultura de consumo também pode ser questionada, dada a circunstância de disseminação das sagas literária e cinematográfica. A raiz desses processos de consumo na modernidade e sua ligação com a cultura burguesa são pesquisas prolongadas que mereceriam nossa dedicação. Entretanto, já apresentamos outro projeto relacionado, sobre a mercantilização das criações de fãs por agentes das indústrias. Por isso ressaltamos a harmonia tênue entre admiradores apaixonados e empresários. A transição de um espaço a outro, do culto ao comércio, mesmo que retire o estatuto de fãs de uns – pela nossa definição a respeito desse grupo cultural –, ocorre na medida em que se abrem possibilidades de inserção no mercado. O problema em relação a isso é a violação de direitos autorais. Essa perspectiva foi ressaltada por Patrice Flichy durante seminário na Unisinos, em setembro e outubro de 2013.

E se concordarmos com as leituras sobre a midiatização e a convergência midiática, aparentam os fãs serem cada vez mais importantes nas relações sociais. O funcionamento da cultura midiática, que parte dos conglomerados, está associado a esse engajamento que os fãs efetuam na divulgação interpessoal. Conforme nosso paradigma comunicacional se desenvolver pretendemos retornar à reflexão inacabada sobre os usos e práticas dos fãs.

Por outro lado, a continuidade dessas ações baseadas em Harry Potter é de nosso interesse, visto o anúncio de novos filmes. Na medida em que uma geração envelhece, é possível que outra tome seu lugar ao produzir essas e outras apropriações. A pós-vida da

narrativa deverá ser duradoura, dado o interesse do mercado em renová-la até esgotar-se. E seus promotores podem fazer isso com o auxílio dos fãs, como já sugerem com pequenas aproximações, notadas a propósito dos três dispositivos estudados.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ARISTÓTELES. **Tópicos**. Cultvox – Domínio Público. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000069.pdf>>. Último acesso em 24 mar. 2014.

BENTO, Victor Eduardo. **Introdução ao método de pesquisa das paixões “tóxicas”**: do raciocínio por analogia à semiologia psicanalítica. In: *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v.32(1), p. 175-192, 2009.

BLACK, Rebecca W. **Fanfiction Writing and Construction of Space**. *E-Learning*, v. 4, n. 4, p. 284-397, 2007.

BRAGA, José Luiz. **Mediatização como processo interacional de referência**. In: MÉDOLA, Ana Silvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (orgs.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática – Encontro da XV Compós*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Experiência estética & mediatização**. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos (Orgs.). *Entre o sensível e a Comunicação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.73-88.

_____. **Dispositivos interacionais**. Trabalho apresentado no GT Epistemologia da Comunicação do XX Encontro Compós, UFRGS, 2011.

_____. **Circuitos versus Campos Sociais**. In: JANOTTI Jr. Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (Orgs.). *Mediações e Mediatização – Encontro da XVII Compós*. Salvador: Edufba, 2012.

BRITO JÚNIOR, Antonio Barros de. **Arte e abdução na obra teórica de Umberto Eco**. In: *Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 8, n. 1, ago. 2010.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRA, Jairo. **Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos**. In: Libero, São Paulo, Faculdade Cásper Libero, n. 17, p. 137-145, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/6112/5572>>. Último acesso em 13 jan. 2014.

_____. **Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional**. In: Antonio Fausto Neto; Jairo Ferreira; José Luiz Braga; Pedro Gilberto Gomes. (Org.). *Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010a, v. 1, p. 67-78.

_____. **Los Laberintos Sobrepuestos: una hipótesis sobre el método em la investigación empírica**. In: *Conjecturas*, Bogotá, Universidad Distrital, v. 2, p. 1-15, 2010b.

_____. **O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa em comunicação**. In: *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 27, p. 161-172, dez. 2012.

_____. **Midiatização como contexto das instituições: rupturas e continuidades com as mediações sócio-semióticas da cultura**. In: Marchiori, Marlene (Org.). “Fases da Cultura e da Comunicação Organizacional”. “Contexto organizacional midiaticado”. São Paulo: Difusão Editora Ltda.. 2014 (no prelo).

FLICHY, Patrice. **Le sacre de l’amateur: Sociologie des Passions Ordinaires à L’Ère Numérique**. Seuil: Paris, 2010.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GUNELIUS, Susan. **Harry Potter: the story of a global business phenomenon**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

GOMES, Pedro. **Da Sociedade dos Mídias à Sociedade da Midiatização**. *Revista Instituto Humanitas Unisinos* [online], n. 357, ano XI, abr 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3769&secao=357>. Último acesso em 9 jan. 2014.

JACOBY, Sissa; RETTENMAIER, Miguel (orgs.). **Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter**. Passo Fundo: UPF, 2005.

JACQUES, Edu. **Fanfiction vai ao Mercado: Fifty Shades of Grey, do fandom ao best-seller**. Trabalho apresentado no VI Simpósio Nacional da ABCiber. Novo Hamburgo, Feevale, 2012a.

_____. **Midiatização na Política: o Caso do Partido Pirata Brasileiro**. Trabalho apresentado no IV Seminário de Epistemologia e Pesquisa em Comunicação. São Leopoldo, Unisinos, nov 2012b

JENKINS, Henry. **Textual Poachers: television fans and participatory culture**. New York: Routledge, 1992.

_____. **Fans, bloggers, and gamers: exploring participatory culture**. New York, New York University, 2006.

_____. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTOS NÚÑEZ, Eloy. “Tunear” los libros: series, fanfictions y otras prácticas emergentes de lectura. In: *Revista OCNOS* nº 2, 2006, p. 63-77.

MIÈGE, Bernard. **A sociedade tecida pela comunicação**. Técnicas da Informação e Comunicação entre Inovação e Enraizamento Social. São Paulo: Paulus, 2009.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PERAYA, Daniel. “Médiation et médiatisation: le campus virtuel”. In: *Hermès: cognition, communication, politique* - Le Dispositif - Entre usage et concept, nº 25, 1999, p. 153-167. Paris: CNRS Éditions. Disponível em: <http://documents.irevues.inist.fr/bitstream/handle/2042/14983/HERMES_1999_25_15_3.pdf>. Último acesso em 9 jan. 2014.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

PROULX, Serge. **La puissance d’agir des citoyens dans un monde fortement connecté**. Conferência ministrada em São Leopoldo, Unisinos, 18 abr 2013.

PROULX, Serge & BRETON, Phillipe. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo, Loyola, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da Cibercultura: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

_____. **Harry Potter e a câmara secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

_____. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

_____. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SMADJA, Isabelle. **Harry Potter: as razões do sucesso**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: UPF, 2004.

VERÓN, Eliseo. **Esquema para el analisis de la Mediatización**. In: Diálogos de la Comunicación, Lima, nº. 48, out. 1997.

VIRES, Pyret. **Literature in Cyberspace**. *Folklore: Electronic Journal of Folklore* [online], v. 29, p.152-74, 2005. Disponível em: <<http://www.folklore.ee/folklore/vol29/cyberlit.pdf>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

WHISP, Kennilworthy. **Quadribol através dos séculos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

Notícias

BALL, James; RUSHE, Dominic. PRISM scandal: tech giants flatly deny allowing NSA direct access to servers. The Guardian [online], 7 jun. 2013. Acessível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2013/jun/07/prism-tech-giants-shock-nsa-data-mining>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

BBC NEWS [online], 23 jun. 2011. Harry Potter series to be sold as e-books. Acessível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/entertainment-arts-13889578>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

BERMAN. A. S. Lame TV season? Write your own episodes online. USA Today [online], 20 ago. 2001. Acessível em: <<http://usatoday30.usatoday.com/tech/2001-02-22-net038.htm>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

BORGO, Érico. Harry Potter | WB vai retirar todos os filmes das prateleiras. Omelete [online], 25 out. 2011. Acessível em: <<http://omelete.uol.com.br/harry-potter/dvd-blu-ray/harry-potter-wb-vai-retirar-todos-os-filmes-das-prateleiras/>>. Último acesso em 25 jan. 2014.

BRINDED, Liana. Harry Potter and the Goblet of Cash – A \$1bn franchise. International Business Time [online], 26 jun. 2012. Acessível em: <<http://www.ibtimes.co.uk/articles/356466/20120626/harry-potter-jk-rowling-warner-bros-time.htm>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

CARNEIRO, Julia. Groundbreaking soap opera grips Brasil. BBC News [online], 19 out. 2012. Acessível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-latin-america-20001198>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

CONGO, Mariana. Um terço dos brasileiros tem Facebook: País se torna o 2º em número de usuários. O Estado de São Paulo [online], 23 jan. 2013. Acessível em: <<http://blogs.estadao.com.br/radar-tecnologico/2013/01/23/um-terco-dos-brasileiros-tem-facebook-pais-se-torna-o-2o-em-numero-de-usuarios/>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO [online], 31 dez. 2012. Aventuras de "Harry Potter" abriram caminho para a saga "Crepúsculo". Acessível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhateen/1208076-aventuras-de-harry-potter-abriram-caminho-para-a-saga-crepusculo.shtml>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

LOS ANGELES TIMES [online], 9 mai. 2012. Harry Potter Heads to Universal Studios Japan. Acessível em: <<http://latimesblogs.latimes.com/entertainmentnewsbuzz/2012/05/harry-potter-heads-to-universal-studios-japan.html>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

OLHAR DIGITAL [online], 21 jan. 2014. Facebook muda algoritmo para privilegiar posts de fanpages com links. Acessível em: <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/facebook-muda-algoritmo-para-privilegiar-posts-de-fanpages-com-links/39889>. Último acesso 23 jan. 2014.

SUDDATH, Claire. J.K. Rowling Will Write a New Harry Potter Movie. Bloomberg Businessweek [online], 12 set. 2013. Acessível em: <<http://www.businessweek.com/articles/2013-09-12/j-dot-k-dot-rowling-will-pen-a-new-film-set-in-harry-potters-world>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

WOODDEN, Cindy. Vatican newspaper praises values in new Harry Potter film. Catholic News Service [online], 14 jul. 2009. Acessível em: <<http://www.catholicnews.com/data/stories/cns/0903210.htm>>. Último acesso em 9 jan. 2014.

ANEXOS

Anexo 1 – Página inicial de fanfiction.net

FanFiction.Net | unleash your imagination Mobile Login | Sign Up

Browse Just In Communities Forums Betas A A Story Search

Fanfiction

Anime/Manga Books Cartoons Comics Games

Misc Movies Plays/Musicals TV Shows

Crossovers

Anime/Manga Books Cartoons Comics Games

Misc Movies Plays/Musicals TV Shows

News Follow our blog or twitter for updates

04/06/2013: Scheduled Downtime: April 7th, 1AM US Pacific Time, -15 minutes
To upgrade some of our network gear, we will need to disable site access for about 15 minutes starting at 1AM US Pacific time. We apologize for this slight inconvenience.

04/06/2013: Services Slowed by Network Attack
Please note our network is currently being targeted with a sizable network attack. Majority of site features are working as normal but some are operating in degraded mode. We are currently working with our network provider to resolve this external problem. Problems due to ongoing attack: Email Alert Delivery. We have currently disabled email delivery [...]

04/06/2013: Search and iCloud Update
Please note the search engine will not return the latest data for most of today pending the completion of several important upgrades. Update on iCloud Email Delivery We have confirmed that iCloud is performing "silent" drops meaning no one, not us, nor the intended users, are notified of any problem with email delivery. Everything goes into [...]

04/01/2013: Micro Update: Misc Changes
UPDATED: The following changes introduced a bug which resulted in some reviews/docs/forum posts having unintended single spaces injected into the text. Problem has been fixed and the bug duration was around 5 minutes. Fixed: Arial font not working in Fantastic Panel, DocX (Document Xchange) submission preview was not showing proper font colors. Chapter jump menu [...]

03/31/2013: Fantastic 2: Operation Eye Saver
We are introducing an experimental new texture (background) option for our Fantastic Panel in "Reading" mode. Only applicable to story reading pages and only with the default dark-on-light theme. This new addition is subject to drastic changes and thus the experimental tag. With 8 different paper like textures to choose from, readers that love the default dark-on-light [...]

03/30/2013: Micro Update: IE8 and In-Page Sorting

We are always looking for new ways to improve! If you have a feature request or comment, send us a tweet or email us.

Tweets Follow @FICTIONPRESS

FictionPress @FICTIONPRESS 7 Apr
Scheduled Downtime: April 7th, 1AM US Pacific Time, -15 minutes
blog.fictionpress.com/2013/04/06/sch...
Expand

FictionPress @FICTIONPRESS 6 Apr
Services Slowed by Network Attack
Tweet to @FICTIONPRESS

Need a free alternative to Microsoft Word? We recommend LibreOffice.

Tips:

- Want more reviews to your stories? Review other stories and join the forums to converse with fellow members. The more you are involved in the community, the more exposure you will receive.
- Keep that clock ticking. Make sure to set your computer, tablet, or phone to...

Anexo 2 – Página inicial de Floreios e Borrões

Grimmauld Place POTTERISH

Floreios e Borrões

ARQUIVO DE FANFICTION Autor Titulo Snippet Mais Lidas Mais Votadas Ordenar por Tipo

(Pesquisar fic e autores/leitores)
Procurar

Login de Usuário:
E-mail:
Senha:
Lembrar-me! Entrar
Ainda não é cadastrado?
Cadastre-se agora

Usuários VIP:
Selecione

Bem vindo à Seção de Fan Fic do Potterish.com

Floreios e Borrões Curtir 6.226

Potterish Curtir Você curtiu isso.

Camisetas Potterish

Anexo 3 – Antiga página inicial do *website* dos Herdeiros de Sonserina


Home | Sobre | Equipe | Símbolos | Associar-se | Encontros Potterianos | Animes | Lembrol | Contato

DESTAQUE



1º EP. de 2013!



Baile de Inverno - Fotos!



Acompanhe o Facebook!

RTA Global trará para o Brasil atores da série Harry Potter ainda esse ano na **Hogwarts Convention**. Você pode acompanhar mais detalhes curtindo a **página oficial do Facebook** da convenção e **seguir-los** no Twitter!

Confira a data dos primeiros eventos do ano, clique aqui.

+MAIS POTTER



Hogwarts Convention



Conto dos fãs - conheça as fanfics.



Harry Potter em 99 segundos. Veja!

AGENDA

PRIMEIRO EP. DE 2013!

QUADRI-BOL

Saravá, Barra Shopping Sul

27/04/2013 - 15:00h - 9:48





FOTOS

REDES SOCIAIS

Orkut
Twitter
YouTube
Facebook

COPA DAS CASAS



Confira a pontuação de cada uma das casas!

CONTATO

E-mail: contato@herdeirosdesonserina.com
herdeirosdesonserina@brturbo.com.br

Twitter: [@herdesonserina](https://twitter.com/herdesonserina)

PARCEIROS

Potterish
Fanzone - Potterish
SaraváMegaStore
Ordem da Fênix Brasileira
Abni Jovem
Potterfest!

Herdeiros de Sonserina

Não temos nenhuma ligação com J.K.Rowling, Warner Bros., Rocco, Bloomsbury ou qualquer outra marca que tenha direitos autorais sobre a obra Harry Potter. Fã clube Harry Potter - Porto Alegre - RS. contato@herdeirosdesonserina.com